



**RENATA WERNECK RODRIGUES**

**DIAGNÓSTICO COM TÉCNICAS DE PLANEJAMENTO  
NA ASSOCIAÇÃO AGROECOLÓGICA ÉCOLETIVO**

**LAVRAS-MG  
2025**

**RENATA WERNECK RODRIGUES**

**DIAGNÓSTICO COM TÉCNICAS DE PLANEJAMENTO  
NA ASSOCIAÇÃO AGROECOLÓGICA ÉCOLETIVO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Desenvolvimento Sustentável e Extensão, área de concentração em Desenvolvimento Sustentável e Extensão, para a obtenção do título de Mestre.

Prof. Dr. Renato Elias Fontes  
Orientador

Prof. Dr. Henri Cócaro  
Coorientador

**LAVRAS-MG  
2025**

**Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca  
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).**

Rodrigues, Renata Werneck.

Diagnóstico com técnicas de planejamento na Associação  
Agroecológica Écoletivo / Renata Werneck Rodrigues. - 2025.  
124 p.: il.

Orientador(a): Renato Elias Fontes.

Coorientador(a): Henri Cócaro.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal de Lavras,  
2019. Bibliografia.

1. Planejamento. 2. Associativismo. 3. Desenvolvimento local. I.  
Fontes, Renato Elias. II. Cócaro, Henri. III. Universidade Federal de Lavras.  
IV. Título.

**RENATA WERNECK RODRIGUES**

**DIAGNÓSTICO COM TÉCNICAS DE PLANEJAMENTO  
NA ASSOCIAÇÃO AGROECOLÓGICA ÉCOLETIVO**

**DIAGNOSIS WITH PLANNING TECHNIQUES  
IN THE AGROECOLOGICAL ASSOCIATION ÉCOLETIVO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Desenvolvimento Sustentável e Extensão, área de concentração em Desenvolvimento Sustentável e Extensão para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 29 de abril de 2019.

Prof.<sup>a</sup> Dra. Viviane Santos Pereira UFLA

Dr. Djalma Ferreira Pelegrini EPAMIG

Prof. Dr. Renato Elias Fontes  
Orientador

Prof. Dr. Henri Cócaro  
Coorientador

**LAVRAS-MG  
2025**

*A todos que acreditam no desenvolvimento local  
sustentável e que principalmente acreditam na força  
das associações e no potencial das pessoas.*

*Dedico*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, sempre;

À família por tudo;

Aos associados que confiaram;

Ao Prof. Dr. Renato Elias Fontes, orientador, pela oportunidade e considerações;

Ao Prof. Dr. Henri Cócaro, coorientador, pelos ensinamentos, pelo exemplo, pelo apoio e incentivo;

Aos colegas do mestrado e professores pelas vivências e convivências;

À Universidade Federal de Lavras;

Ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Desenvolvimento Sustentável e Extensão;

Às pessoas da Secretaria Integrada e da Secretaria do Programa;

A todos, que de toda forma, contribuíram.

## RESUMO

Este trabalho teve por objetivo realizar diagnóstico com técnicas de planejamento, na Associação Agroecológica Écoletivo, com resgate dos aspectos históricos de fundação e caracterização da associação, descrição do perfil sociodemográfico dos associados, compreensão dos aspectos conceituais, motivacionais e avaliativos relacionados a associação, análise do ambiente externo e interno da associação e principalmente a identificação dos principais problemas, suas causas e consequências. Entendendo o planejamento como estratégia para o desenvolvimento local, se fez pertinente tal abordagem social, de natureza aplicada, exploratória, descritiva, em que o procedimento considerado adequado foi a pesquisa-ação. O local de pesquisa foi a Associação Agroecológica Écoletivo, escolhida em função de ser uma associação com a qual há contato através de projetos de extensão desenvolvidos na Instituição na qual a pesquisadora está vinculada. Os atores envolvidos foram a Diretoria Executiva da associação e seus associados. A coleta de dados foi realizada através de pesquisa documental, entrevista por pautas, com membros da diretoria e questionário semiestruturado aplicado aos associados. Também foram adotadas como coleta de dados as técnicas de planejamento: oficina de trabalho de atores sociais, organização em diagrama; matriz de hierarquização; árvore de encadeamento lógico. Para análise da investigação documental e entrevistas foi utilizada a técnica de abordagem qualitativa e foram adotadas análises de conteúdo para a análise e interpretação. A análise dos dados das oficinas de trabalho de atores sociais, se deu por análise de conteúdo, categorização e organização das informações. Em construção coletiva na oficina de atores sociais os problemas citados pelos participantes, agrupados através de análise de conteúdo, foram: baixa participação, dificuldades na gestão, evasão de associados, falta de uma sede e manutenção financeira, caracterizados na hierarquização nesta ordem de importância. Os dois mais importantes, baixa participação e dificuldades na gestão, foram analisados pelos associados em relação às suas causas e consequências, através de um espaço democrático e interativo de roda de conversa com reflexões a respeito do resultado do painel e sugestões para direcionamento de ações. O presente trabalho e o processo de construção coletiva proporcionaram o fortalecimento do grupo, onde os associados refletiram e raciocinaram em relação à realidade existente a fim de buscar uma realidade desejada por todos.

Palavras-chave: diagnóstico; planejamento; associativismo; desenvolvimento local.

## ABSTRACT

This work aimed to conduct a diagnosis using planning techniques at the Écoletivo Agroecological Association, focusing on recovering the historical aspects of its foundation and characterization, describing the sociodemographic profile of its members, understanding the conceptual, motivational, and evaluative aspects related to the association, analyzing its external and internal environments, and primarily identifying the main problems, their causes, and consequences. Considering planning as a strategy for local development, a social approach was deemed pertinent. The study had an applied, exploratory, and descriptive nature, with action research identified as the most appropriate methodology. The research was conducted at the Écoletivo Agroecological Association, selected because it is an association with which there is contact through extension projects developed at the institution to which the researcher is affiliated. The participants involved were the association's Executive Board and its members. Data collection was carried out through documentary research, guided interviews with board members, and a semi-structured questionnaire administered to members. Additional planning techniques were also used as data collection methods, including social actors' workshops, diagrammatic organization, hierarchy matrices, and logical thread trees. The analysis of the documentary research and interviews employed a qualitative approach, incorporating content analysis for interpretation. The data from the social actors' workshops were analyzed through content analysis, categorization, and information organization. In the collective construction process during the social actors' workshop, the problems mentioned by participants were grouped through content analysis and included: low participation, management difficulties, member attrition, lack of a headquarters, and financial maintenance challenges. These were ranked in this order of importance. The two most critical issues, low participation and management difficulties, were analyzed by members regarding their causes and consequences through a democratic and interactive discussion, including reflections on the panel results and suggestions for action. This study and the collective construction process strengthened the group, encouraging participants to reflect and reason about the existing reality while seeking a future reality desired by all.

Keywords: diagnosis; planning; associativism; local development.

## INDICADORES DE IMPACTO

A realização do diagnóstico com técnicas de planejamento na Associação Agroecológica Écoletivo, localizada no município de Rio Pomba, Zona da Mata de Minas Gerais, resultou em impactos em diferentes dimensões. Participaram do processo treze associados, beneficiando a população local de comunidades nas quais os associados residem e também a sociedade e os próprios territórios onde a associação atua. Esses impactos foram analisados sob as perspectivas social, tecnológica, econômica e cultural. O trabalho trouxe impactos sociais uma vez que pode ajudar a identificar as necessidades e aspirações da comunidade, promovendo a participação ativa dos membros e o fortalecimento da coesão social ao fortalecer a organização interna da associação e estimular a participação ativa dos membros na tomada de decisões. Isso resultou em maior coesão e empoderamento dos associados e associadas envolvidos. Além disso, promoveu um entendimento mais profundo da dinâmica social e das necessidades dos membros da Associação Agroecológica Écoletivo, ao mapear o perfil sociodemográfico e compreender os aspectos conceituais e motivacionais dos envolvidos. Esse diagnóstico permitiu uma maior integração e valorização dos saberes locais, fomentando a união dos membros em torno de objetivos comuns e fortalecendo a coesão social. Além disso, ao identificar problemas e suas causas, a pesquisa estimulou o engajamento comunitário, abrindo espaço para diálogos que incentivam a participação ativa na resolução dos desafios enfrentados pela associação. Em relação aos impactos tecnológicos, as técnicas aplicadas permitiram intercâmbio de conhecimento, com troca de informações entre membros da associação, promovendo a adoção de tecnologias adequadas à realidade local. Economicamente, o planejamento estratégico permitiu à Écoletivo otimizar seus recursos e ampliar sua capacidade de geração de renda na medida em que buscou melhorias na gestão da associação e ampliou a capacidade de captação de recursos através de projetos. Culturalmente, o diagnóstico reforçou a valorização do conhecimento tradicional, contribuiu para preservar e fortalecer a identidade cultural, promovendo um sentimento de pertencimento e orgulho entre os associados, além de promover valorização dos conhecimentos locais. A partir da realização do diagnóstico, a associação pôde redefinir suas estratégias e implementar soluções que atendam às demandas específicas de seus associados, promovendo impacto positivo e duradouro em diversas esferas.

## IMPACT INDICATORS

The implementation of a diagnostic using planning techniques at the Agroecological Association *Écoletivo*, located in the municipality of Rio Pomba, in the Zona da Mata region of Minas Gerais, resulted in impacts across different dimensions. Thirteen members participated in the process, benefiting the local population in the communities where these members live, as well as positively impacting society and the territories in which the association operates. These impacts were analyzed from social, technological, economic, and cultural perspectives. The work generated social impacts by helping to identify the community's needs and aspirations, promoting the active participation of members, and strengthening social cohesion. It also enhanced the association's internal organization by encouraging members' involvement in decision-making processes. This resulted in greater cohesion and empowerment among members and the communities involved. Moreover, the process promoted a deeper understanding of the social dynamics and needs of *Écoletivo*'s members by mapping their sociodemographic profiles and exploring their conceptual and motivational aspects. This diagnosis enabled greater integration and appreciation of local knowledge, fostering unity around shared goals and reinforcing social bonds. Additionally, by identifying problems and their root causes, the research encouraged community engagement, creating opportunities for dialogue and stimulating active participation in addressing the challenges faced by the association. In terms of technological impacts, the techniques applied facilitated knowledge exchange and information sharing among members, promoting the adoption of technologies suited to the local context. Economically, strategic planning enabled *Écoletivo* to optimize its resources and expand its income-generating capacity by improving its management and increasing its ability to attract funding through project proposals. Culturally, the diagnostic process reinforced the appreciation of traditional knowledge, contributing to the preservation and strengthening of the association's cultural identity. It also fostered a sense of belonging and pride among members while valuing local knowledge systems. As a result of the diagnostic process, the association was able to redefine its strategies and implement solutions tailored to the specific needs of its members, generating a positive and lasting impact across multiple areas.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### **Figuras**

Figura 1 – Desenvolvimento Sustentável.....	22
Figura 2 – Os grupos informais são frequentemente os embriões de grupos formais.....	29
Figura 3 – A dinâmica de um grupo .....	30
Figura 4 – Processo sistemático de planejamento.....	33
Figura 5 – Cinco sub processos fundamentais do processo de educação participativa.....	35
Figura 6 – Organização em Diagrama.....	43
Figura 7 – Instituições com as quais a associação se relaciona.....	69
Figura 8 – Árvore de encadeamento lógico do problema “baixa participação” .....	83
Figura 9 – Sistematização do problema “dificuldades de gestão” .....	85

### **Quadros**

Quadro 1 – Quadro Metodológico.....	46
-------------------------------------	----

### **Imagens**

Imagem 1 – Mapa de Minas Gerais com destaque na cidade de Rio Pomba.....	48
Imagem 2 – Comunidade Bom Jardim, Município de Rio Pomba e cidades do entorno.....	49

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Codificação dos atores envolvidos.....	41
Tabela 2 – Motivos para a criação da associação.....	52
Tabela 3 – A razão de ser da associação.....	53
Tabela 4 – Onde se pretende chegar com a associação.....	54
Tabela 5 – Entendimento da diretoria sobre o desenvolvimento local sustentável.....	55
Tabela 6 – Entendimento dos associados sobre o desenvolvimento local sustentável.....	55
Tabela 7 – Ações definidas no Estatuto para consecução dos objetivos e atual situação.....	58
Tabela 8 – Dados Sociodemográficos.....	60
Tabela 9 – Entendimento sobre Associativismo.....	63
Tabela 10 – Motivos para participar da associação.....	64
Tabela 11 – Avaliação da atual situação da associação.....	64
Tabela 12 – Relacionamento entre a diretoria e os associados.....	65
Tabela 13 – Importância da participação na associação.....	65
Tabela 14 – Atuação em prol do desenvolvimento local da região.....	66
Tabela 15 – Possibilidade de melhorias na associação.....	66
Tabela 16– Oportunidades e ameaças citadas pelos membros da diretoria.....	70
Tabela 17 – Potencialidades e problemas citados pelos membros da diretoria.....	72
Tabela 18 – Análise de conteúdo das oportunidades citadas pelos associados.....	75
Tabela 19 – Análise de conteúdo das ameaças citadas pelos associados .....	76
Tabela 20 – Análise de conteúdo das potencialidades citadas pelos associados.....	77
Tabela 21 – Análise de conteúdo dos problemas citados pelos associados participantes.....	78
Tabela 22 – Problemas citados no diagrama agrupados por temas.....	80
Tabela 23 – Categorização Temática dos problemas da Matriz de Hierarquização.....	81
Tabela 24 – Sistematização do problema “Baixa Participação” .....	82
Tabela 25: Sistematização do problema “Dificuldades de Gestão.....	84
Tabela 26 – Transformação de causa em objetivos para a “Baixa Participação” .....	86
Tabela 27 – Transformação de causa em objetivos para “Dificuldades de Gestão” .....	87

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>15</b>
<b>2.1</b>	<b>O desenvolvimento e o novo paradigma do desenvolvimento sustentável .....</b>	<b>16</b>
<b>2.2</b>	<b>Desenvolvimento local no contexto do desenvolvimento sustentável.....</b>	<b>23</b>
<b>2.3</b>	<b>Desenvolvimento rural como estratégia de desenvolvimento local sustentável .....</b>	<b>24</b>
<b>2.4</b>	<b>Associativismo para desenvolvimento local sustentável.....</b>	<b>29</b>
<b>2.5</b>	<b>Planejamento para o desenvolvimento local .....</b>	<b>32</b>
<b>2.5.1</b>	<b>Etapas do processo de planejamento .....</b>	<b>36</b>
<b>2.5.2</b>	<b>Técnicas de planejamento .....</b>	<b>37</b>
<b>4.</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>39</b>
<b>4.1</b>	<b>Delineamento da Pesquisa.....</b>	<b>39</b>
<b>4.2</b>	<b>Local de pesquisa e atores envolvidos.....</b>	<b>40</b>
<b>4.3</b>	<b>Coleta de dados e informações .....</b>	<b>41</b>
<b>4.4</b>	<b>Análise dos dados.....</b>	<b>44</b>
<b>5</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>47</b>
<b>5.1</b>	<b>Resgate dos aspectos históricos de fundação e caracterização da associação .....</b>	<b>47</b>
<b>5.1.1</b>	<b>Resgate dos aspectos históricos de fundação.....</b>	<b>47</b>
<b>5.1.2</b>	<b>Caracterização da associação .....</b>	<b>51</b>
<b>5.2</b>	<b>Descrição do perfil sociodemográfico dos associados.....</b>	<b>59</b>
<b>5.3</b>	<b>Compreensão dos aspectos conceituais, motivacionais e avaliativos relacionados à associação.....</b>	<b>62</b>
<b>5.4</b>	<b>Análise do ambiente externo e interno da associação .....</b>	<b>68</b>
<b>5.5</b>	<b>Identificação dos principais problemas, suas causas e consequências.....</b>	<b>79</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>89</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>98</b>

<b>APÊNDICE A – Declaração de Autorização .....</b>	<b>102</b>
<b>APÊNDICE B – Entrevista com a Diretoria .....</b>	<b>103</b>
<b>APÊNDICE C – Questionário para Associados .....</b>	<b>104</b>
<b>APÊNDICE D – Organização em Diagrama .....</b>	<b>105</b>
<b>APÊNDICE E – Matriz de Hierarquização .....</b>	<b>106</b>
<b>APÊNDICE F – Árvore de encadeamento lógico .....</b>	<b>107</b>
<b>APÊNDICE G – Associativismo .....</b>	<b>108</b>
<b>APÊNDICE H – Participação na associação.....</b>	<b>109</b>
<b>APÊNDICE I – Situação da associação .....</b>	<b>110</b>
<b>APÊNDICE I – Relacionamento entre Diretoria e associados.....</b>	<b>111</b>
<b>APÊNDICE J – Importância da participação na associação .....</b>	<b>112</b>
<b>APÊNDICE K – Desenvolvimento local sustentável (continua).....</b>	<b>113</b>
<b>APÊNDICE L – Melhorias na Associação .....</b>	<b>115</b>
<b>APÊNDICE M – Oportunidades citadas no Diagrama pelos associados participantes</b>	<b>116</b>
<b>APÊNDICE P – Problemas citados no Diagrama pelos associados participantes .....</b>	<b>119</b>
<b>ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP .....</b>	<b>120</b>
<b>ANEXO B – LEI 23.207 DE 27 DE DEZEMBRO DE 2018 .....</b>	<b>123</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, os conceitos e as práticas de desenvolvimento passaram por mudança de paradigma, integrando aspectos relacionados ao desenvolvimento local sustentável. A complexidade do tema abrange variáveis sociais, econômicas, ambientais, políticas e culturais, cada vez mais complexas e interrelacionadas.

Altieri (2004) ressalta que as estratégias de desenvolvimento convencionais se revelaram fundamentalmente limitadas em sua capacidade de promover um desenvolvimento equânime e sustentável. O padrão produtivo atual cria fortes dependências com setores dominantes, além de causar danos irreparáveis ao ambiente e aos seres vivos.

A capacidade de articulação coletiva dos sujeitos para a construção de forças dinâmicas de determinadas regiões amplia as possibilidades de relações produtivas e sociais.

Costabeber e Caporal (2003) partem do entendimento de que o desenvolvimento, em sua formulação mais ampla, significa a realização de potencialidades sociais, culturais e econômicas de uma sociedade, em perfeita sintonia com o seu entorno ambiental e com seus valores políticos e éticos. Não há como dissociar o conceito de desenvolvimento dos aspectos sociais. Os autores declaram que o desenvolvimento tem a ver com liberdade, com proteção dos direitos humanos e com o aprofundamento da democracia, ligados a acesso equitativo. Além disso, valorizar o espaço rural enquanto criador de oportunidades econômicas e de fixação de populações, preservar o patrimônio natural e até mesmo recuperar o dano contra o equilíbrio ecológico são questões importantes colocadas por Feijó (2011).

O desenvolvimento local é um movimento de forte conteúdo interno, dependente das capacidades dos atores locais e suas potencialidades, mas ao mesmo tempo está inserido em uma realidade mais ampla e complexa com a qual interage e da qual recebe influências e pressões que determinam seu futuro, suas dificuldades e suas oportunidades (BUARQUE, 2008).

Pessoas interessadas em realizar o desenvolvimento local sustentável, encontram diversos desafios, além da dependência econômica e produtiva com os setores dominantes, apresentam dificuldades de entendimento da importância da associação, sentem-se incapazes muitas vezes por falta de motivação e baixa autoestima.

As associações também representam essa abordagem e podem ser o elo entre sujeitos com algum ou vários objetivos comuns. Leonello (2010), acredita que o associativismo se constitui na força estratégica capaz de melhorar as condições locais de vida das pessoas e de

uma população, sob todas as suas dimensões. Para o autor, o associativismo é uma das formas de realização do desenvolvimento local que pode gerar fortalecimento e melhorias para grupos organizados e comunidades locais, por meio do seu funcionamento em rede.

Como citado acima, apesar das muitas potencialidades, as dificuldades de se concretizar os projetos dentro das associações são diversas. No entanto, elas podem ser menores e menos intensas se a prática do planejamento for uma questão constante em suas ações. A partir das teorias apresentadas ao longo desta pesquisa, é possível perceber que o planejamento local se torna uma referência para que as ações se tornem efetivas e para que os objetivos desejados pelas associações sejam alcançados. Planejar contribui para que o desenvolvimento e a transformação de ideia em ações e atividades aconteça de forma racional e lógica, com resultados mais duradouros e satisfatórios.

No desenvolvimento deste trabalho, emergiram as seguintes questões: Qual é a real razão de ser da associação? Que oportunidades e ameaças exógenas se apresentam? Quais são as potencialidades e os problemas que envolvem a associação? Quais são os problemas prioritários e quais são as possíveis causas e consequências de tais problemas? Que possíveis soluções podem ser levantadas?

Neste sentido, o objetivo deste trabalho, foi realizar diagnóstico com técnicas de planejamento na Associação Agroecológica Écoletivo. Para nortear o alcance do objetivo geral, foram praticados os seguintes objetivos específicos: resgatar aspectos históricos de fundação e caracterizar a associação; descrever o perfil sociodemográfico dos associados; compreender aspectos conceituais, motivacionais e avaliativos relacionados a associação; analisar o ambiente externo e interno da associação; identificar os principais problemas, suas causas e consequências.

De uma perspectiva social, o presente trabalho é relevante por trazer possibilidades de compreender de que forma o planejamento pode influenciar no desenvolvimento local sustentável em busca de melhoria da qualidade de vida, bem como na união e fortalecimento dos atores envolvidos, além de atender as demandas da própria Associação.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

A seguir é apresentado um referencial teórico em torno dos temas que emergiram durante a realização dessa pesquisa. A revisão foi organizada em torno de cinco temas que

pareciam relevantes diante dos resultados encontrados. O primeiro tópico aborda a questão do desenvolvimento associado a uma discussão do desenvolvimento sustentável como um novo paradigma. No segundo, terceiro e quarto tópico avançamos na discussão de três conceitos (Desenvolvimento local, Desenvolvimento rural e Associativismo) como estratégias para o desenvolvimento sustentável. No último tópico retrata-se como o Planejamento pode servir como instrumental para a operacionalização do desenvolvimento local.

## **2.1 O desenvolvimento e o novo paradigma do desenvolvimento sustentável**

A evolução histórica da sociedade de consumo, com crescimento da utilização de recursos renováveis e não renováveis, trouxe como consequência maiores questionamentos quanto ao que vem a ser o desenvolvimento e fez surgir novas concepções ligadas ao tema. Após a Segunda Guerra Mundial se intensificam as reflexões em relação ao modelo predominante, desde a revolução industrial, de desenvolvimento ligado prioritariamente ao crescimento econômico.

Ao final da década de 1960, com a crise do petróleo, houve a necessidade de mudanças nos hábitos da sociedade. Somando-se a crise, o Relatório Meadows, tratava de questões relacionadas ao futuro da humanidade e seu desenvolvimento e gerou grande impacto na época. O livro *Primavera Silenciosa*, de Rachel Carson, com forte oposição às indústrias químicas, abordava a necessidade do uso responsável e manejo seguro e consciente das substâncias químicas do impacto destes produtos em seres humanos e ecossistemas.

Quando certos hábitos, valores, pensamentos e tradições são consagrados e depois articulados de forma organizada, a ponto de gerar um padrão de comportamento ou saberes, cria-se um paradigma, como define Boff (2017):

O paradigma é um conjunto articulado de visões da realidade, de valores, de tradições, de hábitos consagrados, de ideias, de sonhos, de modos de produção e de consumo, de saberes, de ciências, de expressões culturais e estéticas e de caminhos ético-espirituais. (BOFF, 2017, p. 84)

Dessa forma, ao longo do tempo, foi estabelecido um paradigma a respeito do desenvolvimento econômico baseado na produção industrial de larga escala e com poucas oportunidades para os pequenos produtores locais e pouco preocupado com as questões ambientais.

A necessidade de mudança de paradigma, no que diz respeito ao desenvolvimento, ganhou força com a Conferência de Estocolmo em 1972 e as reuniões que a antecederam. Sachs (1993), ressalta que o encontro em Founex na Suíça em 1971, analisou a relação entre o meio

ambiente e o desenvolvimento de maneira mais intensa e circular e que o Relatório de Founex, identificou os principais tópicos relacionados à questão do meio ambiente e desenvolvimento, traçando um caminho intermediário entre as posições extremadas dos malthusianos que apontavam para o esgotamento dos recursos naturais e a incapacidade do progresso técnico científico e a dos cornucopianos, que confiavam na capacidade ilimitada de superação dos problemas de escassez em decorrência dos ajustes tecnológicos. Na Conferência de Estocolmo foi editado um importante documento intitulado *Declaração da Organização das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano*, que apresenta sete considerações a respeito do tema e vinte e seis princípios.

Orientado por uma proposta de desenvolvimento ecologicamente orientado, Sachs (1986) elabora os princípios básicos do que chamou de nova visão de desenvolvimento: a satisfação das necessidades básicas; a solidariedade com as gerações futuras; a participação da população envolvida; a preservação dos recursos naturais e do meio ambiente em geral; a elaboração de um sistema social garantindo emprego, segurança social e respeito a outras culturas; e programas de educação. Na contramão do que propõe Sachs, o modelo de desenvolvimento do paradigma tecnocrático, que tem como prioridade o campo da economia, pautado na concepção de oposição entre natureza e sociedade, crescimento, enriquecimento, maior produção, não insere no seu modo de fazer as particularidades de cada sociedade, reprimindo práticas sociais, ecológicas e locais em função de interesses exclusivamente econômicos.

Boff (2017) salienta que antes de garantir um desenvolvimento sustentável, precisamos resgatar o sentido originário da sociedade que foi perdido pelo desequilíbrio de fazer do econômico, o eixo estruturador praticamente exclusivo da organização da sociedade deixando para um plano secundário o social e o ético. O referido autor lembra que a sociedade precisa retomar e reequilibrar os três eixos entrelaçados entre si: o eixo econômico, pelo qual se garante infraestrutura material para a vida; o eixo político, que define o tipo de organização que o cidadão deseja e a forma de distribuição do poder; e, por fim, o eixo ético, que são os valores e princípios que informam as práticas e dão sentido coletivo a vida social.

Sachs (2008) ressalta que não é legítimo falar em desenvolvimento se, concomitantemente com o crescimento econômico, ocorrem deteriorações com respeito ao emprego, à pobreza e às desigualdades sociais. Da mesma maneira um crescimento baseado na apropriação predatória dos recursos naturais e caracterizado por altos níveis de emissão poluente não se enquadra no conceito de desenvolvimento. O crescimento pode influenciar o desenvolvimento, mas não se pode limitar o desenvolvimento a crescimento econômico.

A partir da necessidade de ajuste às mudanças o conceito de desenvolvimento se amplia. Esse processo implica em uma mudança de paradigma, onde, assim como a economia pode crescer sem que resulte em mudanças na qualidade de vida, o desenvolvimento está ligado à melhoria de vida das pessoas e ampliação das capacidades de escolha na ampliação da liberdade. É preciso ir muito além das questões econômicas para se analisar o desenvolvimento, cabe também considerar a ética no desenvolvimento para que se possa efetivamente ampliar o conceito.

Sen (2000), acredita que a base material do processo de desenvolvimento é importante, mas deve ser encarada como meio e não fim. A preocupação contemporânea com os índices de desenvolvimento social, que vão muito além da produtividade de uma sociedade, nos coloca as seguintes questões: o aumento da capacidade produtiva traz bem-estar? Traz melhorias para a qualidade de vida das pessoas? Tais perguntas são fundamentais e impactam na confiança das pessoas no futuro e na possibilidade de levar adiante iniciativas de realização.

O desenvolvimento em si já é a ampliação dessas capacidades, o foco é na capacidade das pessoas e a possibilidade de mudanças sociais promotoras de desenvolvimento sem que estas estejam relacionadas ao crescimento. O desenvolvimento deve ser visto como um processo de expansão das liberdades reais que as pessoas desfrutam, e isso ocorre quando as barreiras que privam as pessoas de realizarem escolhas e de serem agentes de seu destino são minimizadas. Para ir além das questões econômicas, torna-se necessário a revisão de crenças e comportamentos, pensar no quanto nossas ações podem custar à biodiversidade, ao esgotamento dos recursos naturais e a desigualdade social. Mais que uma reflexão, parece imperativo partir para a no que se refere ao modo como nos relacionamos com o ambiente natural do qual dependemos e com os outros seres (SEN, 2018).

O desenvolvimento sustentável conforme Van Bellen (2006), é um tipo de desenvolvimento que garante qualidade de vida para as gerações atuais e futuras sem a destruição da base de sustentação que é o meio ambiente, tornando-se uma unanimidade em todos os segmentos da sociedade, o que ocasionou o aprofundamento da discussão sobre o seu real significado, tanto no campo teórico quanto prático. A questão que ele estabelece é: como o desenvolvimento sustentável pode ser definido e operacionalizado para que seja utilizado como ferramenta de ajuste aos rumos que a sociedade vem tomando em relação a sua interação com o meio ambiente natural?

Boff (2017) define três pontos de partida para refletirmos sobre uma sociedade sustentável:

- i. É considerada sustentável, a sociedade que organiza sua estrutura e comportamento levando em consideração a vida dos cidadãos e dos ecossistemas em que se insere;
- ii. É considerada sustentável a sociedade que, por meio do trabalho dos cidadãos que a compõem, a produção se torna mais autônoma;
- iii. É considerada sustentável a sociedade cujos seus cidadãos agem de forma participativa, cultivando uma sociedade consciente com os processos de conservação e regeneração da natureza.

Na visão de Buarque (2008), mesmo com as imprecisões e ambiguidades que cercam os conceitos a respeito de desenvolvimento, todos os esforços recentes têm incorporado os postulados de sustentabilidade procurando assegurar a permanência e a continuidade a médio e longo prazo, dos avanços e melhorias na qualidade de vida, na organização econômica e na conservação do meio ambiente. Debates e reflexões que dominam a cena política e técnico-científica internacional sobre os modelos e alternativas de desenvolvimento capazes de enfrentar os desafios e problemas econômicos sociais e ambientais contemporâneos, estão levando a formulação de novas concepções de desenvolvimento um desenvolvimento mais endógeno, mais humano, mais local entre os quais se destaca a proposta de desenvolvimento sustentável (BUARQUE, 2008).

A noção de desenvolvimento sustentável tem sua origem mais remota no debate internacional sobre o conceito de desenvolvimento. Trata-se na verdade da história da avaliação da noção do desenvolvimento predominantemente ligado à ideia de crescimento, até o surgimento do conceito de desenvolvimento sustentável. (VAN BELLEN, 2006, p. 21).

O conceito de desenvolvimento sustentável foi oficialmente citado a partir do Relatório Brundtland, em 1987 desenvolvido pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, onde o crescimento econômico passa a ser contrastado com a noção de sustentabilidade e se difunde a ideia de que, para ser sustentável, o desenvolvimento necessita compatibilizar crescimento econômico, distribuição da riqueza e preservação ambiental (COSTABEBER; CAPORAL, 2003).

Com o “Relatório *Brundtland*”, elaborado pela Comissão Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas, intitulado *Nosso Futuro Comum* a ênfase se desloca para o elemento humano, gerando um equilíbrio entre as dimensões econômica, ambiental e social. O relatório enuncia que o desenvolvimento sustentável é um desenvolvimento que atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazer suas próprias necessidades, inserido em dois conceitos-chave: o conceito de 'necessidades', em

particular as necessidades essenciais dos pobres do mundo, para as quais deve ser dada prioridade absoluta; e a ideia de limitações impostas pelo estado da tecnologia e organização social sobre a capacidade do ambiente de atender às necessidades presentes e futuras (BRUNDTLAND, 1987). O relatório conclui no tópico relativo ao conceito de desenvolvimento sustentável que:

Em essência, o desenvolvimento sustentável é um processo de mudança em que a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico; e as mudanças institucionais estão em harmonia e aumentam o potencial atual e futuro para atender às necessidades e aspirações humanas. (BRUNDTLAND, 1987, s.p.).

O que os acontecimentos trazem para a sociedade é uma evolução gradativa nas legislações vigentes, mas o que é mais importante é a evolução do ser humano inserido na ótica desenvolvimentista. Os estudos, pesquisas, lutas e defesas em relação à questão ambiental e ao desenvolvimento sustentável são acontecimentos recentes na história da sociedade, revelam-se mais intensamente na segunda metade do século XX. Os estudos de Carson (1962); Sachs (1986); Veiga (2001); Romeiro (2003); Altieri (2004); são apenas alguns exemplos de autores que apresentaram obras memoráveis em relação ao tema e contribuíram para o avanço e amadurecimento da questão.

Diversas definições que tratam do desenvolvimento sustentável fortalecem a ideia de que o tema, mesmo referenciado sobre uma reflexão científica, atinge o campo ideológico-político.

Arroyo e Schuch (2006), lembram que sustentabilidade é uma noção em disputa e registram duas visões em relação ao conceito. Uma visão mais restrita e uma visão mais ampla. A visão mais restrita apresenta a sustentabilidade como um novo atributo daquele tipo de desenvolvimento que foi experimentado pelos países considerados ricos. Nessa visão a sustentabilidade é um instrumento capaz de internalizar no modelo econômico vigente os custos ecológicos do sistema e do padrão de produção praticado, tornando-o mais eficiente na utilização dos recursos e mais econômico do ponto de vista energético. Para a visão mais ampla da sustentabilidade, a crise ambiental seria resultado do padrão de acumulação capitalista e do modo como a natureza é utilizada, a sustentabilidade seria um vetor que aponta para o esgotamento do estilo de desenvolvimento praticado até o momento. Por depredar o meio ambiente, promover a desigualdade política social e econômica e desprezar as culturas locais, o atual modo de produção seria intrinsecamente insustentável. Entre a visão mais restrita e a visão mais ampla existe uma infinidade de combinações.

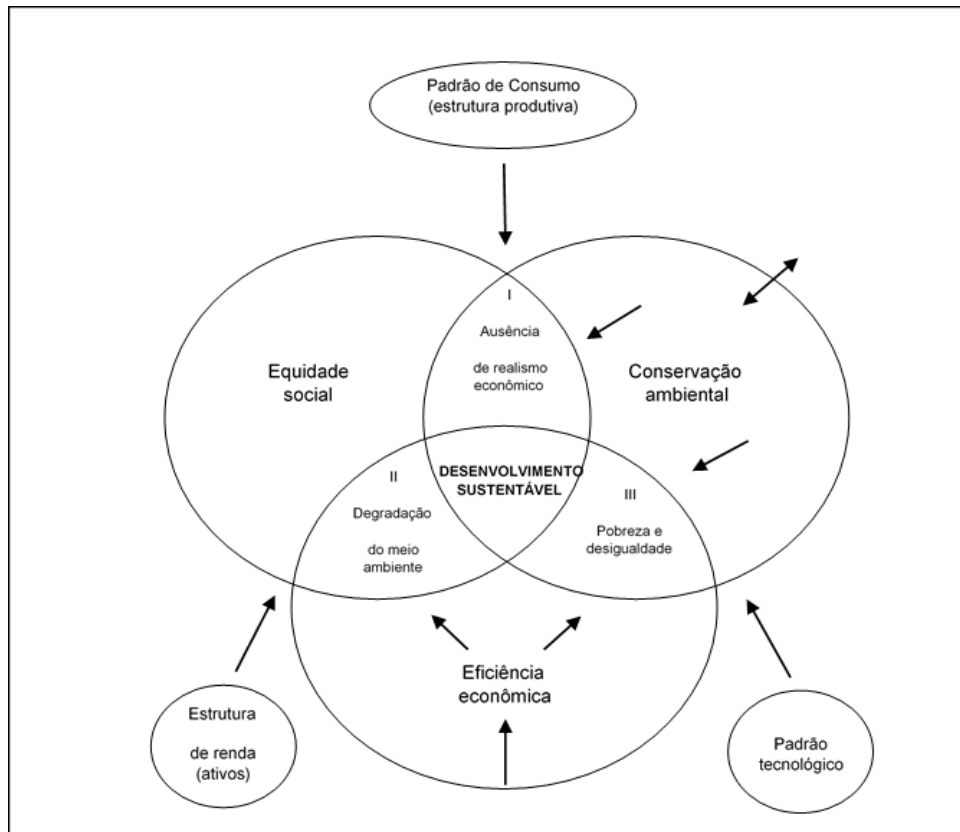
O desenvolvimento, para ser sustentável, deve elevar as oportunidades sociais e a viabilidade e competitividade da economia local, aumentando a renda e ao mesmo tempo assegurando a conservação dos recursos naturais (BUARQUE, 2002). O modelo de desenvolvimento deveria ter como aspecto central um princípio criativo e rico em alternativas. Um modelo que tenha a capacidade de enfrentar, ao mesmo tempo, a crise social e ambiental, no sentido de promover sujeitos excluídos e marginalizados em cidadãos. Como assegura Almeida (1997), “esta parece uma verdadeira chance para a reorganização consequente da sociedade, visando a sustentação da vida e a manutenção de sua diversidade plena” (p. 52).

O desenvolvimento local sustentável é o processo de mudança social e elevação das oportunidades da sociedade compatibilizando no tempo e no espaço, o crescimento e a eficiência econômica, a conservação ambiental, a qualidade de vida e a equidade social, partindo de um claro compromisso com o futuro e a sua solidariedade entre gerações (BUARQUE, 2008, P. 67).

A proposta de desenvolvimento sustentável é generosa, mas, ao mesmo tempo, difícil e complexa, por envolver mudanças estruturais e contar com resistência sociais e políticas fortes decorrentes de privilégios e hábitos consolidados, ao mesmo tempo encontra atualmente condições favoráveis que permitem considerar uma referência concreta para o desenvolvimento, a crescente consciência da sociedade em relação a insustentabilidade e os avanços inovações tecnológicas estão permitindo uma importante redução das impressões antrópicas do crescimento sobre o meio ambiente (BUARQUE, 2008).

A elevação da qualidade de vida e a equidade social constituem objetivos centrais do modelo de desenvolvimento, orientação e propósito final; a eficiência e o crescimento econômico constituem pré-requisitos fundamentais e a conservação ambiental é um condicionante decisivo da sustentabilidade para manutenção a longo prazo, sem o qual não é possível assegurar qualidade de vida para as gerações futuras. Assim, conforme Buarque (2008), o propósito central de uma proposta de desenvolvimento sustentável deverá ser, implementar iniciativas e ações a fim de gerar, ao mesmo tempo uma maior equidade, um nível elevado de conservação ambiental e uma maior eficiência econômica. O objetivo deve se concentrar em empurrar as três circunferências para o centro e esse movimento nas três dimensões, social, ambiental e econômica, contém certo grau de rigidez estrutural e encerra interações complexas de modo que, como mostram as setas da Figura 1, um movimento isolado em uma delas pode provocar alteração nas outras, o que neutraliza o efeito positivo na primeira mantendo ou reduzindo o espaço de intersecção conforme demonstrado na figura:

Figura 1 – Desenvolvimento Sustentável



Fonte: BUARQUE, 2008, p. 68 (Baseado em esquema de autor não identificado).

Buarque (2008) evidencia que os debates e reflexões sobre modelos e alternativas de desenvolvimento capazes de enfrentar os desafios e problemas econômicos sociais e ambientais representam um dos desafios do mundo contemporâneo. Acrescenta que tais debates estão levando à formação de novas concepções de desenvolvimento, endógeno, humano, local e que mesmo com as imprecisões e ambiguidades que ainda cercam os conceitos, todos os esforços recentes de desenvolvimento tem procurado assegurar, a permanência e a continuidade a médio e longo prazo dos avanços e melhorias na qualidade de vida, na organização econômica e na conservação do meio ambiente.

O desenvolvimento sustentável na realidade não é tarefa fácil, o uso inadequado do termo sustentabilidade, os interesses econômicos e políticos, além da redução de poder nas instâncias locais são alguns dos exemplos que dificultam tal realidade. Buarque (2008) destaca que, o conjunto interligado das três dimensões (social, ambiental e econômica), com características e papéis diferentes no processo de desenvolvimento, contém inevitavelmente, tensões e conflitos (*trade-off*) e que ganhos em uma das dimensões podem levar a perdas em outras, e a compatibilização entre os objetivos sociais, econômicos e ambientais torna-se uma

possibilidade concreta com os avanços científicos e tecnológicos e com o crescimento da consciência ambiental da humanidade. O autor conclui ainda que a combinação desses dois fatores permite uma redefinição das interações entre a dinâmica econômica, a estrutura social e os ecossistemas, reestruturando, portanto, o próprio modelo de desenvolvimento.

As tendências no debate contemporâneo apontam para uma definição de modelo de desenvolvimento estruturado com base nos atores locais (VEIGA, 2008), o que torna mais importante a prioridade na valorização do desenvolvimento local.

## **2.2 Desenvolvimento local no contexto do desenvolvimento sustentável**

O conceito de desenvolvimento local pode ser aplicado a diferentes cortes territoriais e conglomerados humanos de pequena escala, desde a comunidade até o município ou mesmo microrregiões homogêneas de porte reduzido, bacias e ecossistemas e constitui um movimento de forte conteúdo interno, influenciado pelas capacidades dos atores locais envolvidos e suas potencialidades.

Buarque (2008) vê no desenvolvimento local um movimento de forte conteúdo interno vinculado a atuação dos sujeitos locais a partir de suas capacidades e potencialidades. Entretanto, ele ressalta que o desenvolvimento local ocorre dentro de uma realidade mais ampla e complexa para interagir e receber influências e pressões tanto positivas quanto negativas. De acordo com ele, é preciso trabalhar as influências e aproveitar os fatores dinamizadores externos, pois com condições contemporâneas de globalização e intenso processo de transformação, o desenvolvimento local representa uma forma de integração econômica com o contexto regional e nacional, redefinindo oportunidades e ameaças, além de exigir a especialização nos segmentos em que apresenta vantagens competitivas.

O desenvolvimento local na visão de Buarque (2008), é um processo endógeno de mudança que melhora a qualidade de vida dos atores envolvidos, fortalece a economia e que para ser consistente e sustentável deverá mobilizar e explorar as potencialidades locais elevando as oportunidades sociais, a viabilidade e competitividade da economia local, ao mesmo tempo deverá assegurar a conservação dos recursos naturais locais considerados pelo referido autor, a base das potencialidades e condições para a qualidade de vida da população local.

O desenvolvimento local é o resultado de múltiplas ações convergentes e complementares capaz de quebrar a dependência inércia do subdesenvolvimento e do atraso em regiões periféricas e de promover uma mudança social no território (BUARQUE, 2008, p. 26).

O espaço local é um lugar de encontro entre o rural e o urbano, porém nele as particularidades de cada um não são anuladas, ao contrário, são a fonte de integração e cooperação, tanto quanto das tensões e conflitos produzidos a partir desta aproximação. Não se trata da diluição de um dos polos, mas da configuração de uma rede de relações recíprocas em múltiplos planos que sob muitos aspectos reitera e viabiliza as particularidades (WANDERLEI, 2009).

Importante considerar também as contribuições de Bava (1996),

(...) o desenvolvimento local é endógeno, nasce das forças internas da sociedade; constitui um todo, com dimensões ecológicas, culturais, sociais, econômicas, institucionais e políticas, sendo que a ação a seu serviço deve integrar todas essas dimensões (p. 69)

Enquanto estratégia de planejamento e de ação, o desenvolvimento local aparece num contexto em que se esgotam as concepções de desenvolvimento associadas a progresso material (acúmulo de riquezas), pessoal (“ganhar a vida”) e ilimitado (“quanto mais, melhor”), mas, sobretudo é um produto da iniciativa compartilhada, da inovação e do empreendedorismo comunitários (MARTINS, 2002, p. 51).

Buarque (2008), defende que o desenvolvimento local sustentável resultará da interação e sinergia entre a qualidade de vida da população local (redução da pobreza, geração de riqueza e distribuição de ativos; eficiência econômica com agregação de valor na cadeia produtiva) e a gestão pública eficiente. Assim qualquer estratégia para promoção do desenvolvimento local deve se estruturar em três pilares, a organização da sociedade contribuindo para a formação de capital social local, espaços institucionais de negociação e gestão, agregação de valor na cadeia produtiva com articulação e aumento da competitividade das atividades econômicas com vantagens locais e reestruturação do setor público local como forma de descentralização das decisões e elevação da eficiência e eficácia na Gestão Pública local, tudo isso, associado à distribuição de ativos sociais e capacidade tecnológica. As mudanças que decorrem desses três processos e as energias geradas no conjunto do tecido social viabilizam o desenvolvimento local de forma consistente e sólida.

### **2.3 Desenvolvimento rural como estratégia de desenvolvimento local sustentável**

Na segunda metade do século passado, o mundo assistiu a população dobrar e a economia se expandir sete vezes e o resultado é a superexploração do planeta, provocando crises interconectadas que se estimulam mutuamente: a crise energética; a crise das mudanças climáticas; a crise dos recursos naturais renováveis; a crise dos adubos químicos; os custos e

impactos econômicos e sociais da agricultura convencional gerando assim como consequência a necessidade de um novo modelo de agricultura o um novo lugar para agricultura na sociedade do futuro (WEID, 2009).

Ploeg (2009), ressalta que a agricultura camponesa constitui parte altamente relevante e indispensável da agricultura mundial, especialmente sob condições de crise econômica, financeira e crise alimentar, fortalecendo a necessidade de valorização do modo de produção camponês como um dos principais elementos de qualquer que seja projeto adotado para fazer frente aos dilemas atuais. O autor defende também, que a atual luta por autonomia é determinante para a criação e desenvolvimento de uma base de recursos autogerida envolvendo recursos sociais e naturais para a construção, uso e desenvolvimento contínuo do capital ecológico.

O modelo de modernização da agricultura brasileira reforça o que Castells (1986) assevera, o processo de globalização acarreta certa perda de autonomia das regiões para atores econômicos que controlam suas decisões em termos de uma lógica global não controlada pela comunidade regional ou local.

O mito da urbanização e a legitimidade que ele foi adquirindo na sociedade contemporânea, tem figurado como um obstáculo ao processo natural de renovação de ideias, que muito serviria a ideia de desenvolvimento na sociedade brasileira. O meio rural já não pode ser entendido como era há algumas décadas atrás, a permeabilidade de atividades tipicamente urbanas que tem se inserido nas comunidades rurais, tem levado os estudiosos do tema a produzir novos modos de olhar para este território. Como consequência desse debate, vem ganhando expressão o enfoque no território para a formulação de políticas, onde o local não tem apenas uma conotação física e geográfica, mas sim um conjunto de relações econômicas, sociais e culturais que diferenciam um local do outro (CAMPANHOLA E SILVA, 2000).

Altieri (2012), ressalta que o desenvolvimento da agricultura sustentável irá requerer mudanças estruturais significativas, além de inovação tecnológica, redes e solidariedade de agricultor a agricultor e que a mudança requerida não será possível sem movimentos sociais que criem vontade política entre os servidores públicos com poder de decisão, para transformar as instituições e as regulações no sentido de incentivar o desenvolvimento agrícola sustentável. Além disso o autor ressalta a necessidade de uma transformação que esteja dirigida ao fato de que a mudança ecológica da agricultura, não pode ocorrer sem mudanças comparáveis nas arenas sociais, políticas, culturais e econômicas que conformam e determinam a agricultura.

Abramovay (2009), afirma que há um vício de raciocínio na maneira de se definirem as áreas rurais no Brasil, o que contribuiu decisivamente para que sejam associados ao atraso,

carência de serviços e falta de cidadania. O autor acredita que, se as regiões rurais tiverem a capacidade de preencher funções necessárias a seus próprios habitantes, a noção de desenvolvimento poderá ser aplicada ao meio rural e isso supõe uma nova definição sobre meio rural.

Wanderley (2009), refere-se ao mundo rural, como universo socialmente integrado ao conjunto da sociedade brasileira e o contexto das relações internacionais. A autora não supõe a existência de um universo isolado autônomo em relação ao conjunto da sociedade que tenha lógicas exclusivas de funcionamento e reprodução, porém considera que este mundo rural tem particularidades históricas, sociais, culturais e ecológicas como uma realidade própria da qual fazem parte inclusive as próprias formas de inserção na sociedade que se engloba.

Abramovay (2009), defende que a revolução das regiões interioranas é um dos mais importantes fenômenos demográficos sociais e culturais do início do milênio. As áreas rurais tem atraído habitantes dos grandes centros que pro procuram por dinâmicas e rotinas de vida do interior. Abramovay (2009) apresenta dados que mostra o dinamismo desse processo, que, por sua vez, contradiz as previsões de que o mundo rural desempenhou um papel de menor importância no desenvolvimento contemporâneo. A ruralidade torna-se o valor ao qual o mundo contemporâneo atribui cada vez mais importância por seu significado na preservação da biodiversidade e no fortalecimento de manifestações culturais.

Veiga (2003) defende que a formulação de políticas de desenvolvimento rural, integrando diversos aspectos de uma mesma realidade, onde as políticas para o fortalecimento da agricultura familiar sejam adotadas juntamente com políticas de geração de oportunidades de empregos rurais que não sejam diretamente relacionados à agricultura.

Na visão de Abramovay (2009), se as regiões rurais tiveram a capacidade de preencher funções necessárias a seus próprios habitantes e também as cidades, então a noção de desenvolvimento poderia ser aplicada ao meio rural, supondo aí uma nova definição sobre meio rural que não condene de antemão ao esvaziamento social, cultural, demográfico e econômico.

A pluralidade da agricultura familiar tem contribuído para o acesso a uma diversidade de culturas e atividades que fortalece um modelo de economia regional mais equilibrado, além da construção de um padrão mais sustentável de apropriação e uso dos recursos naturais, mesmo levando-se em conta que as condições da agricultura familiar não são tão favoráveis (BRASIL, 2007). A pluriatividade que ocorre no meio rural refere-se a um fenômeno que pressupõe a combinação de pelo menos duas atividades, as atividades agrícolas e não-agrícolas em um contexto social e econômico heterogêneo e diversificado e está ligada, de um lado, as estratégias sociais e produtivas que vierem a ser adotadas pela família e por seus membros e,

de outro, sua variabilidade dependerá das características do contexto ou do território em que estiver inserida (SCHNEIDER, 2009).

A pluriatividade é uma característica típica dos processos de desenvolvimento em que a integração dos agricultores familiares à divisão social do trabalho passa a ocorrer não mais exclusivamente através de sua inserção nos circuitos mercantis via processos de produção agropecuários ou mesmo pelas relações de trabalho (assalariamento) em atividades exclusivamente agrícolas (SCHNEIDER, 2009, p.10).

Abramovay (2009) acredita que os espaços rurais são depositários principais da biodiversidade de um rico patrimônio paisagístico e de formas de vida crescentemente valorizadas nos dias de hoje os espaços rurais ganham dimensões promissoras para o processo de desenvolvimento. Entretanto, defende que se encare o meio rural como espaço de atividades variadas, reunindo uma multiplicidade de atores sociais e não apenas como o terreno de onde vão sair produtos agropecuários. Esta definição de ruralidade tem consequências cruciais para o processo de planejamento onde o meio rural é visto como base para a expansão de inúmeras atividades, baseadas em laços sociais que os indivíduos e as organizações foram capazes de construir.

Altieri (2004) afirma que as estratégias baseadas na participação, capacidades e recursos locais aumentam a produtividade e conservam a base dos recursos, ou seja, o conhecimento local dos agricultores sobre o ambiente, plantas, solos e processos ecológicos possui uma grande importância nesse novo paradigma agroecológico.

Lamarche (1993, citado por Wanderley, 1996) defende que a conservação e transmissão de um patrimônio sociocultural exerce um papel fundamental no modo de funcionamento da agricultura familiar. Conforme Abramovay (2009), essas relações ocorrem num quadro de reciprocidade, cuja natureza nada tem a ver com a identidade objetiva envolvida na troca mercantil.

Altieri (2012) cita diversas razões para apoiarmos a manutenção, e a revitalização de pequenas propriedades rurais, dentre elas: pequenas propriedades rurais são a chave para a segurança alimentar mundial; pequenas propriedades rurais são mais produtivas e conservam mais os recursos naturais do que as grandes monoculturas; pequenas propriedades diversificadas representam modelos de sustentabilidade.

É cada vez mais evidente a importância das regiões rurais para a sociedade e para o desenvolvimento local sustentável, principalmente se levarmos em conta todas as dimensões que envolvem questões tão relevantes como, a questão social, a preservação do ambiente, a

preservação da diversificação, a segurança alimentar e a saúde dos envolvidos, a geração de empregos e rendas, entre tantas outras.

São diversas questões que envolvem a ruralidade no Brasil e no mundo. Abramovay (2009), alerta que o desenvolvimento rural não se reduz ao crescimento agrícola. Nesse sentido o autor aponta duas correntes contemporâneas de pensamento, a corrente que enfatiza a dimensão territorial do desenvolvimento, com a criação de redes convenções instituições que permitam ações cooperativas conquista de bens públicos capazes de enriquecer o tecido social de uma certa localidade e a corrente que prioriza a vertente do pensamento social contemporâneo.

Dentre as estratégias de apoio ao desenvolvimento rural sustentável, Costabeber e Caporal (2003) citam que a opção pela agricultura familiar tem amplas capacidades de contribuir decisivamente para o alcance de maior segurança e soberania alimentar, maior vitalidade e capacidade para alcançar multifuncionalidade e policultivos. Eles também contribuem para a eficiência produtiva e eficiência energética e/ou ecológica, para a conservação dos recursos naturais não renováveis, para a proteção da biodiversidade e sustentabilidade futura. Permitem, da mesma forma, o manejo meticuloso e as atividades artesanais de menor impacto ambiental e com maior relevância social. Novas formas mais eficientes de comercialização dependem, portanto, da maior ou menor capacidade de resistência da agricultura familiar conforme avançam as relações capitalistas na agricultura.

Os autores destacam como alternativas de novas formas de comercialização a aproximação de agricultores e de consumidores mediante a criação e o estabelecimento de redes de confiança entre esses dois segmentos sociais. Isso permite, adicionalmente, o resgate e a manutenção de certos hábitos alimentares locais ou comunitários, a valorização dos circuitos curtos de mercadorias, que podem aumentar os graus de eficiência ecológico-energética na produção e distribuição de alimentos em feiras ou mercados locais. Dessa forma, a dimensão local do desenvolvimento parece não criar nenhuma contradição na agricultura familiar como forma de organização da produção mais ajustada aos preceitos da sustentabilidade e sua potencialização via estratégias de apoio ao desenvolvimento local sustentável.

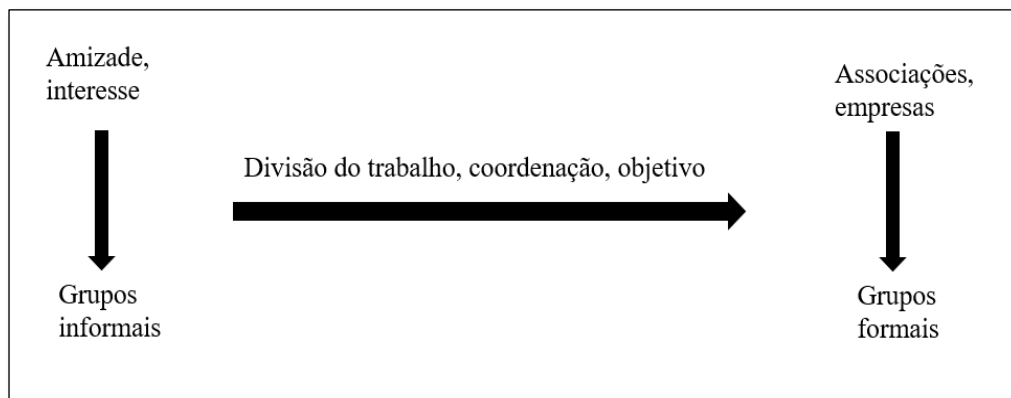
Abordagens alternativas de desenvolvimento local sustentável surgem nas regiões agrícolas compostas pela agricultura familiar através de cooperativas e organizações da sociedade civil que representam fortalecimento da agricultura familiar através da busca por condições econômicas solidárias e participativas (ALTIERI, 2004). Levando-se em conta as estratégias citadas, as formas associativas das comunidades rurais se apresentam como estratégia de promoção do desenvolvimento local.

## 2.4 Associativismo para desenvolvimento local sustentável

Onde existam grupos sociais pode existir o associativismo. Para, Alencar (2001), o associativismo está relacionado à noção de atividade humana que se desenvolve em grupo. Grupo social pode ser entendido como uma coletividade de indivíduos ligados entre si por uma rede ou sistema de relações sociais que interagem num conjunto de papéis e status inter-relacionados onde são definidos direitos e obrigações dos membros e essa interação ocorre de acordo com normas e padrões de comportamento aceitos ou impostos pelo grupo. (Idem, 2001).

A formação de grupos pode originar de processos sociais informais ou formais em diferentes graus. Algumas pessoas começam a trocar ideias sobre seus interesses, acham que poderiam criar uma espécie de associação, empresa ou cooperativa e a partir daí uma sociedade formal tem início. Maximiano (2011) registra que muitos grupos formais começam de um embrião informal:

Figura 2 – Os grupos informais são frequentemente os embriões de grupos formais.

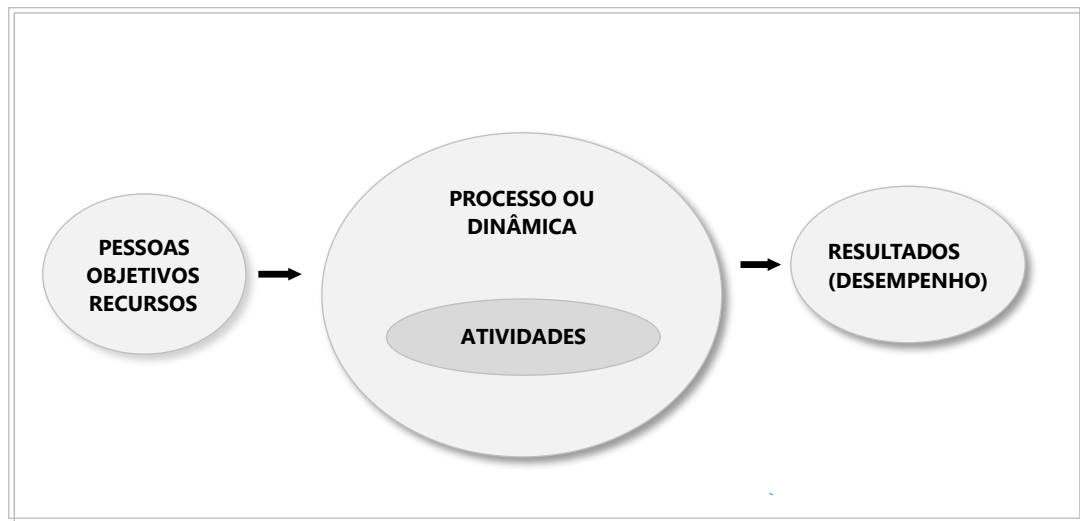


Fonte: Maximiano (2011).

Os grupos passam por diferentes fases de desenvolvimento e a dinâmica e desempenho de um grupo vão depender da forma como as pessoas se comunicam e trabalham para realizar as atividades e os resultados são os produtos, serviços e ideias e também os efeitos comportamentais sobre seus integrantes (MAXIMIANO, 2011).

A figura a seguir, demonstra o sistema que transforma pessoas, objetivos e recursos em resultados através das atividades do grupo por meio do processo ou dinâmica.

Figura 3 – A dinâmica de um grupo



Fonte: Maximiano (2011).

As pessoas e a qualidade de seus relacionamentos fazem do grupo uma unidade mais coesa e fortalecida. As pessoas trazem para o grupo competências, experiências, valores e personalidade o que faz, segundo Maximiano (2011), que os grupos sejam diferentes tanto com relação a outros grupos quanto em relação ao próprio grupo aos diferentes momentos pois os atributos pessoais se alteram com o tempo e com as modificações na composição do grupo.

Maximiano (2011), afirma grupo de alto desempenho, os participantes trabalham em regime de colaboração e não como um ajuntamento de individualistas. Clareza de objetivos, coesão, organização e comunicação, são os principais fatores críticos de desempenho que, se bem desempenhados por uma equipe, resulta da sinergia, ou seja, capacidade de seus integrantes trabalharem coletivamente, produzindo um resultado maior que a simples soma de suas contribuições individuais.

O processo é a forma como os integrantes do grupo interagem para realizar atividades. No processo de interação as pessoas desenvolvem regras, sentimentos e outras propriedades da vida social a dinâmica do grupo tem um impacto direto sobre o desempenho do grupo o processo compreende dois elementos principais comunicação e sentimentos.

As associações representam fontes de organização e fortalecimento social. Existem diversas formas de associativismo, e todas levam ao entendimento que a participação dos envolvidos é essencial para que os objetivos sejam alcançados.

As estratégias baseadas na participação, capacidades e recursos locais aumentam a produtividade e conservam a base dos recursos, ou seja, o conhecimento local dos agricultores

sobre o ambiente, plantas, solos e processos ecológicos possui uma grande importância nesse novo paradigma agroecológico (ALTIERI, 2004).

É importante observar que participação é um processo multidimensional e varia de situação para situação em resposta às circunstâncias particulares. Não existe um único modo de compreender esse processo e a sua interpretação está em função da perspectiva e de análise empregada (ALENCAR, 2001 p. 20)

Conforme Martins (2002), o desenvolvimento local, enquanto estratégia de planejamento e de ação, aparece num contexto em que se esgotam as concepções de desenvolvimento associadas a progresso material, pessoal e ilimitado, mas sobretudo é um produto da iniciativa compartilhada, da inovação e do empreendedorismo comunitários.

Alencar (2001) destacou quatro significados associados à participação: a colaboração descrita como o envolvimento das pessoas nas atividades de grupo; o desenvolvimento comunitário, onde as pessoas são designadas a ter responsabilidades para criar mecanismos de promoção social; a organização, no momento em que os indivíduos se organizam para elaborar formas mais adequadas de ação movidos pela realidade que os envolve e o empoderamento que se relaciona com a aquisição de poder sobre os recursos necessários ao desenvolvimento.

O associativismo pode ser entendido como um instrumento de luta dos pequenos produtores, a favor de melhores condições de vida no campo e contra injustiças existentes no meio rural, proporcionando a permanência na terra, como também uma estratégia de resistência social, através do aumento da capacidade de inserir sua produção no circuito econômico (RIBEIRO et al, 2017).

As associações apresentam-se como importante forma de organização da sociedade. Juridicamente se apresentam como pessoas jurídicas de direito privado constituídas de pessoas que reúnem os seus esforços para a realização de fins não econômicos (BRASIL, 2002). O Código Civil, define através do seu artigo 54, que o estatuto das associações conterá: a denominação, os fins e a sede da associação; os requisitos para a admissão, demissão e exclusão dos associados; os direitos e deveres dos associados; as fontes de recursos para sua manutenção; o modo de constituição e de funcionamento dos órgãos deliberativos; as condições para a alteração das disposições estatutárias e para a dissolução e finalmente, a forma de gestão administrativa e de aprovação das respectivas contas (BRASIL, 2002).

Dentre as razões de existir de uma Associação ganha destaque o objetivo de reunir pessoas com capacidade de juntas, superar dificuldades e potencializar benefícios mútuos entre os envolvidos (SEBRAE, 2009).

Amorim e Silva (2015) argumentam em torno das possibilidades políticas do uso do conceito do associativismo. Para os autores, o associativismo possibilita para a comunidade em torno da sua constituição um instrumento reivindicatório de participação democrática e de acesso a serviços sociais.

De toda forma, mesmo o associativismo representando fortalecimento, as associações enfrentam diversas dificuldades e ações de planejamento podem representar processos de transformação em busca de objetivos que levem ao desenvolvimento local. É o que apresentamos na seção a seguir.

## **2.5 Planejamento para o desenvolvimento local**

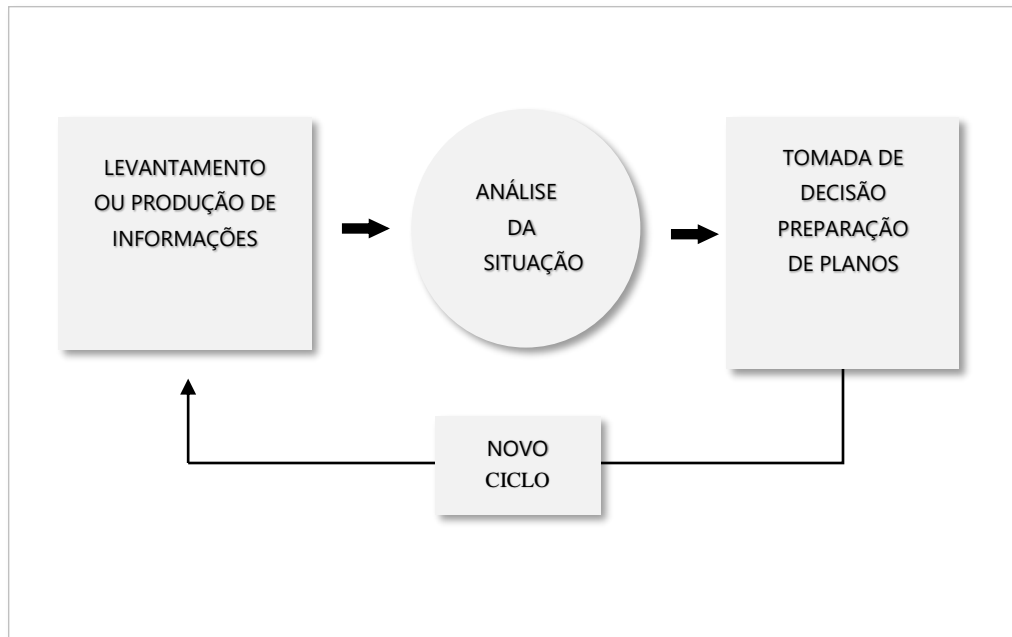
O planejamento representa uma ferramenta utilizada para tomar decisões e organizar as ações de forma lógica e racional, visa garantir melhores resultados e concretizar os objetivos de uma sociedade (BUARQUE, 2008). Para Gandin (2011, p. 39), no campo do planejamento, pensar mais a realidade é promissor, faz com que as pessoas se incluam para ações mais concretas para políticas e estratégicas mais consistentes.

Para o desenvolvimento local é inegável a importância do planejamento estratégico. A comunidade precisa planejar as ações futuras de forma organizada e conseqüente a fim de atingir seus objetivos. As associações e seus associados, precisam planejar para garantir o futuro e o planejamento é tomada de decisão antecipada, algo que podemos fazer antes de agir, considerado, na visão de Drucker (1981) o meio pelo qual definimos as escolhas e os caminhos com o objetivo de atingir uma situação futura.

Antes de tudo, o processo de planejamento representa atitude, é fazer algo e pode envolver levantamento de informações, análise das informações levantadas e preparação de planos para tomada de decisão (MAXIMIANO, 2011). A atitude de planejar pode ser aprendida e melhorada com a prática, a cada novo ciclo, o planejamento pode ser mais elaborado, mais completo e mais condizente com a realidade ou não, vai depender do empenho, a motivação e engajamento dos envolvidos.

Maximiano (2011), demonstra que o processo sistemático de planejamento envolve o levantamento ou produção das informações, a análise da situação e a tomada de decisão com a preparação de planos. Pode-se acrescentar que ele se repete a cada novo ciclo e espera-se que a cada novo ciclo ele seja melhor elaborado. A figura 4 apresenta o processo sistemático de planejamento.

Figura 4 – Processo sistemático de planejamento



Fonte: Adaptado de Maximiano (2011).

Maximiano (2011), ressalta ainda, que o processo de planejamento é a ferramenta para administrar o futuro e tem aplicação específica na tomada de decisão, pois as decisões que serão colocadas em prática no futuro são decisões de planejamento. Daí a importância do planejamento para o desenvolvimento local.

“O planejamento é um processo de definição de ações e iniciativas capazes de influenciar os resultados futuros do objeto planejado e contribui para a construção de uma realidade desejada” (BUARQUE, 2003, p. 25).

O processo de planejamento deve se estruturar em um conjunto de atividades articuladas e deve ser organizado seguindo uma sequência lógica que assegure a racionalidade e participação da sociedade no processo decisório (BUARQUE, 2008).

O planejamento é antes de tudo um processo em que a sociedade os técnicos vão construindo um conhecimento sobre a realidade e tomando decisões implementando e avaliando as ações deste modo o que importa no planejamento e aprendizagem desse processo permanente e continuado de formulação decisão execução e avaliação priorizando a mobilização das energias sociais do processo criativo da sociedade.

Para Ingelstam (1987, citado por BUARQUE, 2008, p. 81), o planejamento representa uma forma de a sociedade exercer o poder sobre o seu futuro e Buarque (2008) complementa que assim a sociedade pode rejeitar a resignação e partir para iniciativas que definam o seu destino.

Contudo, não se trata de qualquer processo de decisão, mas de uma forma estruturada e organizada de seleção das alternativas, um processo ordenado e sistemático de decisão com uma conotação técnica e racional de formulação e suporte para escolhas da sociedade e como em toda escolha coletiva em todo processo político de vários atores com diferentes interesses os mesmos detém também distintas posições de poder no jogo e nas negociações políticas (BUARQUE, 2008).

Como um processo social, o planejamento do desenvolvimento local deve contribuir para a construção de um projeto da sociedade local que mobilize os atores sociais e organize as ações convergentes dos diversos agentes de modo a implementar as transformações na realidade para o futuro desejado. As dificuldades do planejamento em grande parte são relacionadas ao fato de não ser participativo, ou seja: é realizado por técnicos distanciados, por vezes prepotentes (tecnocratas), que impõem direcionamentos de cima para baixo (DEMO, 1989).

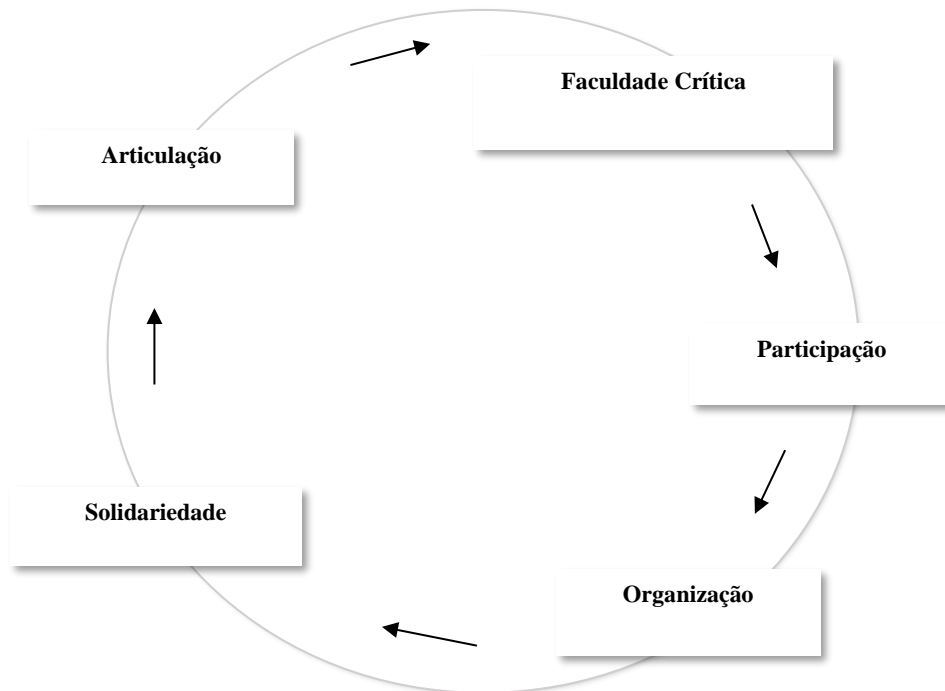
Conforme Alencar (2001) registra, a intervenção pode ser entendida como uma ação ou conjunto de ações praticadas por pessoas que não pertencem ao núcleo comunitário onde tal ação ou conjunto de ações se realizam e podem assumir um caráter convencional ou participativo.

Na abordagem convencional a unidade social para ação é a comunidade, percebida como um sistema social homogêneo sendo assim as estratégias são lineares não atingindo todos os membros da comunidade.

Na abordagem participativa a unidade social para ação é o grupo com interesses comuns, a educação é vista como um processo onde os indivíduos adquirem a capacidade de diagnosticar e analisar os seus próprios problemas decidir coletivamente sobre as ações para solucioná-los desenvolver tais ações e avaliar as ações.

Oakley (1980 citado por Alencar 2001), identifica cinco sub processos fundamentais no processo de educação participativa: a faculdade crítica; a participação; a organização; a solidariedade e a articulação, conforme a figura abaixo:

Figura 5 – Cinco sub processos fundamentais do processo de educação participativa



Fonte: Oakley (1980), citado por Alencar (2001).

Para Oakley (1980, citado por Alencar 2001), a faculdade crítica permite ao grupo analisar sua situação em termos de sua realidade e propor ações para mudar esta realidade. Este sub processo possui as dimensões de identificação dos problemas; identificação das possíveis causas; estabelecimento de cursos de ações para lidar com os problemas identificados; desenvolvimento das ações e avaliação.

A participação como o envolvimento ativo dos sujeitos na identificação dos problemas e de suas causas, na tomada de decisões, planejamento e execução de ações para solucioná-los também foi considerada pelo referido autor.

O sub processo da organização como característica em que os membros assumem efetivamente o controle da estruturação interna do grupo, evitando que sua sobrevivência esteja na dependência de um agente externo ou de um líder.

A solidariedade refere-se à predisposição para a cooperação entre os membros do grupo no desenvolvimento de ações que visem a solução de problemas comuns.

A articulação surge da extensão da solidariedade a outros grupos que possuem problemas similares elevando o poder de negociação e o poder de influenciar os centros de decisões.

Alencar (2001) nos lembra que é preciso levar em conta que os cinco subprocessos que compõem a educação participativa, são considerados dimensões de um processo cumulativo, desenvolvem-se com as experiências que o grupo adquire ao longo do tempo e que utilizam de diferentes métodos para estimular a autoconfiança e desenvolver a faculdade crítica, além disso, levam os indivíduos a aprenderem a julgar suas realidades identificando os problemas e sugerindo ações para resolvê-los. O planejamento pode ser um desses métodos.

A atual tendência em se pensar e planejar o desenvolvimento é dotá-lo de um caráter mais humano, no sentido de considerar o homem simultaneamente como sujeito e beneficiário. Trata-se, pois, de um pressuposto óbvio, isto é, que as pessoas devem participar ativamente e não apenas serem beneficiárias do desenvolvimento.

O planejamento, quando se trata de interesses de grupos sociais, deve ser o mais participativo possível, pois a participação dos envolvidos é essencial para que o mesmo seja realmente utilitário e com possibilidade de ser colocado em prática de forma mais aceitável. Um planejamento imposto com a visão de apenas um ou por um grupo fechado, pode gerar um planejamento não aceito, criticado e não colocado em prática.

### **2.5.1 Etapas do processo de planejamento**

O planejamento se faz a partir de etapas. Buarque (2008) sugere o conhecimento da realidade, a delimitação do objeto e o diagnóstico. Inicialmente, na visão do autor, é necessário que se tenha o conhecimento da realidade, pois para tomar decisões fundamentais e consistentes, é necessário compreender a realidade definindo com clareza de que estamos tratando quanto as condições atuais e perspectivas futuras da realidade local. A delimitação do objeto é colocar o foco em relação ao que está se tratando, seus limites físico-geográficos e institucionais, as relações estruturais das variáveis, as relações com seu contexto socioeconômico, ambiental e político institucional.

Buarque (2003), salienta que, o diagnóstico tem a pretensão de compreender a realidade atual além de avaliar os fatores internos e externos e deve atuar com levantamento técnico e manifestação participativa dos atores sociais:

- . para que se tenha conhecimento da situação, dos acontecimentos e amadurecimento sendo seletivo na definição das informações relevantes;
- . para identificar os fatores realmente determinantes em relação à realidade local;

. para incorporar o desenvolvimento sustentável, tratando a realidade de forma multidisciplinar, abrangendo as dimensões econômica, sociocultural, ambiental, tecnológica e político-institucional.

### **2.5.2 Técnicas de planejamento**

Para a elaboração de um diagnóstico é interessante que sejam realizadas diversas atividades, utilizadas como ferramentas de apoio. Nesse contexto, Buarque (2008) apresenta vários instrumentos e técnicas de planejamento visando a organização e a sistematização das informações, auxiliando também todo o processo de negociação e reflexão para que as decisões sejam tomadas, para cada caso e local é possível definir o conjunto de instrumentos e técnicas a serem adotados.

Para a consulta à sociedade e levantamento da realidade, Buarque (2008) apresenta várias técnicas, dentre elas:

#### *. Oficina de trabalho de atores sociais*

De acordo com Buarque (2008) este é um método de consulta estruturada à sociedade que organiza a construção coletiva na percepção da realidade e definição das prioridades. Esta oficina pode utilizar o sistema de visualização e flexibilidade em painéis onde o pensamento é manifestado através de cartões e organizando a reflexão e a discussão através de dinâmica de grupo. Para o conhecimento do objeto, é necessário captar e organizar a percepção dos atores, refletindo em torno dos problemas e potencialidades da realidade. Desta forma, será possível promover a negociação das visões diferenciadas.

#### *. Entrevista estruturada ou semiestruturada*

Através deste método faz-se entrevistas com lideranças e representações de atores sociais e Buarque (2008) o define como uma maneira simples, eficaz e interessante para o levantamento e a identificação da percepção da comunidade, podendo se concentrar em torno do conhecimento da realidade. Além disso, a sua utilização ajuda a identificar as demandas da sociedade e as propostas de projetos de desenvolvimento local.

Para a sistematização e hierarquização, Buarque (2008), ressalta que muitos problemas são gerados durante o processo de consulta à sociedade e levantamento de informações, o que pode confundir mais do que delimitar os espaços de atuação para construção do desenvolvimento. Sendo assim, é necessário que seja feito um tratamento técnico para que se

possa organizar, sistematizar e hierarquizar as informações sobre a realidade do local. Existem várias formas de se fazer este tratamento e serão detalhadas:

*. Organização em Diagrama*

Inicialmente, para identificar os fatores externos (exógenos), nos aspectos positivos e negativos e fatores internos (endógenos) nos aspectos positivos e negativos, é realizado com um diagrama que distribui os componentes em blocos diferenciados e assim será possível perceber claramente os fatores facilitadores e dificultadores internos e externos.

*. Matriz de hierarquização*

A matriz de hierarquização é uma técnica simples e estruturada de análise comparativa e confronto dos diversos problemas, sendo possível identificar os problemas mais importantes a partir da interação um a um, onde os participantes são estimulados a fazer escolhas entre pares de problemas gerados na percepção da realidade, identificando o mais importante em cada uma das células que dois problemas se encontram. Ao final do processo soma-se a quantidade de vezes que cada problema ganhou na interação definindo-se a importância relativa. (GEILFUS, 1997 citado por BUARQUE 2008). Através dela, é possível estabelecer uma escolha entre os problemas sem dar tratamento para então fazer uma análise de causalidade entre eles.

*. Árvore de encadeamento lógico*

Para Buarque (2008) esta técnica é uma forma de expressão gráfica da hierarquia dos problemas e potencialidades que resultam das relações de causa e efeito. Ela ressalta os fatores mais relevantes e determinantes da realidade. Buarque (2008) salienta que, a partir de uma listagem inicial dos problemas é possível analisar e interpretar a relação de causa e efeito entre eles, já que expressa a estrutura lógica e teórica da realidade local. Esta análise deve ser feita de forma coletiva, onde o grupo técnico reflete e discute para a montagem de uma rede de interação entre os problemas, sendo que a hierarquia de relevância é destacada. Vale ressaltar que a partir desta técnica é possível visualizar as prioridades estratégicas, já que é possível expressar o que se deve fazer para enfrentar cada um dos problemas apresentados na árvore de problema, sendo possível reproduzir a hierarquia da árvore de encadeamento de problemas.

As técnicas aqui apresentadas, com as quais é possível perceber a realidade atual e compreender sobre a visão do futuro, contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

## 4. METODOLOGIA

Inicialmente foi delimitado o problema de pesquisa, motivador para o presente trabalho, que fez surgir diversos questionamentos relacionados a Associação Agroecológica Écoletivo e conseqüentemente o objetivo geral e os objetivos específicos. Os próximos passos do trabalho foram, o delineamento da pesquisa, a delimitação do universo de pesquisa (local de pesquisa), delimitação da amostragem (atores envolvidos), a demonstração de como se deu a coleta e a análise de dados.

A presente pesquisa foi submetida à Plataforma Brasil e conforme o Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Lavras (ANEXO A), sob o CAAE 03990218.1.0000.5148/2018 e Protocolo n.º 3.090.428/2018), "a pesquisa atende às exigências éticas e apresenta relevância e coerência científica" (Comitê de Ética em Pesquisa, 2018, p. 01).

### 4.1 Delineamento da Pesquisa

Esta pesquisa social foi de natureza aplicada, pois objetivou a utilização de conhecimentos que tivessem aplicação prática e sobretudo interesse na sua aplicação (GIL, 2008). Prodanov e Freitas (2013), registram que a pesquisa aplicada tem como finalidade gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos, além de envolver verdades e interesses locais, o que justifica a escolha da pesquisa aplicada.

Com base em seus objetivos, esta pesquisa classifica-se como exploratória, pois, tende a proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito, visando um acesso mais próximo ao problema investigado, oferecendo informações sobre determinada temática (GIL, 2009), exatamente o que se pretendeu. Classifica-se também como descritiva, pois descreve características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis (GIL, 2009). o que justificou tal escolha.

Quanto aos meios de investigação, a presente pesquisa pôde ser considerada do tipo pesquisa de campo. Vergara (2015), relata que a pesquisa de campo é uma investigação baseada na experiência, realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou ainda que dispõe de elementos para explicá-lo e pode incluir entrevistas, aplicação de questionários, testes e observação participante ou não.

A pesquisa se deu de forma qualitativa, quanto à abordagem, por lidar com interpretações da realidade, identificar e analisar dados não numéricos e não utilizar recursos

estatísticos. Alencar (2007) defende que, a compreensão dessas interpretações, requer uma postura metodológica diferente por parte do pesquisador, o que significa interpretar os significados que estão por trás das ações dos indivíduos.

Como a pesquisa conta com intervenções na concepção participativa, tem-se a partir daí o entendimento que a pesquisa-ação foi o procedimento adequado pois como define Thiollent (2011, p. 16):

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Compreende-se que a presente pesquisa se caracteriza por uma pesquisa-ação pois, foi concebida em relação direta e estreita relação, onde a pesquisadora e os atores interagiram na realidade em que estão vivenciando, buscando entendimento dos problemas e definição de ações concretas de curto, médio e longo prazos de forma participativa.

#### **4.2 Local de pesquisa e atores envolvidos**

O local de pesquisa escolhido foi a Associação Agroecológica Écoletivo, com sede em Bom Jardim, região rural do município de Rio Pomba em Minas Gerais.

A escolha da Associação Agroecológica Écoletivo se deu em função de ser uma associação ativa na região, com demanda de um diagnóstico e com associados, que participam de projetos de extensão desenvolvidos no Instituto Federal Sudeste de Minas Gerais, no Campus Rio Pomba, instituição na qual a pesquisadora está vinculada.

Os atores envolvidos que participaram ativamente da pesquisa foram 13 membros associados na Associação Agroecológica Écoletivo, sendo que desses, 03 são também membros da Diretoria Executiva da Associação: Presidente, Vice-Presidente, Primeira Secretária. Os atores envolvidos participaram por livre e espontânea vontade dos diferentes momentos de coleta de dados. A pesquisadora tornou-se associada em junho de 2018 contudo, não participou da pesquisa como associada.

Na tabela 1, será apresentada a codificação dos atores envolvidos na pesquisa.

Tabela 1 – Codificação dos atores envolvidos.

Códigos	Categoria	Instrumento de Coleta
D1 a D3	Membros da Diretoria que foram entrevistados	Entrevista
A1 a A13	Associados que responderam o questionário	Questionário
AS1 a AS9	Atores sociais que participaram da oficina de trabalho	Oficina de trabalho

Fonte: Dados da pesquisa

### 4.3 Coleta de dados e informações

Entende-se que a coleta de dados é uma fase importante, senão a mais importante, pois gera as informações tão necessárias ao atendimento do objetivo da pesquisa e as respostas aos questionamentos levantados na delimitação do problema. Barros (2007) ressalta que a coleta de dados é a fase em que se indaga a realidade e se obtém dados pela aplicação da técnica.

Para **resgatar aspectos históricos de fundação e caracterizar a associação**, a coleta de dados foi realizada através de pesquisa documental e entrevista por pauta com membros da Diretoria Executiva, além da participação da pesquisadora em 07 reuniões da associação e das conversas informais com associados.

A pesquisa documental refere-se a dados obtidos de maneira indireta capazes de proporcionar dados em quantidade e qualidade suficiente (GIL, 2008). Como fontes de documentação, foram verificados e analisados arquivos, através do acesso ao aplicativo “Drive”, do Google, ferramenta de armazenamento e compartilhamento em computação em nuvem (CN). O acesso ocorreu com a Declaração de Autorização (Apêndice A) onde o presidente da Associação autoriza o acesso de arquivos, registros e similares. No Drive estavam disponíveis para todos os associados os seguintes arquivos: a Ata da Assembleia Geral de Fundação, o Estatuto da Associação, o Comprovante de Inscrição e de Situação Cadastral, as Atas das Assembleias, o Cadastro de Associados, Livro Caixa, Ficha de Inscrição, Cronograma de atividades, o resumo dos projetos. Outra coleta de dados documental, foi a visualização da web série *Le Brésio, Márcio, et moi*, em canal privado no YouTube, onde foi relatada a vida de

um casal que vive na comunidade do Bom Jardim, membro da Diretoria Executiva da Associação.

Também foi realizada Entrevista com a Diretoria (Apêndice B) entrevista por pautas, conforme roteiro apresentado, com 04 membros da Diretoria Executiva da Associação, o Presidente, a Primeira Secretária, a Primeira Tesoureira e a Segunda Tesoureira. A entrevista possibilitou obtenção de dados referentes a diversos aspectos, oferece flexibilidade, possibilitou a classificação e quantificação dos aspectos levantados (GIL, 2008). Na entrevista por pautas, segundo Gil (2008), há certo grau de estruturação com uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo da mesma, sendo adequada por questões culturais dos respondentes e pela própria natureza do tema investigado.

As entrevistas aconteceram em horários previamente agendados em locais em que os membros da diretoria executiva se sentiram à vontade. Antes das entrevistas, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As entrevistas foram gravadas na íntegra, em áudio, com o consentimento dos membros. Foi realizado um teste piloto da entrevista com objetivo de identificar e eliminar potenciais falhas, mas não foram necessárias alterações.

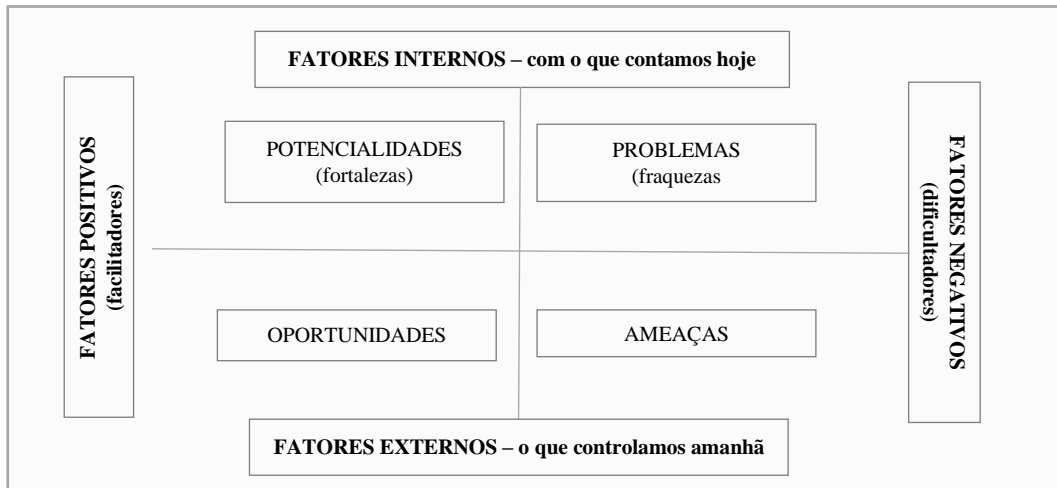
Para **descrever o perfil sociodemográfico dos associados** a coleta de dados se deu, através de um questionário semiestruturado (Apêndice C), enviado a todos os associados, em formulário *online*, com 29 questões, contendo opções de múltipla escolha, respostas curtas e dissertativas. Foi informado aos associados que sua identidade seria mantida em sigilo. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) também foi assinado.

Para **compreender aspectos conceituais, motivacionais e avaliativos relacionados à associação**, a coleta de dados também se deu através do questionário, a leitura das atas, a participação em reuniões da associação em junho, agosto, setembro e outubro, novembro, dezembro do ano de 2018 e em janeiro, fevereiro, março do ano de 2019, além da participação nas oficinas de trabalho de atores sociais.

Para **analisar o ambiente externo e interno da associação**, tornou-se relevante a realização, de parte da Metodologia de Planejamento, proposta por Buarque (2008). O autor salienta que a metodologia de planejamento deve ser compatível com os objetivos de desenvolvimento sustentável definidos e com a concepção de planejamento como um processo técnico e político de envolvimento e comprometimento da sociedade nas decisões locais, além de contemplar a participação social, a negociação política e utilizar um tratamento multidisciplinar com base numa abordagem sistêmica.

Inicialmente, para identificar os componentes externos, considerados como ameaças e oportunidades e componentes internos considerados como potencialidades e problemas, foi utilizada a técnica citada por Buarque (2008), de *Organização em Diagrama*, conforme a figura 6, que distribui oportunidades e ameaças (fatores externos) e potencialidades e problemas (fatores internos) em blocos diferenciados.

Figura 6 – Organização em Diagrama



Fonte: Geifus, 1997, citado por Buarque, 2008.

A técnica de Organização em Diagrama (Apêndice D), foi adaptada e entregue em papel impresso, em reunião da associação, além de ser enviada a todos por e-mail e inserida do *Drive* compartilhado, para que os associados fizessem seus rascunhos e levassem no dia em que foi adotada a segunda etapa de coleta de dados para análise do ambiente externo e interno, a técnica de planejamento descrita por Buarque (2008) como *Oficina de trabalho de atores sociais*, que organiza a construção coletiva de percepção da realidade e definição das prioridades onde é necessário captar e organizar a percepção dos atores, refletindo-se em torno dos problemas e potencialidades e das ameaças e oportunidades apresentados. A oficina foi agendada com antecedência e buscou motivar a presença do maior número possível de Membros da Diretoria e Associados. As informações citadas nos diagramas pelos associados participantes, foram registradas em cartolinas em forma de tarjetas e organizadas em painéis de Oportunidades, Ameaças, Potencialidade e Problemas, para melhor entendimento e ordenamento das ideias.

A fim de **identificar os principais problemas, suas causas, consequências**, na primeira etapa da oficina de atores sociais realizada, os problemas foram coletados, analisados e agrupados por temas, conforme suas semelhanças. O agrupamento dos problemas por temas foi confirmado na construção coletiva de percepção da realidade.

Posteriormente foi aplicada e dialogada a *Matriz de Hierarquização* (Apêndice E), citada por Buarque (2008), na oficina de atores sociais, onde os participantes foram estimulados a fazer escolhas entre pares dos cinco problemas gerados no agrupamento por temas: “Baixa Participação; Dificuldades na Gestão; Evasão de Associados; Falta de uma Sede; Manutenção Financeira”. Na percepção da realidade, participantes identificaram um dos problemas escolhido como mais importante em cada uma das células em que dois problemas se encontravam. Ao final do processo, somou-se a quantidade de vezes que cada problema ganhou na interação, definindo-se a ordem de importância. Os dois primeiros problemas identificados como mais importantes na hierarquização, foram trabalhados na próxima etapa.

Em nova etapa, foi realizada a técnica de planejamento descrita por Buarque (2008, 1999), denominada *Árvore de Encadeamento Lógico* (Apêndice F), em que os principais problemas foram descritos no tronco; as raízes da árvore simbolizando as causas do problema e os galhos representando as consequências. Para aplicação da técnica descrita, foi realizada, com os associados, a segunda etapa da oficina de atores sociais, nessa etapa foram distribuídos papéis com o desenho de uma árvore no centro estabelecendo-se causas e consequências de forma individual e preenchidos nas folhas e posteriormente o grupo se reuniu em uma roda de conversa e a cada problema apresentado, foi estimulada a opinião de todos e de forma dialógica, ocorreu o preenchimento das causas nas raízes da árvore e as consequências nas folhas da árvore, através de targetas afixadas em uma folha de papel pardo na parede.

#### **4.4 Análise dos dados**

A análise de dados tem o objetivo de organizar os dados a fim de possibilitar que eles sejam úteis para o esclarecimento do problema proposto para investigação (GIL, 2008). A análise dos dados foi realizada a fim de atender aos objetivos da pesquisa. Para Prodanov e Freitas (2013), a análise e a interpretação desenvolvem-se a partir das evidências observadas, de acordo com a metodologia, com relações feitas através do referencial teórico e complementadas com o posicionamento do pesquisador.

A abordagem qualitativa foi utilizada para a análise da investigação documental a fim de atender ao objetivo da pesquisa. Também foi utilizada como técnica de abordagem qualitativa, a análise de conteúdo para a análise e interpretação das entrevistas por pautas realizadas com a Diretoria Executiva, questões abertas dos questionários aplicados aos associados e diagramas relativos aos problemas.

Conforme Bardin (2009), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, por meio de indicadores quantitativos ou não, a fim de permitir a inferência de conhecimentos referentes as condições de produção ou recepção dessas mensagens. Bardin (1977, citada por Vergara, 2015) salienta, que a análise de conteúdo é composta por três etapas básicas de transcrição das entrevistas (pré-análise), leitura das transcrições e seleção das categorias de análise (exploração do material) e redação e discussão dos resultados apresentados (tratamento e interpretação dos dados). Foram utilizadas as etapas citadas para a análise dos dados da presente pesquisa. No caso, além das entrevistas com membros da diretoria, também foi realizada a análise de conteúdo para as questões abertas dos questionários aplicados aos associados.

Para maior compreensão foi necessária a criação de categorias primárias e secundárias, que segundo Bardin (2009), são classes as quais reúne-se um grupo de elementos em razão das características comuns destes elementos.

A análise dos dados da *Oficina de trabalho de atores sociais* se deu a partir da sistematização dos resultados, descrição dos relatos e preenchimento do *Diagrama*, da *Matriz de Hierarquização* e das *Árvores de Encadeamento Lógico* para os dois problemas escolhidos como prioritários, além de considerar a leitura das atas das reuniões em que ocorreram as oficinas.

Após a sistematização das informações e análise dos resultados, foi agendada uma participação na reunião da associação, para retorno das informações e levantamento de necessidades para enfrentar (solucionar) os problemas e aproveitar (fortalecer) as potencialidades partindo dos próprios atores sociais.

Também foram organizados os planos de ação em relação às causas e consequências apresentadas, transformando problemas em objetivos e posteriormente, além da organização dos projetos com definição dos grupos de trabalho.

A seguir será apresentado o Quadro Metodológico com uma síntese das etapas da metodologia proposta.

Quadro 1: Quadro Metodológico

ABORDAGEM	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	AMOSTRA	FONTE DE DADOS	INSTRUMENTOS DE COLETA	ELEMENTOS	TÉCNICAS DE ANÁLISE
Qualitativa	Resgatar aspectos históricos de fundação e caracterizar a associação	Documentos Diretoria Associados	Primária e Secundária	. Pesquisa documental . Entrevista por pautas com Diretoria . Participação em reuniões . Conversas informais	Resgate dos aspectos históricos de fundação: motivo da criação, dificuldades da criação, razão de ser da associação, caracterização da associação.	Análise de dados; análise de conteúdo.
Qualitativa	Descrever o perfil sociodemográfico dos associados	Associados	Primária	Questionário semiestruturado	Idade, gênero, estado civil, grau de instrução (escolaridade), profissão, local de origem, atual local de residência, número de filhos, idade dos filhos, gênero dos filhos, estado civil dos filhos, grau de instrução dos filhos, local de moradia dos filhos, fonte de renda da família, atual local de residência.	
Qualitativa	Compreender aspectos conceituais, motivacionais e avaliativos relacionados a associação	Associados	Primária	Questionário semiestruturado Pesquisa documental Reuniões Oficinas de trabalho de atores sociais	Conceito de associativismo, motivos para participar da associação, como avalia a atual situação da associação, como é o relacionamento entre a diretoria e associados, a importância da participação na associação, conceito de desenvolvimento local sustentável e o que faz para o desenvolvimento local da região	
Qualitativa	Analisar o ambiente externo e interno da associação	Associados	Primária	Entrevista por pautas com Diretoria Organização em Diagrama Matriz de Oficina de trabalho de atores sociais	Questões da entrevista relativa aos aspectos externos e internos Diagrama com distribuição dos componentes do ambiente externo: oportunidades, ameaças e do ambiente interno: potencialidades e problemas Construção coletiva de percepção da realidade, reflexão em torno das oportunidades e ameaças do contexto representando os fatores externos e as potencialidades e problemas relacionados aos fatores. Hierarquização.	
Qualitativa	Identificar os principais problemas, suas causas, e consequências	Associados	Primária	Oficina de trabalho de atores sociais . Matriz de Hierarquização . Árvore de Encadeamento Lógico	Hierarquia dos problemas, resultante das relações de causa e efeito, que ressalta os fatores mais relevantes e determinantes da realidade. Construção coletiva de reflexão em torno dos dois problemas definidos como prioritários e análise de suas causas e consequências.	

## **5 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A descrição dos resultados relaciona-se com o objetivo do presente trabalho e foram divididos no resgate dos aspectos históricos de fundação e caracterização da associação Agroecológica Écoletivo, na descrição do perfil sociodemográfico dos associados; compreensão dos aspectos conceituais, motivacionais e avaliativos; análise do ambiente externo e interno da associação e identificação dos principais problemas, suas causas, consequências e possíveis soluções.

O diagnóstico representa a relação entre o que se tem e o que se quer alcançar e procura responder até que ponto a prática atual da associação, está de acordo com aquilo que ela se propôs a realizar ou com aquilo que deveria estar realizando.

### **5.1 Resgate dos aspectos históricos de fundação e caracterização da associação**

Levando-se em conta a importância da análise estratégica que o planejamento proporciona para a promoção do desenvolvimento local, cabe entender na etapa inicial do presente diagnóstico, questões relacionadas ao resgate dos aspectos históricos de fundação e caracterização da associação Agroecológica Écoletivo.

Abrir o mapa para a análise da realidade, é o marco situacional, ou seja, significa compreender a situação atual a partir do histórico de fundação, da razão de ser, o que se quer para o futuro, os objetivos, o que se realizou até o momento, o que não se realizou, as relações com outras instituições e estabelecer o rumo, a partir dos conceitos de planejamento de Buarque (2008), Gandin (2011) e Oliveira (2010).

#### **5.1.1 Resgate dos aspectos históricos de fundação**

O resgate dos aspectos históricos de fundação busca entender a localização, o contexto do momento que antecede à criação da associação, a motivação pela necessidade de mudanças, as dificuldades burocráticas para registro da associação.

A Associação Agroecológica Écoletivo está presente no estado de Minas Gerais, na região da Zona da Mata, município de Rio Pomba. O município de Rio Pomba está situado na região Sudeste de Minas Gerais conforme imagem abaixo:

Imagem 1 – Mapa de Minas Gerais com destaque na cidade de Rio Pomba.



Fonte: IBGE (2019).

A população no último Censo Populacional do município de Rio Pomba, era de 17.110 pessoas, estimada em 18.858 pessoas para o ano de 2018 (IBGE, 2010). O PIB per capita de R\$ 15.089,84 em 2015, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,714 em 2010, sendo considerados de médio desenvolvimento.

A área ocupada pelos estabelecimentos rurais era de 14.631 hectares em 2006.

O pessoal ocupado em estabelecimentos agropecuários era de 981 homens e 348 mulheres em 2012.

As entidades sem fins lucrativos eram de 65 unidades e as fundações privadas e associações sem fins lucrativos eram 39 unidades em 2010 (IBGE, 2018).

A associação tem atualmente, a maioria dos associados residindo na comunidade Bom Jardim, local onde inicialmente a economia se baseou no tabaco, no gado leiteiro, avançando para o café e arroz em beiras de rio, que era produzido para as famílias e para comercialização. Atualmente, vem apresentando várias iniciativas de produção de hortifrutigranjeiros fundamentadas na agroecologia, conforme Silveira, et al (2018).

No entorno da comunidade Bom Jardim, em Rio Pomba, estão as cidades de Mercês, Tocantins, Silverânea, Ubá, Piraúba e Tabuleiro, conforme imagem a seguir:

Imagem 2 – Comunidade Bom Jardim, Município de Rio Pomba e cidades do entorno.



Fonte: Adaptado de <https://www.google.com.br/maps> (2019).

A partir da ampliação das ações coletivas de estudantes de Agroecologia do Instituto Federal Sudeste de Minas Gerais Campus Rio Pomba com agricultores e agricultoras locais, ocorreu em 2014, a formação do Coletivo Agroecológico de Rio Pomba (SILVA, 2017). Com a formação do coletivo, as ações do mutirão voltadas para produção de alimentos, saneamento rural, bioconstrução, além de atividades de troca de saberes e os encontros culturais e artísticos e outras atividades, passaram a acontecer semanalmente, de forma rotativa em função das demandas trazidas pelas comunidades da região.

A necessidade de mudança de paradigma, no que diz respeito ao desenvolvimento e a motivação pelo fortalecimento da agricultura familiar de base agroecológica e em transição agroecológica é o que move as pessoas em torno de um objetivo comum, voluntariamente. O mutirão representa ampliação do conhecimento, baseado na prática social, na relação entre os sujeitos e na necessidade desses sujeitos. A base da união do Coletivo Agroecológico de Rio Pomba foram as ações de mutirão:

[...] a gente começou a se reunir todos os domingos para fazer os mutirões e começamos, de forma muito espontânea e informal, e aos poucos começamos a conversar sobre o que era o mutirão, como tínhamos que nos organizar [...] Encontramos alguns problemas, porque tinha algumas pessoas que chamavam o mutirão, mas não participavam, então, a gente começou a ver a necessidade de definir um pouco melhor (D2).

O mutirão repousa sobre a troca simples de trabalho, sobre o princípio da reciprocidade e pode ser definido como uma relação de troca que aparece como relação de ajuda mútua, uma manifestação de solidariedade, de unidade e de comunhão do grupo (ABRAMOVAY, 1981). Com as ações de mutirão, as relações e as trocas de experiências no Coletivo Agroecológico se intensificaram e a ideia de se organizar de forma mais concreta se fortaleceu, conforme entrevistado da diretoria relata:

A gente precisava desse aval formal para poder trabalhar em outras instâncias também, não só com esses processos do mutirão [...], mas em outros processos também. E eu acho que isso nasceu de uma vontade de emancipação da gente como um coletivo (D1).

A formalização mais concreta permite participar de situações que não seriam possíveis, mas exige do coletivo um movimento de mobilização a fim de realizar ações necessárias para o desenvolvimento local. Buarque (2008) lembra que o desenvolvimento local consistente e sustentável deve mobilizar e explorar as potencialidades locais, elevar as oportunidades sociais e viabilidade da economia local, assegurando a conservação dos recursos naturais locais e principalmente demanda um movimento de mobilização da sociedade local de modo a criar raízes efetivas na matriz socioeconômica e cultural da localidade.

O Coletivo Agroecológico de Rio Pomba foi um embrião informal para que um grupo formal pudesse surgir, o processo de criação do Estatuto da Associação, representou o início da formalização da associação e aconteceu através da realização de reuniões do grupo interessado, envolvido com os mutirões e busca de conhecimento e informações sobre o que era preciso para se criar uma associação. Conforme relatos de membros da diretoria, como a ideia era uma associação diversificada, diferente do que estavam acostumados, foi um processo longo e demorado, onde aconteceram muitas reuniões:

[...] Daí a primeira coisa que veio foi o estatuto. E foi o mais demorado, porque a gente reuniu muitas vezes mesmo, mesma coisa, no mínimo uma vez por mês, né? E fomos elencando as situações do estatuto. Só que a gente queria também um estatuto um pouco diferente dos atuais que a gente via [...] A gente viu exemplo de vários tipos de associação, mas o que a gente pensava em termos de agroecologia, a gente não viu um que era mais pertinente não só em relação à questão agrícola, mas quanto a algo mais diversificado. O nosso grupo não era somente de produtor, na verdade, temos muitas pessoas que trabalham com cultura, com arte, que trabalham com pedagogia, com educação em si, então, a gente foi construindo assim. Mas tivemos certa dificuldade de registrar um estatuto nos moldes que a gente fez (D1).

Em relação às dificuldades burocráticas para registro da associação, foram apontadas pelos membros da diretoria, dificuldades no conhecimento jurídico e contábil quanto aos procedimentos legais para a formalização; dificuldade de elaborar um estatuto para uma associação multidisciplinar; dificuldade de adaptar o estatuto de outras associações; os altos custos, para registro; dificuldade de comunicação interna do Écoletivo; falta de iniciativa por parte de todos os envolvidos. O relato de um membro entrevistado registra:

A gente passou por muito problema, talvez pelo processo burocrático assim, na questão de como formalizar os ideais que a gente tinha para com o estatuto, referente ao trabalho que a gente queria traçar. (D1)

Para superar a fase de falta de conhecimento jurídico e contábil e dificuldade de criar um estatuto que atendesse aos desejos do coletivo, os interessados participaram de diversas reuniões, contrataram uma pessoa e também buscaram assessoria externa.

A Ata da Assembleia Geral de Fundação, Aprovação do Estatuto, Eleição e Posse da Diretoria Executiva e do Conselho Fiscal é datada de 18 de março de 2017. O comprovante de inscrição e de situação cadastral tem data de abertura em 26 de dezembro de 2017.

Com a fundação da associação, após a resolução das questões burocráticas de formalização, parte-se para um novo momento, onde os associados devem centralizar esforços em seguir em frente no entendimento do que é necessário para colocar em prática o que foi proposto no Estatuto.

Após a formalização da associação, os esforços do grupo devem voltar-se para maior entendimento da identidade da associação. A partir dos conceitos de planejamento de Buarque (2008) de planejamento participativo de Gandin (2011) e de diagnóstico estratégico proposto por Oliveira (2015) foram identificadas a missão, visão de futuro, objetivos, conquistas, projetos efetivados, projetos a serem desenvolvidos.

### **5.1.2 Caracterização da associação**

O diagnóstico buscou entender as questões voltadas à missão do grupo, através dos motivos de criação e da razão de ser da associação pois a missão representa a motivação de atuação e o horizonte no qual a organização decide atuar.

Nas entrevistas realizadas com membros da diretoria, ao serem questionados quanto aos motivos de criação da associação, categorias temáticas foram levantadas pelos entrevistados:

Tabela 2 – Motivos para a criação da associação

Necessidade de implementar melhoras na organização e operacionalização do mutirão
Formalização do grupo do mutirão para poder atuar em outras instâncias e projetos
Desejo de emancipação e autonomia
Independência do Instituto Federal - Campus Rio Pomba
Estabelecer e fortalecer parcerias
Aumentar o vínculo universidade/comunidade
Propagar a agroecologia para outros lugares
Unificar pautas importantes para a agroecologia

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Pode se afirmar que os motivos de criação da associação estão ligados à necessidade de uma organização social, voltada para o fortalecimento do capital social que, segundo Putnam (2006), tem como características confiança, normas e sistemas que contribuem para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas.

A partir da necessidade de melhorias e formalização do grupo responsável pelo mutirão, de autonomia dos processos frente as instituições locais, de estabelecer e fortalecer parcerias e de fortalecer o movimento agroecológico, o grupo começou a se reunir além do mutirão com a ideia de criar a associação. A ideia, segundo membro da diretoria era:

[...] unir várias pautas que são importantes dentro da agroecologia, que não é só a agricultura, mas a cultura, o aspecto social, o aspecto de igualdade de gênero, o aspecto econômico também, porque a associação pode ajudar também a vender produtos, a vender serviços, e a fazer com que nos tornemos mais autônomos (D2).

Assim, a ideia da associação surgiu como forma de aumentar a interação dos envolvidos e propagar a agroecologia na região.

Quanto a “razão de ser da associação”, o quadro abaixo revela as categorias temáticas geradas pela entrevista aos membros da diretoria:

Tabela 3 – A razão de ser da associação

<b>Categorias Temáticas</b>
Formar a um grupo com uma mesma filosofia/objetivo
Estabelecer parcerias com outros grupos organizados e órgãos públicos
Formalizar as atividades desenvolvidas pelos membros da associação
Poder captar recurso público e privado
Fortalecer a Agroecologia em Rio Pomba
Trabalhar na Preservação e Educação Ambiental

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Entende-se a partir dos motivos de criação e da razão de ser da associação, que a missão da associação, pode ser inicialmente trabalhada com os associados a partir da frase gerada pelas categorias temáticas. Tais aspectos são evidenciados nas seguintes afirmações de membros da diretoria:

A razão de ser da associação é formalizar algo que já existia, e para poder ter um lugar reconhecido na sociedade, poder exercer um papel político. Poder fazer projetos com instituições como escolas, poder captar dinheiro, seja de verbas do Brasil ou de fora, públicas ou privadas (D2).

A razão de ser da associação é fortalecer a agroecologia em Rio Pomba, dando ferramentas para que projetos possam acontecer. Então, trazer essa prática da agroecologia para o meio rural, de forma independente, de que a gente não precise ter um aval do Instituto Federal para fazer essas coisas. Embora os mutirões aconteçam, acho que precisa fortalecer mais essas atividades no meio rural. Eu acho que a associação vai ser fundamental para dar essa força (D3).

Acho que, pra mim, é o mesmo aspecto da comuna, né, de pertencer a um grupo que trabalha a mesma filosofia. Mesmo que não seja a mesma filosofia, mas que são próximos e que em um conjunto, eu imagino assim como a gente mesmo. Nós somos um grupo de vários órgãos, né? A gente tem o coração, tem o fígado, tem o estômago, tem a pele, tem os olhos. Não me sinto sozinho assim, eu gosto de me sentir dentro de um grupo (D1).

A partir da vontade dos envolvidos, iniciou-se o processo de ampliação do conhecimento em relação aos aspectos burocráticos para fortalecimento e organização do capital social inicialmente desenvolvido.

O diagnóstico buscou entender as questões voltadas à visão de futuro, através do entendimento onde se pretende chegar com a associação.

A visão do futuro se manifesta através do futuro desejado, sendo o futuro desejado atemporal e livre de restrições (BUARQUE, 2008). A partir daí a organização prioriza o foco

nos objetivos gerais e específicos, de curto, médio e longo prazo (MAXIMIANO, 2011) que servirão de referência para as decisões estratégicas.

O diagnóstico buscou entender a visão de futuro através dos relatos dos membros da diretoria registrados através das seguintes categorias:

Tabela 4 – Onde se pretende chegar com a associação

Num modelo de desenvolvimento local sustentável, que dê condições para uma transição agroecológica e recuperação da bacia hidrográfica da região.
Ampliação das parceiras que estão sendo feitas, em diversos níveis de alcance (local, municipal, internacional).
Num ponto em que seja possível captar recursos por meio de editais de incentivo por meio da formalização
Implementação dos Projetos detalhados no Estatuto
Conseguir amadurecimento financeiro da associação por meio de suas ações.

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Os relatos de dois membros reforçam sobre onde se pretende chegar:

No desenvolvimento local sustentável, que possa auxiliar nessa questão de transição agroecológica, principalmente no município, e às vezes em bairros na região. [...] Mas eu acho que a associação entrou para formalizar a gente, exatamente para podermos conquistar espaço em um cenário de editais, por exemplo. Que a gente possa captar recursos e aplicar na questão desse desenvolvimento local aqui mesmo, almejando na verdade um futuro espaço Agroecológico. Porque talvez a associação esteja ajudando na transição, mas ela almeja na verdade definir um espaço agroecológico local (D1).  
Seria legal se tivéssemos vários projetos que preenchessem o que queremos atingir no estatuto, trabalhar na Escolinha, na sede, para um público da Zona Rural, trabalhar também em escolas da cidade, fazer a ponte entre a cidade e o campo, trabalhar com os pequenos produtores, trabalhar com os estudantes, trabalhar com os novos rurais, trabalhar com as mulheres, com as crianças, fazer filmes, produzir, fazer uma mini indústria. Nossa, tem muitas coisas! A gente quer se envolver localmente na região de Bom Jardim, no Município inteiro de Rio Pomba e até na região também. Ter parcerias com a Prefeitura, ter parceria talvez com outras cidades, com outras associações de outras cidades, talvez até com outros países! [...] São muitas coisas, mas eu acho que também não adianta ir tão longe, temos que ir aos poucos (D2).

Entende-se que é uma prioridade da associação para o futuro, atuar em desenvolvimento local sustentável, implementando projetos através de parcerias em diversos níveis, que possibilitem a concretização dos objetivos dos associados e da comunidade.

O entendimento dos envolvidos na associação com relação ao desenvolvimento local sustentável verificado na entrevista com membros da diretoria e no questionário com associados. A tabela abaixo demonstra o entendimento dos membros da diretoria sobre o desenvolvimento local sustentável:

Tabela 5 – Entendimento da diretoria sobre o desenvolvimento local sustentável

É utilização de técnicas e conhecimentos que levem em consideração as características e demandas locais
É a utilização dos recursos naturais de forma racional e consciente, evitando desperdício e respeitando o meio ambiente
É um modelo que promove uma economia circular entre os atores envolvidos no processo de produção, venda e consumo
Não é apenas a produção agrícola, mas a produção de cultura, moda entre outras.

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A tabela abaixo demonstra o entendimento dos associados sobre o desenvolvimento local sustentável:

Tabela 6 – Entendimento dos associados sobre o desenvolvimento local sustentável

Desenvolvimento e utilização de técnicas produtivas que preservem, beneficiam e não agriam o meio ambiente
Utilização Integral e sem excessos dos recursos materiais, ambientais e destinação correta do lixo produzido
Práticas de economia locais que promovam a inclusão e distribuição de recursos de maneira responsável valorizando as características regionais
Incentivo ao resgate e a utilização dos saberes regionais/locais e valorização da diversidade cultural
Valorização das características regionais

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

O desenvolvimento local sustentável, no entendimento dos associados é uma forma de desenvolvimento que preserva, beneficia o ambiente além de valorizar os saberes, recursos e características locais com práticas de economia local.

Relativo ao tema “desenvolvimento local sustentável” uma das respostas da entrevista refletiu bem o entendimento:

Eu acho que um dos fundamentos para a gente fundar a associação foi justamente essa questão do local [...] Então, eu creio que, nesse âmbito assim, o desenvolvimento local sustentável seria exatamente a gente poder produzir e trabalhar com atividades que são adaptadas ao local, que a gente utilize recursos locais em sua maioria, lógico que tem alguns que podemos pegar do externo, mas com uma certa racionalidade na verdade, na utilização desses recursos locais. E a questão da economia ser trabalhada de uma forma circular, a maioria fica no Município. Se eu puder produzir e meu produto for para os vizinhos e para o centro da cidade, seria interessante, porque tanto eles vão poder se alimentar de um produto que é produzido aqui, com mais qualidade, né, como também o dinheiro que eles vão repassar vai ser para mim e eu vou gastar novamente no próprio Município. Eu entendo muito essa questão do desenvolvimento local sustentável dentro desse parâmetro assim, trabalhar o local de forma racional e fazendo uma economia circular (D1).

Após a identificação da visão do futuro representada pela reflexão em relação aonde se pretende chegar com a associação, o diagnóstico trouxe as questões relativas ao objetivo, e através de que atuações a associação pretende realizá-lo. No Estatuto, em seu art. 2º, a associação declara que tem como objetivo “apoiar e desenvolver ações ou projetos para a multiplicação e o fortalecimento do movimento agroecológico na região” através de:

- produção agroecológica e permacultural;
- defesa, preservação e conservação do meio ambiente e a promoção do desenvolvimento sustentável;
- experimentação, não lucrativa, de novos modelos sócio produtivos e de sistemas alternativos de produção, comércio, emprego e crédito;
- promoção da segurança alimentar e nutricional;
- promoção da educação ambiental e da educação no campo;
- promoção da igualdade de gênero, da inclusão social e da juventude rural;
- promoção das medicinas alternativas;
- desenvolvimento de construções ecológicas;
- incentivo ao manejo agroecológico de animais;
- desenvolvimento de expressões culturais e artísticas, e de esportes e lazeres;
- promoção da cultura, defesa e conservação do patrimônio histórico e artístico;
- assessoramentos, prestação de serviços consultivos e transferência de conhecimentos agroecológicos;
- desenvolvimento do agro ecoturismo;
- promoção de atividades e finalidades de relevância pública e social;
- além de outras temáticas que respeitem os valores agroecológicos.

As atuações que auxiliarão a associação a realizar seu objetivo estão diretamente relacionadas aos valores da associação. Para Tamayo, Mendes e Paz (2000) os valores que são princípios e metas que norteiam o comportamento do indivíduo. Os valores orientam o comportamento do grupo, determinam a prática e são elos de ligação para a motivação.

Brandenburg (2002), define o movimento agroecológico como um contra movimento ao domínio da lógica industrial de produção, uma via alternativa à política de modernização agrícola.

Um dos membros da diretoria esclarece com mais detalhes:

É uma transição que exige da gente não só na agricultura mas também na questão ambiental e na questão da ascensão social também, porque eu acho que tudo o que a gente aprende, que a gente tem experiência, se a gente não compartilha ela, ela fica retida somente entre nós, a gente não tem uma troca social legal]...[ o movimento agroecológico vai justamente nisso, tem que trabalhar com todos esses pilares, né, ambiental, social, cultural, econômico. Só que todos eles com essa visão com a questão da racionalidade dos recursos ambientais, a questão de trabalhar uma economia circular, a questão do respeito étnico, respeito à estrutura, respeito a todas as classes assim, então, eu entendo o movimento agroecológico como um movimento social muito mais além do que somente essa questão de movimento de troca de técnicas agrícolas (D1).

Assim, por entendimento da interpretação do conceito “movimento agroecológico” os membros da diretoria, relataram de forma geral que é um movimento social diverso envolvido em várias frentes de atuação; um movimento preocupado com as questões ambientais (educação, militância, técnicas adequadas de plantio e manejo de resíduos); um movimento social preocupado com as desigualdades sociais; um processo de resgate, troca e compartilhamento de cultura, experiências e saberes tradicionais; um movimento preocupado com as relações econômicas entre os sujeitos envolvidos.

A criação da associação torna-se importante na medida em que define em seu estatuto ações para atender ao objetivo e estabelecer metas mais claras e formais e a definição de objetivos representa um parâmetro de grande importância, ajuda na organização das metas além de motivar para as ações futuras. Com a definição dos objetivos, é necessário desdobrá-los em metas ou desafios intermediários de curto prazo, que permitem um melhor acompanhamento e organização das estratégias que poderão ser globais ou específicas (LOBATO, ET AL, 2011).

Em seu Art. 3º o Estatuto define que, para consecução do seu objetivo, a associação poderá realizar diversas ações.

A tabela abaixo demonstra uma comparação entre as ações definidas no Estatuto para consecução dos objetivos e atual situação:

Tabela 7 – Ações definidas no Estatuto para consecução dos objetivos e atual situação

<b>Ações definidas no Estatuto para consecução do objetivo</b>	<b>Atual situação das ações definidas no Estatuto para consecução do objetivo</b>
Desenvolver um manejo agroecológico de agroecossistemas;	Estão sendo desenvolvidos pelos membros individualmente em suas propriedades.
Desenvolver espaços eco pedagógicos;	Pretendemos desenvolver, através da reforma da Escolinha.
Construir espaços de propriedade e uso coletivo;	Pretendemos desenvolver, através da reforma da Escolinha.
Desenvolver um espaço de pesquisa e prática em homeopatia e fito preparados;	Pretendemos desenvolver, através da Reforma da Escolinha.
Promover a integração dos agricultores e consumidores;	Parceria com a “Rede Mãos à Horta” e com grupos que fazem parte do comércio local.
Participar de projetos governamentais e não governamentais, de cunho ecológico, educacional, produtivo, social e cultural;	Em desenvolvimento através de atividades de captação de recursos.
Adquirir ou alugar imóveis para instalações administrativas, tecnológicas, de apoio à produção e ao armazenamento e conservação da produção dos associados;	Não está em desenvolvimento.
Negociar, no interesse comum, a venda de produtos agroecológicos dos associados e, de igual modo, orientar compras de insumos;	Está acontecendo, por meio da parceria com a “Rede Mãos à Horta” e com grupos que fazem parte do comércio local
Associar-se a outras entidades congêneres, sem perder sua individualidade e poder de decisão;	Formalmente ainda não está acontecendo, mas informalmente está acontecendo com a Rede Mãos à horta e com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).
Celebrar convênios ou contratos de natureza técnica e financeira com entidades públicas ou privadas, nacionais e internacionais, e de prestação de serviços com interessados, segundo as necessidades da associação;	Nenhum concretizado até o momento, mas diálogos sendo feitos com a prefeitura de Rio Pomba e com o Instituto Federal em Rio Pomba.
Firmar convênios e parcerias com entidades públicas e particulares que exerçam atividades de interesse dos Associados, visando o fortalecimento e a inovação e desenvolvimento de tecnologias alternativas, produção e divulgação de informações e conhecimentos técnicos e científicos.	Está em andamento em parceria com o Núcleo de Estudos em Agroecologia (NEA).

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

As conquistas até o momento que foram citadas na entrevista foram: o agrupamento de pessoas interessadas na associação; a formalização da associação (CNPJ); as parcerias que a associação estabeleceu e tentativas de envio de projetos para captação de recursos. Foi citada

também a tentativa de liberação pela Prefeitura, da extinta Escola Municipal Severino da Costa Vieira para sede da associação.

Em relação aos projetos efetivados foram citados: o Cine Rural com projeção de filmes voltados à temática local e rural; os trabalhos voltados às plantas medicinais e a realização dos mutirões, que aconteceram em diversas localidades e também realizados com diversos objetivos, dentre eles: capina; plantio; bioconstrução; bacia de evapotranspiração, entre outras atividades. Considerando a opinião do membro da diretoria, codificado como D2, o Mutirão não seria um projeto e sim uma ação concreta conforme sua fala a seguir:

Sobre os projetos efetivados, eu diria que não tem ainda. Tem os mutirões, mas isso nunca foi um projeto, sempre foi uma ação completa. Da mesma forma que muitas coisas que a gente faz dentro dessa associação, que eu acho que sempre foram ações concretas sem ser nem projeto. E eu acho que isso funciona muito bem (D2).

Quanto aos projetos a serem desenvolvidos, foi informado que, com a reativação da Escola Rural e oficialização da sede, poderão ser realizados diversos projetos como: realização de Oficinas para a Comunidade na Escola; oficinas como um espaço ecopedagógico; curso voltado para valorizar os diversos usos da terra, seja como tinta, uso artístico, uso medicinal, o uso na agricultura; curso sobre “design de permacultura”; plantio de mudas para recuperação da bacia hidrográfica da região; resgate da valorização das plantas medicinais e a utilização pela comunidade; horta de plantas medicinais; na área cultural o cine rural, a projeção de cinema, as oficinas de áudio, de vídeo, curta metragem e documentários.

## **5.2 Descrição do perfil sociodemográfico dos associados**

Para descrever o perfil sociodemográfico dos associados e compreender aspectos conceituais, motivacionais e avaliativos relacionados à associação, na visão dos associados, a coleta de dados se deu, através do questionário semiestruturado, entregue em reunião e disponibilizado a todos os associados do dia 26 de dezembro de 2018 ao dia 14 de janeiro de 2019, através de um formulário online, com 29 questões, contendo questões com múltipla escolha, com respostas curtas e dissertativas. O questionário teve a participação de 13 associados da associação Agroecológica Écoletivo.

Os dados são apresentados na tabela abaixo:

Tabela 8 – Dados Sociodemográficos (continua)

Variável	N	Descrição	Total	Porcentagem (%)
Idade	13	21 a 31 anos	06	46,2
		32 a 41 anos	04	30,8
		42 a 51 anos	01	7,7
		52 a 61 anos	02	15,4
Gênero	13	Feminino	08	61,5
		Masculino	05	38,5
Estado Civil	13	Solteiros	07	53,8
		União Estável	04	30,8
		Casados	01	7,7
		Divorciados	01	7,7
Escolaridade	13	Ensino Médio Completo	02	15,4
		Ensino Superior Incompleto	05	38,5
		Ensino Superior completo	05	38,5
		Pós-Graduação	01	7,7
Profissão	13	Agroecólogo	01	7,7
		Agrônomo e agricultor	01	7,7
		Arquiteta e urbanista	01	7,7
		Cineasta	01	7,7
		Docente	01	7,7
		Enfermeira	01	7,7
		Estudante	02	23,1
		Fotógrafa	01	7,7
		Estudante e Livreiro	01	7,7
		Mãe	01	7,7
		Produtor rural	01	7,7
		Técnico Químico	01	7,7
Local de Origem	13	Cataguases - MG	01	7,7
		Juiz de Fora - MG	01	7,7
		Macaé - RJ	01	7,7
		Osasco - SP	01	7,7
		Rio de Janeiro- RJ	02	7,7
		Rio Pomba - MG	04	30,4
		Saint-Nazaire, França	01	7,7
		São Paulo- SP	01	7,7
		Viçosa - MG	01	7,7
Atual local de residência	13	Juiz de Fora - MG	06	46,2
		Rio Pomba - MG	04	30,8
Principal fonte de renda	13	Aposentadoria	01	7,7
		Atividade agrícola	02	15,4
		Aulas, filmes, documentários	01	7,7
		Bolsa de projeto de pesquisa	01	7,7
		Empresa familiar	01	7,7
		Nenhuma	02	15,4
		Orientação técnica	01	7,7
		Pais	01	7,7
		Pensão por morte do pai	01	7,7
		Trabalho formal	02	15,4

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Tabela 8 – Dados Sociodemográficos (conclusão)

Variável	N	Descrição	Total	Porcentagem (%)
Número de filhos (n 13)	13	Não tem filhos	06	46,2
		1 filho	04	30,8
		3 filhos	03	23,0
Idade dos filhos	07	Infância	03	42,8
		Infância e Adolescência	01	14,3
		Adolescência	01	14,3
		Adolescência e Adulto	01	14,3
		Adulto	01	14,3
Reside no meio rural	13	Sim	07	53,8
		Não	06	46,2
Se sim, reside no meio rural há quanto tempo?	07	1 ano	01	14,3
		2 anos	01	14,3
		4 anos	02	28,5
		6 anos	02	28,5
		11 anos	01	14,3
Pretende continuar no meio rural	07	Sim	07	100,
		Não	00	0,0
Área produtiva própria	07	Sim	03	42,8
		Não	04	57,2
Área total produtiva	07	25,0m por 1,20m	01	14,3
		100 m <sup>2</sup>	01	14,3
		1 ha	02	28,5
		2 ha	01	14,3
		4 há	01	14,3
		6 ha	01	14,3
Atividades produtivas	07	Fumo	01	14,3
		Mandioca e batata doce, feijão, ervas aromáticas, pimenta, produção de molhos de pimenta, hortaliças.	01	14,3
		Plantio para subsistência	01	14,3
		Sistemas agroflorestais (palmeira juçara para polpa, pupunha, banana, frutas em geral)	01	14,3
		Apenas aromáticas	01	14,3
		Medicinais e aromáticas	02	28,5
Quantos trabalham	07	1 pessoa	01	14,3
		2 pessoas	03	42,8
		Meeiro, contrata externo ou troca dias de trabalho	01	14,3
		Trabalho coletivo	02	28,5
Existe planejamento das atividades	07	Sim	05	71,5
		Não	02	28,5

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Conforme os dados apresentados, a faixa etária dos associados está entre 21 e 61 anos, com destaque para mais de 50% dos participantes tendo entre 30 e 40 anos. Com relação ao gênero, a maioria se identificou como do gênero feminino. Foi questionado o estado civil a maioria dos integrantes da associação que participaram da pesquisa é solteiro(a). Quanto ao nível de escolaridade dos que responderam com Ensino Superior Incompleto e completo somam-se 77% do total. Relativo à profissão, os associados apontam para diversidade de perfis sociais e do caminho profissional. O local de origem, indica também que há diversidade no grupo ao apresentar nove diferentes cidades como local de origem dos associados, mas relativo ao atual local de residência, observa-se que a grande maioria dos participantes da associação mora em Rio Pomba. A renda dos associados vem de diferentes formas, representando diversidade financeira dos associados que participaram da pesquisa. Mais de 50% dos participantes reside em meio rural com área total produtiva variando de 25,0m por 1,20m até 6 hectares. A totalidade dos que residem em meio rural pretendem continuar no meio rural e menos de 50% disseram ser donos da própria terra. Como atividades aparecem a agrofloresta e o extrativismo, o plantio para subsistência e os sistemas agroflorestais, como palmeira juçara para polpa, pupunha, banana. Também relataram outras atividades, como o cultivo de fumo, de mandioca e de batata doce, de feijão. Há também produção de molhos de pimenta, assim como o extrativismo de pimenta do macaco. Uma das pessoas que respondeu disse já ter tentado fazer horta no quintal, porém teve diversas dificuldades, entre elas a deficiência do solo que é um aterro de entulhos, a falta de cercamento para impedir o gado acessar, a falta de autonomia para tomar as decisões e para executar as tarefas, já que a casa é alugada, a falta de tempo e de motivação para dedicar ao trabalho devido à demanda dos estudos e dos trabalhos paralelos. A organização do trabalho na propriedade variou entre de 1 a 2 pessoas, condição de meeiro, contrato externo, troca dias de trabalho e trabalho coletivo.

### **5.3 Compreensão dos aspectos conceituais, motivacionais e avaliativos relacionados à associação.**

Para a compreensão dos aspectos conceituais, motivacionais e avaliativos, a coleta de dados foi realizada com as perguntas abertas sem limitação de espaço para respostas, do questionário semiestruturado aplicado aos associados.

Para complementação desta etapa, foram realizadas oficinas de atores sociais, participações em reuniões, conversas informais, além da entrevista com membros da diretoria.

A técnica de análise de dados utilizada foi a análise de conteúdo com a codificação e categorização temática, proposta por Bardin (2010).

Entender os aspectos conceituais do associativismo é um dos requisitos para que a associação dê certo. Altieri (2004) nos lembra que o conhecimento local dos agricultores sobre o ambiente, plantas, solos e processos ecológicos possui uma grande importância nesse novo paradigma agroecológico.

O entendimento sobre “o que é associativismo”, pelos associados que responderam ao questionário semiestruturado, íntegra (Apêndice G), está representado pelas categorias temáticas do quadro abaixo:

Tabela 9 – Entendimento sobre Associativismo

É um modo de organização social de pessoas com objetivos comuns
É um modo de organização social com uma força política específica
É uma de maneira de organização social formalizada
Um modo de organização que fortalece as partes envolvidas
Um processo de compartilhamento de experiências, técnicas e tecnologias
Um processo de trabalho coletivo/cooperativo
A possibilidade de ajudar outras pessoas, um projeto ou uma comunidade

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

As afirmações em relação ao entendimento de associativismo por parte dos associados, indicam que os mesmos acreditam que é um modo formalizado de organização social de pessoas com objetivos comuns, com força política específica, que fortalece as partes envolvidas. Além disso é também é um processo coletivo e cooperativo de compartilhamento de experiências, técnicas e tecnologias que também possibilita ajudar outras pessoas, um projeto ou uma comunidade.

A motivação é outro aspecto a ser trabalhado por quem se propõe ao trabalho coletivo. Os motivos para participar da associação, íntegra (Apêndice H), podem trazer elementos para se trabalhar o tema. A tabela abaixo demonstra os motivos levantados:

Tabela 10 – Motivos para participar da associação

Desenvolvimento, melhorias e fortalecimento para a comunidade local (Rio Pomba-MG)
Fortalecimento e estabelecimento de parcerias entre os atores envolvidos na produção agroecológica
Colaborar do modo como for possível na associação
A criação de uma entidade para captação de recursos
Um modo de organização que fortalece as partes envolvidas
Motivações Ideológicas
Compreender os mecanismos de funcionamento de uma associação
Já ter conhecimento do trabalho realizado por parte dos associados

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

As afirmações em relação ao entendimento aos motivos para participar da associação, por parte dos associados, revelam necessidade de união, colaboração e parcerias para o Desenvolvimento local e fortalecimento dos atores envolvidos na produção agroecológica. Também foi identificado o aprimoramento técnico como motivo de participação da Associação.

Percebe-se que, conforme Maximiano (2011) defende, os grupos passam por diferentes fases de desenvolvimento e a dinâmica e desempenho de um grupo vão depender da forma como as pessoas se comunicam e trabalham para realizar as atividades e os resultados são os produtos, serviços e ideias e também os efeitos comportamentais sobre seus integrantes, assim como acontece com a associação pesquisada.

Refletir sobre a atual situação da Associação é um exercício necessário para que sejam pensadas as ações estratégicas do futuro. A tabela abaixo, íntegra (Apêndice I), demonstra como os associados avaliam a atual situação da associação:

Tabela 11 – Avaliação da atual situação da associação

A associação está numa fase inicial de organização
A associação está no processo de estruturação
As perspectivas futuras da associação são positivas
Falta motivação/participação de parte dos associados

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A avaliação da atual situação da associação pelos associados, indica que a associação está numa fase inicial de organização e estruturação, está em processo de consolidação com perspectivas positivas para o futuro, mas foram também apontadas, a falta de motivação e necessidade de maior participação por parte dos associados.

O relacionamento entre a diretoria e os associados foi avaliado pelos associados respondentes do questionário, íntegra (Apêndice J) e estão expostos na tabela abaixo:

Tabela 12 – Relacionamento entre a diretoria e os associados

A relação entre diretoria e associados é boa/ muito boa/ saudável/ tranquila/ próxima
A relação entre diretoria e associados é de amizade (num sentido positivo)
A diretoria tem um bom processo de comunicação com os associados
A diretoria possibilita a participação dos associados em todas as etapas dos processos desenvolvidos
Problemático, devido a falta de definição das funções de cada membro

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

O relacionamento entre a diretoria e os associados, foi avaliado como positivo, com bom processo de comunicação e possibilidade de participação dos associados em todas as etapas dos processos desenvolvidos, mas pode ser problemático, em razão da sua organicidade, da baixa participação e da falta de definição das funções de cada membro ou grupos de trabalho bem definidos. A participação é um dos elementos importantes para que a associação se efetive ao longo dos anos, íntegra (Apêndice K), a tabela abaixo demonstra a opinião dos associados em relação a importância da participação:

Tabela 13 – Importância da participação na associação

Considera a própria participação importante, como a dos demais membros
Considera importante, sobretudo pela possibilidade de colaborar com sua formação profissional
Considera importante, principalmente por ter experiência em iniciativas anteriores
Pouco participativa em virtude de compromissos pessoais

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Em relação a importância da participação na associação, a maioria dos associados considera importante a participação nas reuniões, nas ideias e nas atividades práticas. A importância de ter alguém com um papel de organização e mediação, foi mencionada. Também foram mencionadas questões relativas a baixa participação pelo fato de os associados estarem envolvidos em atividades pessoais.

Quando questionados quanto a própria atuação em relação ao desenvolvimento local, íntegra (Apêndice L), está demonstrado na tabela abaixo:

Tabela 14 – Atuação em prol do desenvolvimento local da região

Tem contribuído pouco para o desenvolvimento local por conta de demandas particulares
Tem contribuído pouco para o desenvolvimento local por conta de questões que fogem do seu controle
Tem se dedicado a capacitações e processos formativos que podem ser necessários no futuro
Realiza atividades de cunho voluntário e de controle social

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Alguns associados responderam que tem se dedicado a capacitações e processos formativos necessários no futuro e que realizam atividades de cunho voluntário e de controle social, também foi evidenciado que têm contribuído pouco para o desenvolvimento local por conta de demandas particulares ou por conta de questões que fogem do seu controle, outros estão se dedicando a processos formativos e realizam atividades de cunho voluntário e de controle social.

Quanto ao questionamento aos associados no que acreditam que pode melhorar na associação, íntegra (Apêndice M), a tabela abaixo demonstra:

Tabela 15 – Possibilidade de melhorias na associação

Maior participação dos associados
Melhoria na comunicação interna da associação
Mudanças na forma de organização e periodicidade das reuniões
Profissionalismo na execução das atividades
Submissão de projetos a editais de incentivo e fomento
Colocar em práticas as ações que estão sendo planejadas

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Quanto às possibilidades de melhoria da associação, foram consideradas uma maior participação e mudanças nos processos de gestão e execução das atividades, com maior participação e profissionalismo, com melhorias na comunicação interna e envolvimento em projetos.

Dentre os motivos para participar da associação, a vontade de colaborar para o fortalecimento das partes envolvidas e motivações ideológicas representam a base para que sejam realizadas ações de parcerias e captação de recursos, sendo necessário que os associados se empenhem mais em participar ativamente dos processos e busquem compreender melhor os mecanismos burocráticos do associativismo e também aprofundem mais no entendimento aos editais para captação de recursos e realização de projetos.

A avaliação em relação a atual situação da associação indica uma fase inicial de organização e estruturação em processo de consolidação, levando em conta que a data de criação da associação foi dezembro de 2017, é preciso que os associados se desliguem do discurso de fase inicial de estruturação e partam para realizar concretamente, conforme a fala de A2 demonstra:

“Após mais de dois anos do início dos primeiros encontros, para discutir e viabilizar a formação da associação ainda nos encontramos nos estágios iniciais de organização social, começando agora a visualizar a possível concretização das primeiras ações, através da parceria para o uso da escola rural e possibilidade de poder concorrer em editais para acessar recursos”(A2).

Os envolvidos avaliam positivamente as perspectivas para o futuro, acreditam que a associação tem muito potencial, mas a maior participação dos associados foi diversas vezes apontada além da necessidade de melhoria na comunicação interna da associação, a prática das ações planejadas e maior motivação para submissão de projetos o que demanda um maior empenho dos associados e organização das ações para ir além da participação apenas nas reuniões, levando-se em conta que a participação nas reuniões, que ocorrem uma vez ao mês, não são tão frequentes.

A compreensão dos aspectos conceituais, motivacionais e avaliativos relacionados à associação levanta elementos que evidenciam que os associados entendem o que representa o associativismo e sua importância para o desenvolvimento local sustentável.

Percebe-se também, que os atores sociais envolvidos acreditam que os grupos passam por diferentes fases de desenvolvimento e que a dinâmica e desempenho de um grupo vai sim depender da forma como as pessoas se comunicam e trabalham para realizar as atividades e que

os resultados serão positivos a partir dessa teia de relações conforme Maximiano (2011) defende.

Além disso, fica claro que durante o processo de interação do grupo para realizar atividades as pessoas desenvolvem regras sentimentos e outros elementos de vida social e que a dinâmica do grupo tem um impacto direto sobre o desempenho do grupo assim como Maximiano (2011) acredita.

Tornam-se importantes as considerações dos associados e da diretoria com relação aos processos de comunicação e aspectos comportamentais do grupo, onde foram apontadas por diversas vezes a necessidade de melhoria na comunicação interna, a falta de motivação e baixa participação de parte dos associados.

As considerações em relação à dificuldade de gestão ocorreram informalmente e durante as reuniões da associação, além de constar nos problemas citados na análise interna do diagnóstico.

Após a compreensão dos aspectos conceituais, motivacionais e avaliativos, torna-se relevante uma análise mais detalhada dos fatores externos e internos à associação, conforme a técnica de planejamento de organização em diagrama, citada por Buarque (2008).

#### **5.4 Análise do ambiente externo e interno da associação**

A fim de analisar o ambiente externo e interno da associação, três momentos de coleta de dados foram desenvolvidos na pesquisa: as entrevistas com os membros da diretoria; a aplicação do questionário aos associados e as oficinas com atores sociais.

No processo da entrevista com os membros da diretoria, foi solicitada uma análise individual dos aspectos exógenos (externos) e endógenos (internos) à associação considerados oportunidades e ameaças que poderiam influenciar positivamente e negativamente a associação de alguma maneira. Ficou bem evidente durante o processo que a diretoria está afinada em relação a isso pois ocorreram várias considerações dos quatro membros entrevistados que se repetiram.

As instituições com as quais a associação se relaciona atualmente, foram citadas pelos entrevistados membros da diretoria e pelos atores sociais participantes das oficinas e estão representadas na figura abaixo:

Figura 7 – Instituições com as quais a associação se relaciona



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

As considerações dos membros da diretoria entrevistados em relação aos aspectos externos à associação, estão representadas pelas oportunidades e ameaças descritas na tabela abaixo:

Tabela 16– Oportunidades e ameaças citadas pelos membros da diretoria

<b>Oportunidades</b>	<b>Ameaças</b>
Atuação da associação como um movimento social	Aspectos legais em relação a situação burocrática que envolve a associação e em relação a prestação de contas
Captação de recursos em editais nacionais e internacionais	Contexto político atual
Oportunidade de diálogo com a comunidade local	Desinteresse da comunidade
Oportunidades de emprego para a comunidade local	Falta de apoio das instituições parceiras
Recuperação da Bacia Hidrográfica de Rio Pomba	
Valorização da comunidade rural	
Valorização das atividades culturais	

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Dentre as oportunidades citadas na entrevista, com membros da diretoria, a prática de captação de recursos em editais nacionais e internacionais não ocorreu oficialmente, mas a associação está em busca de iniciar o processo. A oportunidade de diálogo com a comunidade local é uma vontade e também uma necessidade da associação e com maior união e motivação dos membros poderá acontecer através de um diagnóstico a ser realizado com a comunidade do Bom Jardim para maior entendimento do contexto em que ela se encontra e quais são as necessidades da comunidade. As oportunidades de emprego para a comunidade local poderão surgir com o fortalecimento da associação e desenvolvimento local sustentável da comunidade através de criação de turismo agroecológico, polo de produção agroecológica, produção de mudas para a região, turismo agroecológico entre outras atividades. A oportunidade de recuperação da Bacia Hidrográfica de Rio Pomba pode ser desenvolvida com a ampliação das parcerias e possível amadurecimento financeiro com a participação da associação em editais públicos através de projetos. A atuação da associação como um movimento social ocorre através dos mutirões, dos eventos e parcerias. A valorização da comunidade rural e valorização das atividades culturais” são inerentes ao desenvolvimento da associação a longo prazo.

Dentre as ameaças citadas na entrevista com membros da diretoria, a categoria “Aspectos legais em relação a situação burocrática que envolve a associação e em relação a prestação de contas” pode ser trabalhada a curto prazo, na medida em que os associados adquirirem conhecimento e prática em lidar com projetos e prestação de contas, além de dividirem de forma mais concreta e detalhada as funções dentro dos Grupos de Trabalhos predefinidos. As categorias “Desinteresse da comunidade” e “Falta de apoio das instituições parceiras” podem ser trabalhadas a médio prazo pois, com o fortalecimento da associação, a tendência é o aumento do interesse por parte da comunidade e aumento do apoio das instituições parceiras. Com relação à categoria “Contexto político atual”, é uma questão a ser considerada como de longo prazo pois é uma variável de certa forma difícil de ser alterada, mas que pode gerar uma maior união dos atores sociais envolvidos.

As falas dos entrevistados refletem tais questões:

Sobre as oportunidades externas, acho que é necessidade a associação existir como movimento social de luta, como movimento de mudança mesmo da sociedade e é também porque estamos em uma crise ecológica, política, econômica, então, a gente precisa disso. A gente precisa porque a agroecologia traz soluções, propostas concretas para o meio ambiente, para a produção de alimentos e, também, possibilidades de se sustentar (D2).

Eu acho que uma oportunidade seria entrar nessa frente recuperação das bacias hidrográficas, porque é um problema que está afetando a população rural, eles estão vendo que suas nascentes estão secando, está todo mundo sofrendo com isso de certa forma e isso, por um lado, acaba sendo uma oportunidade de diálogo com eles, porque muitos são fechados pra coisas novas, novidades, e a agrofloresta ela é uma técnica que é vista por muitos com bastante preconceito né, então eu acho que trabalhar nessa frente pode tanto ajudar com relação a gente conseguir recursos de forma mais fácil, porque a bacia daqui alimenta o Rio Pomba que é um rio muito importante, é um dos principais afluentes do Rio Paraíba, que é o principal recurso híbrido do Rio de Janeiro. Já aconteceu um trabalho aqui nesse sentido, desenvolvido por uma ONG, que algumas propriedades da região receberam cercas, receberam mudas, eles fizeram algumas práticas e é um trabalho que tem que dar continuidade e a associação pode entrar nisso e ser bastante interessante (D3).

Um aspecto externo considerado uma grande oportunidade que surgiu, após a entrevista e as oficinas, foi a aprovação da Lei 23.207 de 27 de dezembro de 2018 (ANEXO B), que institui o Polo Agroecológico e de Produção Orgânica na região da Zona da Mata, local onde está inserida a associação.

Outras oportunidades futuras que foram identificadas: a solicitação de Utilidade Pública para a associação que está em processo e uma parceria a ser realizada com o Ministério Público.

Relativo aos aspectos internos à associação, os membros da diretoria entrevistados, citaram as potencialidades e problemas citados no quadro abaixo:

Tabela 17 – Potencialidades e problemas citados pelos membros da diretoria

<b>Potencialidades</b>	<b>Problemas</b>
Compartilhamento de momentos agradáveis quando os associados estão reunidos;	Associados envolvidos em outras atividades;
Desenvolvimento intelectual e material da associação;	Baixa participação dos associados;
Diversidade dos perfis dos associados;	Baixa participação e envolvimento dos associados em desenvolvimento e gestão de projetos;
Objetivo bem claro de desenvolver a agroecologia;	Dificuldades dos associados se envolverem na questão da administração da associação;
Propostas e projetos a serem desenvolvidos;	Evasão dos associados;
Troca de experiências.	Impermanência dos associados na cidade.

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Dentre as potencialidades citadas na entrevista com membros da diretoria, o compartilhamento de momentos agradáveis quando os associados estão reunidos, pode ser considerada uma variável ligada a aspectos motivacionais, o desenvolvimento intelectual e material da associação, a troca de experiências são variáveis que fortalecem a associação e os associados. A diversidade dos perfis dos associados pode ajudar em relação às propostas e projetos a serem desenvolvidos, que também foram consideradas um fator de potencialidade. O objetivo bem claro de desenvolver a agroecologia, pode ser considerada uma potencialidade ligada aos objetivos da associação e de certa forma um fator de fortalecimento pela amplitude do tema “agroecologia”.

Dentre os problemas citados na entrevista com membros da diretoria, todas as categorias estão de certa forma interligadas. Sendo as categorias “Baixa participação dos associados”, “Dificuldades dos associados se envolverem na questão da administração da associação” e “Baixa participação e envolvimento dos associados em desenvolvimento e gestão de projetos” podem ser trabalhadas com maior prioridade e a curto prazo. As categorias “Associados

envolvidos em outras atividades” e “Evasão dos associados” poderão ser menores a médio prazo, à medida em que a associação estiver envolvida com projetos, ações e prestações de conta. A categoria “Impermanência dos associados na cidade” pode ter menor ocorrência com o amadurecimento a longo prazo da associação e maior possibilidade de membros associados da comunidade do Bom Jardim, principalmente os jovens da comunidade.

Em relação às dificuldades burocráticas para registro da associação, dificuldades organizacionais internas também aparecem, na opinião dos membros da diretoria, representadas pela dificuldade de comunicação interna e falta de iniciativa por parte de todos os envolvidos

Algumas falas refletem tais questões em relação aos problemas internos:

Com relação às questões internas, eu vejo que o principal problema assim é, a participação dos associados e a evasão, desde que a associação foi criada, já entrou e saiu muita gente. Eu acho que isso dá uma enfraquecida, porque acaba sobrecarregando muito os membros que ficaram [...] isso dá uma desanimada, porque parece que não está caminhando, mas a gente tem que ter paciência porque grande parte dos membros são estudantes, então, acaba que tem muitas outras demandas, a faculdade acaba exigindo muito. Então, a gente tem que ter essa percepção (D3).

E acho que é um problema porque a gente precisa começar a fazer, não esperar os outros chamarem para fazer. "Ah, eu vou esperar eles me chamarem, então, e vou ajudar", porque se todo mundo ficar esperando, nunca vai fazer. Daí eu não sei como motivar para isso. Acho que isso vai, também, das necessidades de cada um. Tipo, tem que se tornar necessário escrever um projeto porque a gente precisa captar um recurso para fazer isso dar certo. Daí, tem que enxergar como fazer isso (D2).

Eu acho que é bem claro o nosso objetivo que é desenvolver a agroecologia nos seus diversos aspectos. Isso todo mundo compartilha. Compartilha momentos de alegria, de felicidades, busca trabalhar juntos. Quando se encontra, parece que flui bem. E, realmente, todos os encontros que a gente fez, eu achei que fluiu muito bem (D2).

Quanto à participação dos associados em reuniões, a opinião dos entrevistados variou entre bastante participação e baixa participação, mas o que ficou evidente foi a diferença entre participação passiva e participação ativa citadas onde foi considerada pequena a participação dos associados nas questões burocráticas:

Muitas vezes oscila, não só o número de participantes, como também a participação efetiva assim. Porque uma coisa é você ir a uma reunião, a um encontro, e outra coisa é você participar da reunião e do encontro. Eu acho que é isso que é interessante, a gente fez um encontro, decidiu algumas coisas e no final, a gente vê as demandas que temos para realizar e alguns não procuram essas demandas, mas depois chegam e perguntam: "Ah, mas o que

eu posso fazer?". Eu acho que é complicado assim. Então, participação efetiva eu acho que a gente oscila muito ainda. Agora, de participar mesmo do encontro, não oscila muito, são basicamente as mesmas pessoas. Só queria mesmo destacar essa diferença entre participação e participação efetiva, passiva e ativa (D1).

Eu acho que a cada reunião temos bastante participação. E isso é ótimo. Mas tem algo que me angustia muito, e eu já falei, que é essa questão burocrática que tem muito pouca participação. Mas eu acho que entendo, porque é muito chato [...] então, acho que precisa mais repartir as tarefas, porque tem coisas que não dá para fazer sozinho (D2).

Relativo a tais questões, Martins (2002), reforça a ideia em se pensar e planejar o desenvolvimento, ser um modo de dotá-lo de um caráter mais humano ao considerar o homem simultaneamente como sujeito e beneficiário, onde as pessoas participam ativamente e não apenas como beneficiárias do desenvolvimento.

Quanto ao regimento interno, ao serem questionados se o mesmo está pronto ou se está sendo trabalhado e em caso negativo, como pretendem trabalhá-lo. As respostas foram, que a associação não tem ainda o Regimento Interno, mas existe um esboço que está sendo trabalhado, sendo necessária uma participação mais ativa dos associados para avançar pois tem que se fazer. Também foi relatado que foi realizada uma consulta a um advogado para instruções pois a associação não sabe como trabalhar na criação do documento e por enquanto, foi considerado pelo membro D2 da diretoria que, dado a outras demandas, não é a prioridade para o momento.

Para identificação da opinião dos associados em relação às oportunidades, ameaças, potencialidades e problemas da associação, a técnica adotada foi a Organização em Diagrama proposto por Buarque (2008), que distribui os componentes – oportunidades, ameaças, potencialidades e problemas –, e que permite uma percepção clara dos fatores externos e internos em seus aspectos positivos (facilitadores) e negativos (dificultadores).

O diagrama foi entregue aos associados presentes em reunião da associação e enviado a todos por e-mail, além de ser inserido no *Drive* compartilhado, para que os associados fizessem seus rascunhos. No total, 09 associados preencheram os diagramas que foram utilizados posteriormente nas oficinas por cada um que respondeu para servir de guia para os debates em relação aos aspectos externos e internos que afetam de forma negativa ou positivamente à associação.

Inicialmente tem-se, o fator externo e positivo, as oportunidades. A tabela completa, (Apêndice N), retrata as oportunidades citadas no diagrama pelos associados participantes. A análise de conteúdo do diagrama reflete as seguintes questões em relação às oportunidades:

Tabela 18 – Análise de conteúdo das oportunidades citadas pelos associados

<b>Oportunidades</b>
Possibilidade de integração entre sujeitos, instituições e entidades da sociedade civil
Troca de conhecimento sobre tecnologias sustentáveis e agroecológicas
Apoio do Poder Público, em diferentes esferas de atuação (Prefeitura de Rio Pomba-MG, IF e UFV)
Criação de espaços de socialização para fins diversos (entretenimento, lazer, reuniões, comemorações, etc.)
Valorização dos espaços, saberes e grupos organizados (mulheres, crianças) da Zona Rural
Desenvolvimento e empoderamento da comunidade local
Integração multigeracional nos projetos
Aumento da demanda por alimentos saudáveis

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Dentre os elementos em relação às oportunidades lembradas pelos associados, tem-se a integração entre os sujeitos, as instituições e as entidades da sociedade civil para criação e cooperação em projetos de interesse mútuo, uma oportunidade que também foi citada na entrevista com membros da diretoria, e que faz elo de ligação com um problema citado várias vezes no processo do diagnóstico.

Outra oportunidade relevante é o empoderamento e valorização da cultura e dos saberes da zona rural um fator intimamente ligado aos valores da associação e seu objetivo que pode ser desenvolvido a partir de um espaço de socialização consistente. Um aspecto citado também pelos membros da diretoria e que poderá trazer maior união e motivação dos membros através do diálogo com a comunidade e entendimento de suas necessidades.

O aumento da demanda por alimentos saudáveis é um aspecto importante a ser considerado a partir de uma maior conscientização da sociedade com relação aos malefícios dos produtos tidos como convencionais além de considerar a criação do Polo Agroecológico e de Produção Orgânica na região da Zona da Mata à partir da aprovação da Lei 23.207 de 27 de dezembro de 2018.

Após a análise das oportunidades foram identificadas as ameaças, que representam os aspectos externos que influenciam de forma negativa a associação. A tabela completa (Apêndice O), retrata as ameaças citadas no diagrama pelos associados participantes. A análise de conteúdo do diagrama reflete as seguintes questões:

Tabela 19 – Análise de conteúdo das ameaças citadas pelos associados

<b>Ameaças</b>
Dificuldade na captação de verbas públicas e aumento dos juros para financiamento dos projetos devido à crise econômica
Dificuldades Políticas e falta de Apoio do Poder Público
Empresas e modelo de Produção do Agronegócio
Desinteresse e desconhecimento do trabalho da Associação pela comunidade de Bom Jardim-MG
Conflitos por questões ideológicas
Envolvimento de pessoas com finalidade destoante dos interesses da Associação

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Dentre os elementos ligados às ameaças, a conjuntura política em instâncias distintas foi lembrada pelos associados o que reflete em dificuldades de captação de recursos por crise e falta de apoio político.

O desinteresse da comunidade do Bom Jardim foi considerado como ameaça, a partir do amadurecimento das ideias e que sejam levadas para o papel, através de projetos.

A interferência do setor privado por interesse comerciais é uma ameaça considerada e poderá ser melhor enfrentada se a associação e a comunidade se unirem.

Questões ideológicas que geram conflito de interesses entre os associados é um aspecto não declarado abertamente, ou seja, nas oficinas e reuniões em que a pesquisadora participou, não observou tais conflitos e sim conflitos mais ligados a personalidades diferentes e questões comportamentais, o que poderia ser considerado um problema interno.

Os aspectos internos que ocorrem na associação afetando a mesma de forma positiva, são identificados como potencialidades no diagrama.

A tabela completa (Apêndice P), retrata as potencialidades citadas no diagrama pelos associados participantes. A análise de conteúdo do diagrama reflete as seguintes questões:

Tabela 20 – Análise de conteúdo das potencialidades citadas pelos associados

<b>Potencialidades</b>
União dos associados para a realização de trabalhos coletivos, voluntários e mutirões
Desenvolvimento de propostas de trabalho e projetos
Troca de Experiências entre os Associados
Alinhamento de interesses mútuos entre os Associados
Demanda por espaços de lazer, cultura e formação da comunidade rural
Recursos Materiais
Diversidade de Formação entre os Associados
Demanda por alternativas de geração de renda e modos de vida alternativos
Fixação de Moradia por alguns associados

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A união e a cooperação em trabalhos e projetos de mútuo interesse surgiu como potencialidade que estimula a participação dos membros na associação, dentre eles estão os mutirões, o cine rural, as oficinas e eventos da associação.

Foi também citada como potencialidade, a formação e experiências diversas entre os associados, um aspecto que tem como tendência se fortalecer na medida em que os projetos aconteçam e a prestação de contas seja necessária, o amadurecimento do grupo para lidar com as responsabilidades será essencial.

A demanda por espaços de interação comunitária vem no sentido de potencialidade pelo fato de haver o interesse por parte dos associados em promover o desenvolvimento local sustentável.

As condições materiais se estabilizando entre os associados foi registrada em função de existir um recurso em caixa e possibilidades de parcerias.

Relativo aos aspectos internos que ocorrem na associação afetando a mesma de forma negativa, tem-se os problemas.

A tabela completa (Apêndice Q), retrata os problemas citadas no diagrama pelos associados participantes, a análise de conteúdo do diagrama reflete as seguintes questões:

Tabela 21 – Análise de conteúdo dos problemas citados pelos associados

<b>Problemas</b>
Baixa participação dos associados devido a outras atividades e diferenças de horário para se dedicar à associação
Evasão de associados por não terem moradia fixa em Rio Pomba-MG
Falta de uma sede
Falta de recursos financeiros para os projetos
Número insuficiente de associados
Dificuldades financeira e necessidade de geração de renda para os associados
Dificuldades de gestão e falta de experiência com associativismo
Divergências políticas e ideológicas

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

As dificuldades de adesão e envolvimento dos Associados e a baixa participação dos associados devido a outras atividades e diferenças de horário para se dedicar à Associação foi citado por diversas vezes e também foi bem explorado nas oficinas de atores sociais.

A evasão de associados por não terem moradia fixa em Rio Pomba pode ser um aspecto que, com o fortalecimento da associação diminua à medida em que a comunidade do Bom Jardim também tenha interesse em participar da associação.

O número insuficiente de associados é uma consideração relativa, se considerarmos que número de associados não representa muito se não houver qualidade, envolvimento e compromisso dos membros atuais. O que foi relatado na oficina foi em relação à possibilidade da juventude da comunidade se aproximar da associação ou mesmo os moradores mais antigos.

A dificuldade financeira e necessidade de geração de renda para os associados é uma questão diretamente ligada ao desenvolvimento da associação, à medida em que a associação se desenvolve, a comunidade se desenvolve, consequentemente os associados também se desenvolvem.

As dificuldades de gestão da associação e falta de experiência com associativismo é o problema a ser potencialmente trabalhado. A experiência virá com o tempo, mas é preciso que os associados tenham dedicação em aprender, realizando cursos, e a associação deve promover oficinas voltados para as suas dificuldades mais específicas.

As divergências políticas e ideológicas podem gerar conflitos, mas é preciso entender que estão mais ligados a aspectos comportamentais que podem ser trabalhados juntamente com a motivação e aumento da autoestima dos envolvidos.

### **5.5 Identificação dos principais problemas, suas causas e consequências**

A identificação dos principais problemas, suas causas, consequências, tornou-se importante ao longo do processo de diagnóstico.

O processo de planejamento, deve se estruturar em um conjunto de atividades articuladas e deve ser organizado, com uma sequência lógica que assegure a racionalidade participação da sociedade no processo decisório (BUARQUE, 2008).

Para a identificação dos principais problemas, foram utilizados os problemas coletados na oficina de atores sociais (BUARQUE, 2008), que permitiu uma construção coletiva de percepção da realidade.

A oficina de trabalho com atores sociais proposta por Buarque (2008), deve, segundo o autor, captar e organizar a percepção dos atores e promover a negociação das visões diferenciadas por meio da reflexão em torno dos problemas da realidade. Além disso, proporciona ampliação dos temas abordados e inserção de outros pontos que não foram considerados pela técnica do diagrama.

A oficina de trabalho foi realizada com os atores sociais diretamente envolvidos com a associação, foram no total 18 associados participantes, sendo que 03 desses participantes são também membros da Diretoria. Inicialmente foi realizada a apresentação do objetivo da oficina e posteriormente foi realizada a montagem de painéis com os problemas identificados focando-se no agrupamento temático e organização conforme suas semelhanças.

A construção coletiva que a oficina proporcionou fortaleceu o grupo e é o processo em que os associados refletiram e raciocinaram em relação à realidade existente afim de buscar uma realidade desejada por todos. A elaboração de planos é muito importante num processo de planejamento, mas o processo que se desencadeia é mais importante que o plano.

Os grupos temáticos dos problemas confirmados coletivamente a partir da oficina realizada, trouxeram maior clareza de entendimento por parte dos associados.

Os problemas citados no diagrama agrupados por temas, estão demonstradas em ordem alfabética, na tabela abaixo:

Tabela 22 – Problemas citados no diagrama agrupados por temas

BAIXA PARTICIPAÇÃO	Falta de iniciativa por parte de todos os envolvidos (A1)
	Poucos membros com experiência em associativismo, portanto dificuldades potenciais para administrar a associação (AS2)
	Possível falta de comprometimento ou outras prioridades a se fazer dos integrantes (AS4)
	Participação dos associados (AS7)
	Diferença de horários e prioridades dos associados (AS8)
	(Não) participação dos membros (AS9)
	Poucos membros associados (AS9)
DIFICULDADES NA GESTÃO	Falhas na comunicação (AS5)
	Associados têm diversas outras atividades (falta de tempo para dedicar à associação) (AS6)
	Inexperiência em gestão (AS7)
	Falta de análise e avaliação das ações (AS8)
EVASÃO DE ASSOCIADOS	Os que ainda são estudantes não têm residência fixa (AS1).
	Saída de vários membros, que pode acabar prejudicando muito o funcionamento (AS2)
	Impermanência dos Associados na cidade (muitos são estudantes) (AS6)
	Evasão dos associados (AS7)
	Alguns associados estudantes podem possivelmente sair da cidade após finalizarem o curso (AS8)
FALTA DE UMA SEDE	Falta de uma sede, mas está sendo resolvido (AS3)
	Ainda não possuir um espaço físico reconhecido (AS4)
	Falta de uma sede (AS7)
	Muito trabalho e investimento para reestruturar nossa sede (AS8)
MANUTENÇÃO FINANCEIRA	Dificuldade de manutenção financeira de membros (AS1).
	Possível falta de capital para realizar algum projeto ou obter algumas ferramentas necessárias (AS4)
	Pouco dinheiro para investimentos (AS5)
	Necessidade de gerar renda (AS6)
	Recursos financeiros (AS7)

Fonte: Dados da Pesquisa (2019).

O processo da oficina trouxe amadurecimento das ideias e reflexões necessárias para a continuidade do diagnóstico. Alencar (2001) destaca quatro significados associados à participação: a colaboração descrita como o envolvimento das pessoas nas atividades de grupo;

o desenvolvimento comunitário, onde as pessoas são designadas a ter responsabilidades para criar mecanismos de promoção social; a organização, no momento em que os indivíduos se organizam para elaborar formas mais adequadas de ação movidos pela realidade que os envolve e o empoderamento que se relaciona com a aquisição de poder sobre os recursos necessários ao desenvolvimento.

Para hierarquização dos problemas agrupados por temas, foi aplicada e dialogada a Matriz de Hierarquização (Apêndice G) na oficina de atores sociais, onde os participantes foram estimulados a fazer escolhas entre pares de problemas gerados na percepção da realidade, identificando o mais importante em cada uma das células que dois problemas se encontram. As categorias foram confirmadas coletivamente a partir da oficina de atores sociais realizada e demonstradas, em ordem alfabética. Ao final do processo somou-se a quantidade de vezes que cada problema ganhou na interação definindo-se a ordem de importância e assim foram afixadas no quadro abaixo:

Tabela 23 – Categorização Temática dos problemas da Matriz de Hierarquização

Categorização Temática dos problemas	Quantas vezes apareceu na Matriz de Hierarquização do Ator Social (AS)										%
	AS1	AS2	AS3	AS4	AS5	AS6	AS7	AS8	AS9	TOTAL	
1° Baixa participação	4	2	2	3	4	3	3	2	3	23	27,1
2° Dificuldades na gestão	2	4	0	2	1	3	4	2	3	21	24,7
3° Evasão de associados	2	2	4	4	3	3	0	1	0	19	22,4
4° Manutenção financeira	2	1	1	1	0	1	3	4	2	15	17,6
5° Falta de uma sede	0	0	3	0	1	1	3	4	2	7	8,2

Fonte: Dados da Pesquisa (2019).

Após a hierarquização, foi realizada a técnica proposta por Buarque (2008), denominada “Árvore de encadeamento lógico”, uma de expressão gráfica que resulta das relações de causa e efeito onde, em um primeiro momento, os associados citaram as causas do problema “Baixa participação” e preencheram tarjetas de papel para serem afixadas nas raízes da árvore desenhada no painel montado, posteriormente definiram as consequências na copa da árvore e em um segundo momento, identificaram as causas do problema “Dificuldades de Gestão” e preencheram tarjetas de papel para serem afixadas nas raízes da árvore e as consequências na copa da árvore.

A análise das causas e consequências do problema “Baixa participação” identificado como o mais importante, foi realizada em construção coletiva na oficina de atores sociais onde foi criado um espaço democrático e interativo de roda de conversa.

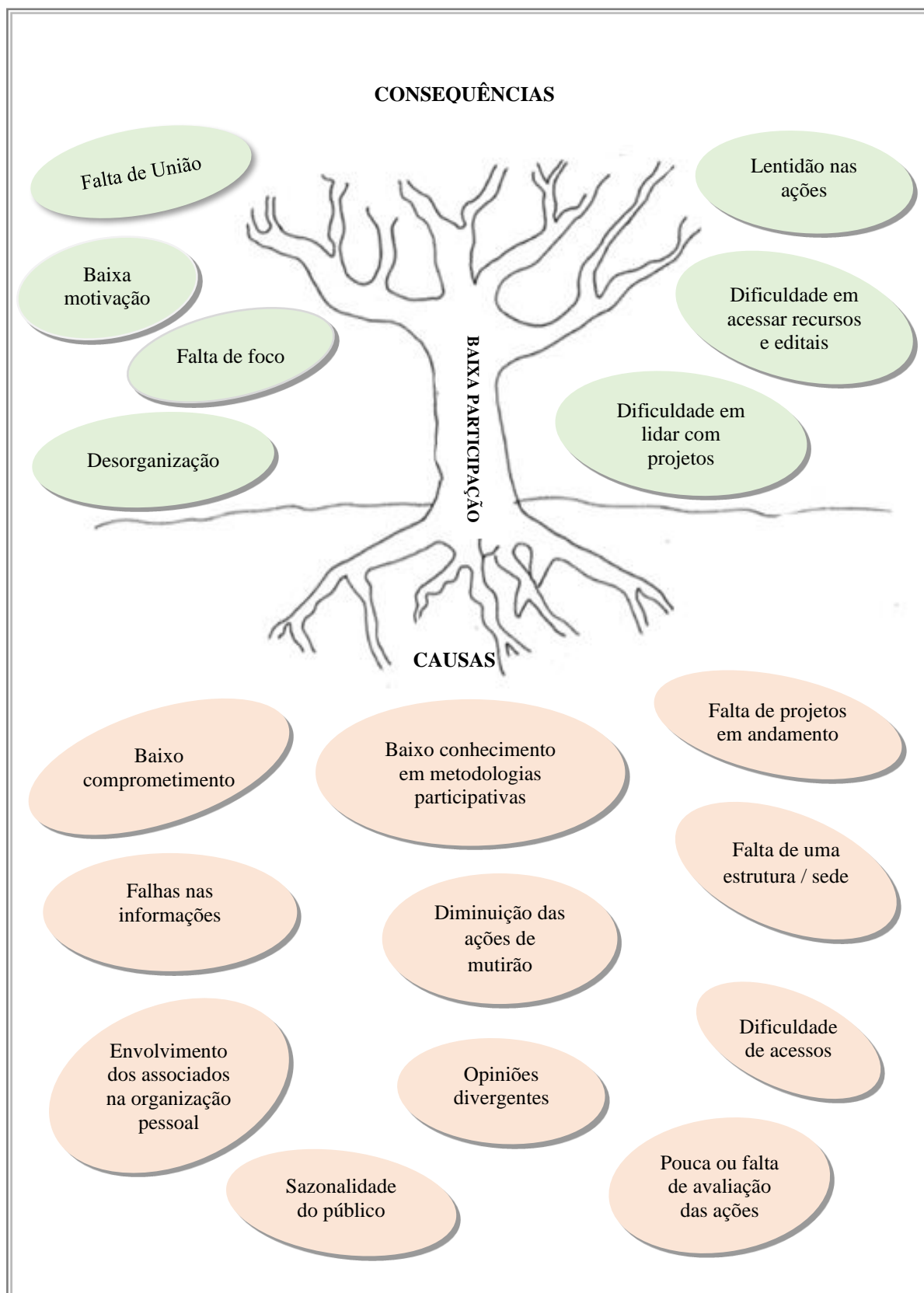
A sistematização e a árvore do problema “Baixa Participação” estão apresentadas na sequência:

Tabela 24 – Sistematização do problema “Baixa Participação”

Causas	Consequências
<p>Baixo comprometimento</p> <p>Baixo conhecimento em metodologias participativas</p> <p>Diminuição das ações de mutirão</p> <p>Envolvimento dos associados na organização pessoal</p> <p>Evasão dos associados</p> <p>Falhas nas informações</p> <p>Falta de projetos em andamento</p> <p>Falta de uma estrutura / sede</p> <p>Grande diversidade de ações</p> <p>Opiniões divergentes</p> <p>Pouca avaliação das ações</p>	<p>Baixa motivação</p> <p>Desorganização</p> <p>Dificuldades em acessar recursos e editais</p> <p>Dificuldade em lidar com projetos</p> <p>Falta de foco</p> <p>Falta de união</p> <p>Lentidão nas ações</p>

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Figura 8 – Árvore de encadeamento lógico do problema “baixa participação”



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Em um segundo momento, na árvore desenhada no painel montado com o problema “Dificuldades de Gestão”, os associados definiram as causas e preencheram tarjetas de papel para serem afixadas nas raízes da árvore desenhada no painel montado e posteriormente definiram as consequências na copa da árvore.

A análise das causas e consequências do problema “Dificuldades na Gestão” identificado como o segundo mais importante, foi realizada em construção coletiva na oficina de atores sociais onde foi criado um espaço democrático e interativo de roda de conversa.

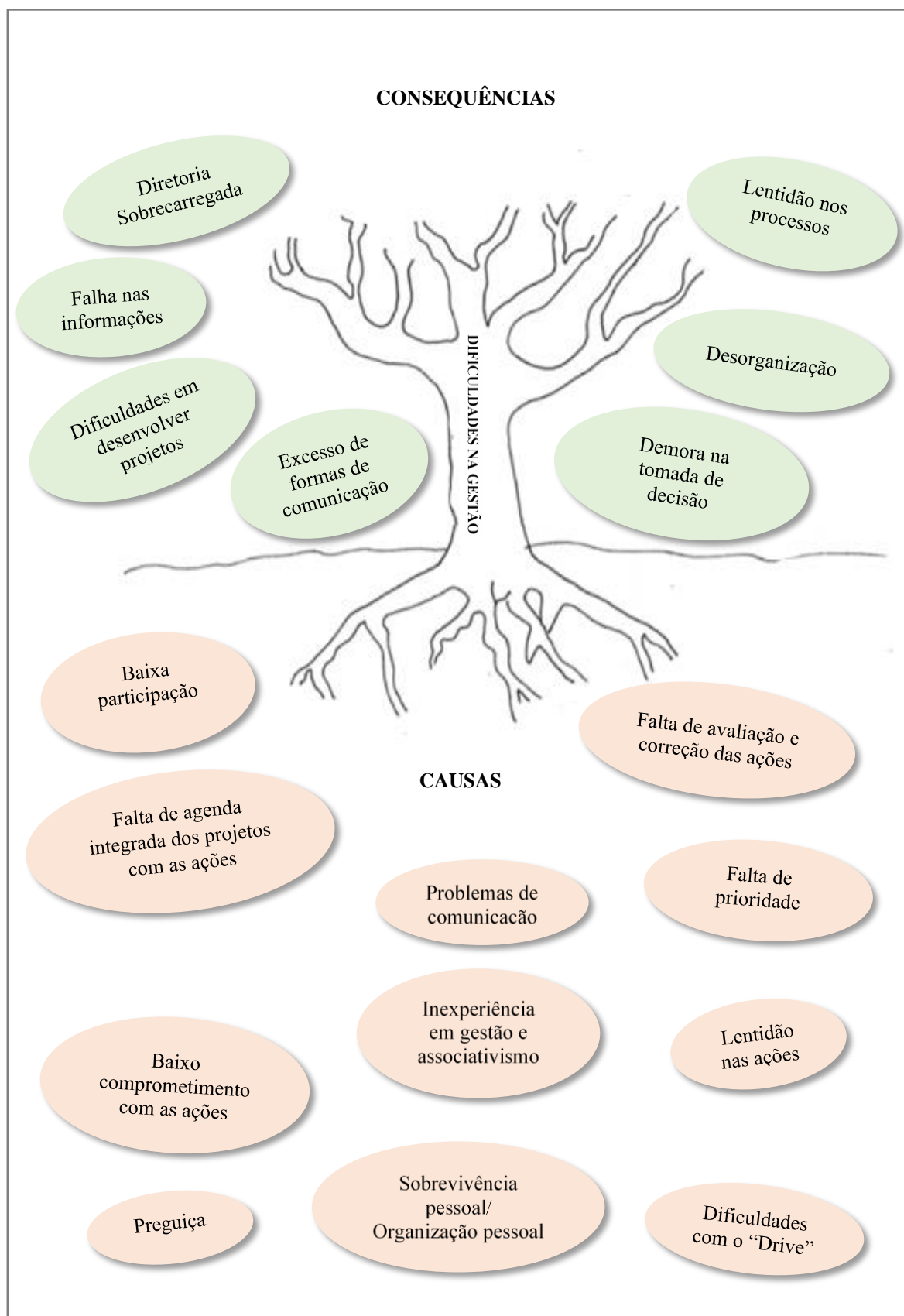
A sistematização e a árvore do problema “Dificuldades na Gestão” estão apresentadas na sequência:

Tabela 25: Sistematização do problema “Dificuldades na Gestão”

Causas	Consequências
Baixa participação Baixo comprometimento Dificuldade com o “Drive” Falta de avaliação e correção das ações Falta de prioridade Falta de agenda integrada dos projetos com as ações Inexperiência em gestão e associativismo Lentidão nas ações Preguiça Problemas de comunicação Sobrevivência pessoal / Organização pessoal	Demora na tomada de decisão Desorganização Dificuldades em desenvolver projetos Diretoria sobrecarregada Excesso de formas de comunicação Falhas nas informações Lentidão nos processos

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Figura 9 – Sistematização do problema “dificuldades de gestão”



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Posteriormente foi realizada a transformação de causas em objetivos, onde os aspectos negativos foram transformados em ações positivas proporcionando aos associados fontes de reflexão e direcionamento para ações concretas.

A tabela abaixo apresenta a transformação de causas em objetivos para o problema “Baixa Participação”:

Tabela 26 – Transformação de causas em objetivos para a “Baixa Participação”

<b>Causas</b>	<b>Objetivos</b>
Baixo comprometimento	Cada um procurar formas de se comprometer e delegar a um grupo de associados desenvolver estratégias de engajamento.
Baixo conhecimento em metodologias participativas	Aumentar o conhecimento em metodologias participativas, individualmente, coletivamente ou através da realização de cursos.
Diminuição das ações de mutirão	Buscar formas de aumentar as ações de mutirão, organizar um cronograma de ações para revezamento entre as propriedades dos associados ou afins.
Envolvimento dos associados no desenvolvimento pessoal.	Buscar envolvimento com a associação além de ajudar a fortalecer o desenvolvimento pessoal
Evasão de associados	Buscar associados nas comunidades envolvidas com a associação.
Falta de projetos em andamento	Focar em ações importantes
Falta de uma estrutura/sede	Concentrar esforços na busca da estrutura/sede
Lentidão nas ações	Procurar métodos ágeis na realização das ações
Opiniões divergentes	Resolver as divergências
Pouca avaliação das ações	Realização de avaliações e correção das ações
Problemas de comunicação	Melhorar as formas de comunicação

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

A tabela abaixo apresenta a transformação de causas em objetivos para o problema “Dificuldades na Gestão”:

Tabela 27 – Transformação de causa em objetivos para “Dificuldades na Gestão”

Causas	Objetivos
Baixa participação	Buscar formas de aumentar a participação
Baixo comprometimento com as ações	Cada um procurar formas de se comprometer
Dificuldade com o “Drive”	Buscar formas de aprendizado com o Drive e novas tecnologias
Falta de agenda integrada dos projetos	Realização e utilização de uma agenda integrada dos projetos e das ações
Falta de avaliação e correção das ações	Realização de avaliações e correção das ações
Falta de prioridade	Buscar formas de priorização da associação
Inexperiência em gestão e associativismo	Buscar experiência em gestão e associativismo
Lentidão nas ações	Procurar métodos ágeis na realização das ações
Preguiça	Cada um procurar formas de se comprometer, além de trabalhar a autoestima e a determinação dos associados.
Problemas de Comunicação	Melhorar as formas de comunicação
Sobrevivência pessoal / Organização pessoal	Buscar conciliar a sobrevivência pessoal dos associados com a organização da associação

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Durante a oficina ocorreram sugestões de ações como, pensar formas de trazer recursos, buscar projetos para levantar recursos para a “nova sede”; realizar eventos educativos,

pedagógicos, cine rural, festas diurnas com almoço agroecológico após uma caminhada, yoga, atividades com argila, possibilidade de compra de um meio de transporte através de um projeto;

Na ocasião, outra questão levantada foi: a pessoa que assumir um compromisso numa reunião, na próxima trazer a solução ou por qual motivo não conseguiu; associados devem participar mais das reuniões; registrar compromisso em atuar no projeto do começo ao fim; verificar como ficaria quanto a flexibilidade de horário, como ficaria a questão das ausências nas reuniões que são uma vez por mês pois em sua opinião não tem gestão sem participação; desenvolver a “interação” que é uma forma mais livre de participação, que as pessoas envolvidas nos projetos estejam em grupos, formando “redes”; aumentar o foco para evitar a grande diversidade de ações.

Foi realizado o registro da reunião em ata, o que possibilitará aos associados durante a reunião de auto avaliação, detalharem os pontos levantados.

Em nova reunião com a associação, ocorreu o retorno das informações e levantamento das possíveis ações necessárias para lidar com os problemas. Ocorreu também a definição dos grupos de trabalho onde as pessoas se voluntariaram nas áreas de gestão e projetos em andamento ou predefinidas. O grupo de trabalho denominado “Comunicação”, responsável por divulgação, marketing, registros, administrar as mídias; o grupo de trabalho denominado “Financeiro”, responsável por recolher as mensalidades, receitas e gastos, cuidar das compras, relações com a contadora; o grupo de trabalho denominado “Projetos”, responsável por escrever os projetos, gerir os projetos, realizar as autoavaliações; o grupo de trabalho denominado “Eventos”, responsável por organizar, para propor, buscar patrocínios, eventos em geral; o grupo de trabalho denominado “Coordenação geral”, responsável por avaliações do planejamento estratégico, organização e facilitação das reuniões e as obrigações legais de cuidar das atas das assembleias e reuniões, fazer o balanço e supervisionar a prestação de contas junto com o setor financeiro.

As estratégias definidas a partir do planejamento estratégico são importantes pois permitem a reavaliação das ações realizadas no presente e no futuro. Possibilitam conduzir os esforços para objetivos preestabelecidos, por meio de uma estratégia adequada e uma aplicação racional dos recursos disponíveis. É preciso desenvolver a faculdade crítica, a participação, a organização, a solidariedade e a articulação, como Alencar (2001), nos lembra.

Foi exatamente isso que se buscou com o processo do diagnóstico que utilizou técnicas de planejamento para atender seu objetivo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo principal a realização de diagnóstico com técnicas de planejamento na Associação Agroecológica Écoletivo.

Para tal, foi realizado um resgate dos aspectos históricos de fundação e a caracterização da associação, o que representou a compreensão da situação atual a partir do histórico de fundação que se deu a partir da ampliação das ações coletivas e realização de mutirões onde as relações e as trocas de experiências no Coletivo Agroecológico se intensificaram e a ideia de se organizar de forma mais concreta se fortaleceu.

O processo de criação do Estatuto da associação representou o início da formalização da associação e aconteceu através da realização de várias reuniões do grupo interessado. Diversas dificuldades foram apontadas pelos membros da diretoria para a formalização.

Posteriormente, para a caracterização da associação, o diagnóstico buscou entender os motivos de criação e razão de ser da associação, pode se afirmar que os motivos de criação da associação estão ligados à necessidade de uma organização social, voltada para o fortalecimento das ações e resultados. Entende-se a partir dos motivos de criação e da razão de ser da associação, que a missão da associação, se aproxima de trabalhar em grupo, a partir de uma filosofia comum e buscar um lugar reconhecido na sociedade por meio da formalização da associação e realizar atividades por meio da agroecologia.

Quanto a visão de futuro, entende-se que é uma prioridade da associação para o futuro, atuar em desenvolvimento local sustentável, implementando projetos através de parcerias em diversos níveis, que possibilitem a concretização dos objetivos dos associados e da comunidade. O desenvolvimento local sustentável, no entendimento dos associados é uma forma de desenvolvimento que preserva, beneficia o ambiente além de valorizar os saberes, recursos e características locais com práticas de economia local.

Com relação aos objetivos, no Estatuto a associação declara que tem como objetivo “apoiar e desenvolver ações ou projetos para a multiplicação e o fortalecimento do movimento agroecológico na região” através de diversas ações que foram consideradas como os valores da associação: produção agroecológica e permacultural; defesa, preservação e conservação do meio ambiente e a promoção do desenvolvimento sustentável; experimentação, não lucrativa, de novos modelos sócio produtivos e de sistemas alternativos de produção, comércio, emprego e crédito; promoção da segurança alimentar e nutricional; promoção da educação ambiental e da educação no campo; promoção da igualdade de gênero, da inclusão social e da juventude rural; promoção das medicinas alternativas; desenvolvimento de construções ecológicas;

incentivo ao manejo agroecológico de animais; desenvolvimento de expressões culturais e artísticas, e de esportes e lazeres; promoção da cultura, defesa e conservação do patrimônio histórico e artístico; assessoramentos, prestação de serviços consultivos e transferência de conhecimentos agroecológicos; desenvolvimento do agro ecoturismo; promoção de atividades e finalidades de relevância pública e social; além de outras temáticas que respeitem os valores agroecológicos.

Assim, por entendimento da interpretação dos associados e membros da diretoria para o conceito “movimento agroecológico” considera-se um movimento social diverso envolvido em várias frentes de atuação; um movimento preocupado com as questões ambientais (educação, militância, técnicas adequadas de plantio e manejo de resíduos); um movimento social preocupado com as desigualdades sociais; um processo de resgate, troca e compartilhamento de cultura, experiências e saberes tradicionais; um movimento preocupado com as relações econômicas entre os sujeitos envolvidos.

As conquistas até o momento que foram citadas na entrevista foram: o agrupamento de pessoas interessadas na associação; a formalização da associação (CNPJ); as parcerias que a associação estabeleceu e tentativas de envio de projetos para captação de recursos.

Em relação aos projetos efetivados foram citados o Cine Rural com projeção de filmes voltados à temática local e rural; os trabalhos voltados às plantas medicinais e a realização dos mutirões, que aconteceram em diversas localidades e também realizados com diversos objetivos, capina; plantio; bioconstrução; bacia de evapotranspiração, entre outras atividades.

Quanto aos projetos a serem desenvolvidos, foi informado que, com a reativação da Escola Rural e oficialização da sede, poderão ser realizados diversos projetos, a realização de oficinas para a comunidade; curso voltado para valorizar os diversos usos da terra, seja como tinta, uso artístico, uso medicinal, o uso na agricultura; curso sobre “design de permacultura”; plantio de mudas para recuperação da bacia hidrográfica da região; resgate da valorização das plantas medicinais e a utilização pela comunidade; horta de plantas medicinais; na área cultural o cine rural, a projeção de cinema, as oficinas de áudio, de vídeo, curta metragem e documentários.

Na descrição do perfil sociodemográfico dos associados, com relação ao gênero, a maioria se identificou como do gênero feminino. Quanto o estado civil a maioria dos integrantes da associação que participaram da pesquisa é solteiro(a). Quanto ao nível de escolaridade dos que responderam com Ensino Superior Incompleto e completo somam-se 77% do total. Relativo à profissão, os associados apontam para diversidade de perfis sociais e do caminho profissional. O local de origem, indica também que há diversidade no grupo ao apresentar nove

diferentes cidades como local de origem dos associados, mas relativo ao atual local de residência, observa-se que a grande maioria dos participantes da associação mora em Rio Pomba. A renda dos associados vem de diferentes formas, representando diversidade financeira dos associados que participaram da pesquisa. Mais de 50% dos participantes reside em meio rural. A totalidade dos que residem em meio rural pretendem continuar no meio rural e menos de 50% disseram ser donos da própria terra. Como atividades aparecem a agrofloresta e o extrativismo, o plantio para subsistência e os sistemas agroflorestais, como palmeira juçara para polpa, pupunha, banana. Também relataram outras atividades, como o cultivo de fumo, de mandioca e de batata doce, de feijão, produção de molhos de pimenta, extrativismo de pimenta do macaco. A organização do trabalho na propriedade variou entre de 1 a 2 pessoas, condição de meeiro, contrato externo, troca dias de trabalho e trabalho coletivo.

Para a compreensão dos aspectos conceituais, motivacionais e avaliativos, diversas questões foram levantadas aos associados. As afirmações em relação ao entendimento de associativismo por parte dos associados, indicam que os mesmos acreditam que é um modo formalizado de organização social de pessoas com objetivos comuns, com força política específica, que fortalece as partes envolvidas, além de ser um processo coletivo e cooperativo de compartilhamento de experiências, técnicas e tecnologias que também possibilita ajudar outras pessoas, um projeto ou uma comunidade. As afirmações em relação ao entendimento aos motivos para participar da associação, por parte dos associados, revelam necessidade de união, colaboração e parcerias para o Desenvolvimento local e fortalecimento dos atores envolvidos na produção agroecológica. A avaliação da atual situação da associação pelos associados, indica que a associação está numa fase inicial de organização e estruturação, está em processo de consolidação com perspectivas positivas para o futuro, mas foram também apontadas, a falta de motivação e necessidade de maior participação por parte dos associados. O relacionamento entre a diretoria e os associados, foi avaliado como positivo, com bom processo de comunicação e possibilidade de participação dos associados em todas as etapas dos processos desenvolvidos, mas pode ser problemático, em razão da sua organicidade, da baixa participação e da falta de definição das funções de cada membro ou grupos de trabalho bem definidos. Em relação a importância da participação na associação, a maioria dos associados considera importante a participação nas reuniões, nas ideias e nas atividades práticas. A importância de ter alguém com um papel de organização e mediação, foi mencionada. Também foram mencionadas questões relativas a baixa participação pelo fato de os associados estarem envolvidos em atividades pessoais. Quanto a atuação em prol do desenvolvimento local da região, alguns associados responderam que tem se dedicado a capacitações e processos formativos necessários

no futuro e que realizam atividades de cunho voluntário e de controle social, também foi evidenciado que têm contribuído pouco para o desenvolvimento local por conta de demandas particulares ou por conta de questões que fogem do seu controle, outros estão se dedicando a processos formativos e realizam atividades de cunho voluntário e de controle social. Quanto às possibilidades de melhoria da associação, foram consideradas uma maior participação e mudanças nos processos de gestão e execução das atividades, com maior participação e profissionalismo, com melhorias na comunicação interna e envolvimento em projetos. Dentre os motivos para participar da associação, a vontade de colaborar para o fortalecimento das partes envolvidas e motivações ideológicas representam a base para que sejam realizadas ações de parcerias, captação de recursos sendo necessário que os associados se empenhem mais em participar ativamente dos processos e busquem compreender melhor os mecanismos burocráticos do associativismo e também aprofundem mais no entendimento aos editais para captação de recursos e realização de projetos. A avaliação em relação a atual situação da associação indica uma fase inicial de organização e estruturação em processo de consolidação, levando em conta que a data de criação da associação foi a mais de um ano, é preciso que os associados se desliguem do discurso de fase inicial de estruturação e partam para realizar ações concretamente. Avalia-se positivamente as perspectivas para o futuro, pois a associação tem potencial, porém, a maior participação dos associados foi diversas vezes apontada além da necessidade de melhoria na comunicação interna da associação, a prática das ações planejadas e maior motivação para submissão de projetos o que demanda um maior empenho dos associados e organização das ações para ir além da participação apenas nas reuniões.

A fim de analisar o ambiente externo e interno da associação, levou-se em conta as entrevistas com os membros da diretoria; a aplicação do questionário aos associados e as oficinas com atores sociais.

As instituições com as quais a associação se relaciona atualmente são: Instituto Federal Sudeste de Minas Gerais em Rio Pomba; o Núcleo de Estudos em Agroecologia (NEA); a Prefeitura Municipal de Rio Pomba; o Sindicato dos Trabalhadores Assalariados e Agricultores Familiares do Município do Rio Pomba (STRAAF/MRP); os Movimentos Sociais; os professores do Instituto Federal ; os vereadores de Rio Pomba; o Centro de Educação Ambiental do Povo do Vale do Rio Pomba (CEAVARP); Associação da comunidade Monte Alegre e Associação da comunidade dos Coelhos.

As oportunidades citadas pelos membros da diretoria, revelam a prática de captação de recursos em editais nacionais e internacionais, que não ocorreu oficialmente, mas a associação está em busca de iniciar o processo. O diálogo com a comunidade local é uma vontade e também

uma necessidade da associação e com maior união e motivação dos membros poderá acontecer através de um diagnóstico a ser realizado com a comunidade do Bom Jardim. As oportunidades de emprego para a comunidade local poderão surgir com o fortalecimento da associação e desenvolvimento local sustentável da comunidade através de criação de turismo agroecológico, polo de produção agroecológica, produção de mudas para a região, turismo agroecológico, entre outras atividades. A oportunidade de recuperação da Bacia Hidrográfica de Rio Pomba pode ser desenvolvida com a ampliação das parcerias e possível amadurecimento financeiro com a participação da associação em editais públicos através de projetos. A atuação da associação como um movimento social ocorre através dos mutirões, dos eventos e parcerias. A valorização da comunidade rural e valorização das atividades culturais” são inerentes ao desenvolvimento da associação a longo prazo. Acredita-se que uma grande oportunidade que surgiu foi a aprovação da Lei que institui o Polo Agroecológico e de Produção Orgânica na região da Zona da Mata, local onde está inserida a associação. Outra oportunidade futura que foi identificada foi a parceria a ser realizada com o Ministério Público o que exigirá da associação uma maior maturidade.

As ameaças citadas pelos membros da diretoria, foram os aspectos legais em relação a situação burocrática que envolve a associação, que pode ser trabalhada na medida em que os associados tenham conhecimento e prática, além de dividirem de forma mais concreta e detalhada as funções dentro dos grupos de trabalhos predefinidos; o desinteresse da comunidade e falta de apoio das instituições parceiras podem ser trabalhadas com o fortalecimento da associação, a tendência é o aumento do interesse por parte da comunidade e aumento do apoio das instituições parceiras; o contexto político atual, é uma questão a ser considerada de certa forma difícil de ser alterada, mas que pode gerar uma maior união dos atores sociais envolvidos.

Dentre as potencialidades citadas na entrevista com membros da diretoria, o compartilhamento de momentos agradáveis quando os associados estão reunidos, pode ser considerada uma variável ligada a aspectos motivacionais, o desenvolvimento intelectual e material da associação, a troca de experiências são variáveis que fortalecem a associação e os associados; a diversidade dos perfis dos associados pode ajudar em relação às propostas e projetos a serem desenvolvidos; desenvolver a agroecologia, pode ser considerada uma potencialidade ligada aos objetivos da associação e de certa forma um fator de fortalecimento.

Dentre os problemas citados na entrevista com membros da diretoria, a baixa participação dos associados, as dificuldades dos associados se envolverem na questão da administração da associação e a baixa participação e envolvimento dos associados em desenvolvimento e gestão de projetos podem ser trabalhadas com maior prioridade e a curto prazo.

O fato de os associados estarem envolvidos em outras atividades e a evasão dos associados poderão ser menores na medida em que a associação estiver envolvida com projetos, ações e prestações de conta. A impermanência dos associados na cidade pode ter menor ocorrência com o amadurecimento a longo prazo da associação e maior possibilidade de membros associados da comunidade do Bom Jardim, principalmente os jovens da comunidade.

A associação não tem ainda o Regimento Interno, mas existe um esboço, sendo necessária uma participação mais ativa dos associados para avançar, por enquanto, foi considerado que não é uma prioridade para o momento devido a outras demandas.

Em relação às oportunidades lembradas pelos associados, tem-se a integração entre os sujeitos, as instituições e as entidades da sociedade civil para criação e cooperação em projetos de interesse mútuo; o empoderamento e valorização da cultura e dos saberes da zona rural um fator intimamente ligado aos valores da associação e seu objetivo que pode ser desenvolvido a partir de um espaço de socialização consistente, um aspecto que poderá trazer maior união e motivação dos membros a partir do diálogo com a comunidade e entendimento de suas necessidades; o aumento da demanda por alimentos saudáveis é um aspecto importante a ser considerado a partir de uma maior conscientização da sociedade com relação aos malefícios dos produtos tidos como convencionais além de considerar a criação do Polo Agroecológico e de Produção Orgânica na região da Zona da Mata.

Dentre os elementos ligados às ameaças foram lembradas pelos associados, a conjuntura política em instâncias distintas o que reflete em dificuldades de captação de recursos por crise e falta de apoio político; o desinteresse da comunidade do Bom Jardim o que pode fazer surgir o interesse seriam os resultados a partir da realização concreta de atividades advindas dos projetos; a interferência do setor privado por interesse comerciais é uma ameaça considerada e poderá ser melhor enfrentada se a associação e a comunidade se unirem; questões ideológicas que geram conflito de interesses entre os associados é um aspecto que não foi declarado abertamente, pois não se observou tais conflitos.

Como potencialidade que estimula a participação dos membros na associação, a união e a cooperação em trabalhos e projetos de mútuo interesse como os mutirões, o cine rural, as oficinas e eventos da associação; foi também citada como potencialidade, a formação e experiências diversas entre os associados, um aspecto que tem como tendência se fortalecer na medida em que os projetos aconteçam e a prestação de contas seja necessária, o amadurecimento do grupo para lidar com as responsabilidades será essencial; a demanda por espaços de interação comunitária vem no sentido de potencialidade pelo fato de haver o interesse por parte dos associados em promover o desenvolvimento local sustentável; a

diversidade de formação entre os associados pode ser interessante em projetos multidisciplinares; a demanda por alternativas de geração de renda e modos de vida alternativos pode facilitar a fixação de moradia de alguns associados.

Dentro os problemas lembrados pelos associados estão, as dificuldades de adesão e envolvimento dos Associados e a baixa participação dos associados devido a outras atividades e diferenças de horário para se dedicar à associação foi citado por diversas vezes e também foi bem explorado nas oficinas de atores sociais; a evasão de associados por não terem moradia fixa em Rio Pomba pode ser um aspecto que, com o fortalecimento da associação diminua à medida em que a comunidade do Bom Jardim também tenha interesse em participar da associação; o número insuficiente de associados é uma consideração relativa, se considerarmos que número de associados não representa muito se não houver qualidade, envolvimento e compromisso dos membros atuais, lembrando a possibilidade de participação da juventude da comunidade e de moradores mais antigos; a dificuldade financeira e a necessidade de geração de renda para os associados é uma questão diretamente ligada ao desenvolvimento da associação, à medida em que a associação se desenvolve, a comunidade se desenvolve, conseqüentemente os associados também se desenvolvem; as dificuldades de gestão da associação e falta de experiência com associativismo é o problema a ser potencialmente trabalhado, também tem-se que a experiência virá com o tempo, mas é preciso que os associados tenham dedicação em aprender, realizando cursos, e a associação deve promover oficinas voltados para as suas dificuldades mais específicas; as divergências políticas e ideológicas podem gerar conflitos, mas é preciso entender que podem ser trabalhados juntamente com a motivação e aumento da auto estima dos envolvidos.

Para identificação dos principais problemas, suas causas, conseqüências inicialmente os problemas foram agrupados em cinco temas a partir da oficina com atores sociais de forma participativa. O processo da oficina trouxe amadurecimento das ideias e reflexões necessárias para a continuidade do diagnóstico. A matriz de hierarquização trouxe os cinco temas classificados em ordem de importância: baixa participação com 27,1%; dificuldades de gestão com 24,7%; evasão de associados com 22,4%; manutenção financeira com 17,6 e falta de uma sede com 8,2%.

A construção coletiva na oficina de atores sociais proporcionou a análise das causas e conseqüências dos dois problemas identificando como os mais importantes.

A árvore de encadeamento lógico identificou como causas do problema “baixa participação”: baixo comprometimento; baixo conhecimento em metodologias participativas; diminuição das ações de mutirão; envolvimento dos associados na organização pessoal; evasão

dos associados; falhas nas informações; falta de projetos em andamento; falta de uma estrutura, sede; grande diversidade de ações; opiniões divergentes; pouca avaliação das ações. Como consequências do problema “baixa participação” tem-se: baixa motivação; desorganização; dificuldades em acessar recursos e editais; dificuldade em lidar com projetos; falta de foco; falta de união; lentidão nas ações.

A árvore de encadeamento lógico identificou como causa do problema “dificuldades de gestão”: baixa participação; baixo comprometimento; dificuldade com o “drive”; falta de avaliação e correção das ações; falta de prioridade; falta de agenda integrada dos projetos com as ações; inexperiência em gestão e associativismo; lentidão nas ações; preguiça; problemas de comunicação; sobrevivência pessoal, organização pessoal. Como consequências do problema “dificuldades de gestão”: demora na tomada de decisão; desorganização; dificuldades em desenvolver projetos; diretoria sobrecarregada; excesso de formas de comunicação; falhas nas informações; lentidão nos processos.

Após a realização da árvore de encadeamento lógico, foram realizadas reflexões a respeito dos resultados do painel e sugestões para direcionamento de ações. Foi realizada posteriormente a transformação de causa em objetivos para a “baixa participação”. Os objetivos gerados foram: cada um procurar formas de se comprometer e delegar a um grupo de associados desenvolver estratégias de engajamento; aumentar o conhecimento em metodologias participativas, individualmente, coletivamente ou através da realização de cursos; buscar formas de aumentar as ações de mutirão, organizar um cronograma de ações para revezamento entre as propriedades dos associados ou afins; buscar envolvimento com a associação além de ajudar a fortalecer o desenvolvimento pessoal; buscar associados nas comunidades envolvidas com a associação; focar em ações importantes; concentrar esforços na busca da estrutura/sede; procurar métodos ágeis na realização das ações.

Os objetivos gerados com a transformação de s em objetivos para a “dificuldades de gestão” foram: buscar formas de aumentar a participação; cada um procurar formas de se comprometer; buscar formas de aprendizado com o drive e novas tecnologias; realização e utilização de uma agenda integrada dos projetos e das ações; realização de avaliações e correção das ações; buscar formas de priorização da associação; buscar experiência em gestão e associativismo; procurar métodos ágeis na realização das ações; cada um procurar formas de se comprometer, além de trabalhar a autoestima e a determinação dos associados.; melhorar as formas de comunicação; buscar conciliar a sobrevivência pessoal dos associados com a organização da associação.

Durante a oficina ocorreram várias sugestões de ações a serem realizadas, relacionadas a recursos, projetos; eventos, cine rural, maior compromisso com a associação. Em nova reunião com a associação, ocorreu o retorno das informações e levantamento das possíveis ações necessárias para lidar com os problemas, definição dos grupos de trabalho. O processo de interação para a realização das atividades tem um impacto direto sobre o desempenho do grupo. É nessa interação que as pessoas desenvolvem regras, sentimentos e outras propriedades da vida social e a educação fará com que os indivíduos desenvolvam capacidade de diagnosticar, analisar seus problemas e decidir coletivamente sobre as ações para solucioná-los.

As associações representam fontes de organização e fortalecimento social. Existem diversas formas de associativismo, e todas levam ao entendimento que a participação dos envolvidos é essencial para que os objetivos sejam alcançados, lembrando Oakley (1980 citado por Alencar 2001), que identificaram como fundamentais para o processo de educação participativa, a faculdade crítica; a participação; a organização; a solidariedade e a articulação.

Acredita-se que os resultados contribuíram e poderão contribuir com a associação estudada. É preciso salientar que o processo de planejamento não termina em si, ele tem o potencial de se renovar a cada tempo em que se pensa nele, é enriquecedor por ter como característica procurar a evolução a cada vez que o grupo se propõe a fazê-lo.

Importante afirmar que, os grupos tornam-se mais coesos e fortalecidos à medida em que as pessoas apresentem qualidade em seus relacionamentos e tragam suas competências, experiências, motivações, afim de trabalharem em colaboração com clareza de objetivos, coesão, organização e comunicação, resultando em sinergia ou seja, produzindo um resultado maior que a simples soma de suas contribuições individuais.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. **O futuro das regiões**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- ALENCAR, E. **Introdução à metodologia de pesquisa**. Lavras: UFLA/FAEPE, 2000.
- ALENCAR, E. **Associativismo rural e estratégia de intervenção**. Lavras: UFLA/FAEPE, 2001.
- ALENCAR, E. **Metodologia de pesquisa**. Lavras: UFLA, 2007
- ALMEIDA, J. Da ideologia do progresso à ideia de desenvolvimento rural sustentável. In: ALMEIDA, J.; NAVARRO, Z. **Reconstruindo a agricultura**: ideias e ideais na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável. Porto Alegre: UFRGS, 1997. p. 33- 45.
- ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4 ed. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2004.
- ALTIERI, M. Agricultura familiar camponesa como patrimônio ecológico planetário. In: ALTIERI, M. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. São Paulo: **Expressão Popular**, p. 363-378, 2012.
- AMORIM, H.; SILVA, J. B. da. **Classes e lutas de classes**: novos questionamentos. São Paulo: Annablume, 2015.
- ARROYO, J. C.; SCHUCH, F. C. **Economia popular e solidária**: a alavanca para um desenvolvimento sustentável e solidário. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições70, 2010.
- BARROS, A. J. S. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- BARROS, A de J. P. **Projeto de pesquisa**: propostas metodológicas 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BAVA, S.C. Desenvolvimento local: uma alternativa para a crise social? **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.10, n.3, p.53-59, 1996.
- BOFF, L. **Sustentabilidade**: o que é-o que não é. 6. ed. Ver. E amp. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BRANDENBURG, A. Movimento agroecológico: trajetória, contradições e perspectivas. **Desenvolvimento e meio ambiente**, v. 6, 2002.
- BRASIL, Código Civil. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. **Institui o Código Civil**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, v. 11, 2002.

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL. Grupo Técnico de Alimentação Adequada e Saudável. Relatório Final. Brasília: Consea, 2007.

BRASIL, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em <<http://www.https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/rio-pomba>>. Acesso em: mar. 2018.

BUARQUE, S. C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**: metodologia de planejamento. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

BUARQUE, S. C. **Metodologia e técnicas de construção de cenários globais e regionais**. Texto para discussão. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada/ IPEA 2003.

BUARQUE, S. C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**: metodologia de planejamento. 4. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

CAMPANHOLA, C.; DA SILVA, J. G. Desenvolvimento local e a democratização dos espaços rurais. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, v. 17, n. 1, p. 11-40, 2000.

CARSON, Rachel. **Primavera Silenciosa**. Trad. Claudia Sant'Anna Martins. 1. ed. São Paulo: Gaia, 2010. 327 p.

CASTELLS, M. Mudança tecnológica, reestruturação econômica e a nova divisão espacial do trabalho. **Espaço e debates**, v. 17, p. 5-23, 1986.

CERVO, A L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO (CMMAD) **Nosso futuro comum**. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1991, p 77.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA (CEP). Parecer consubstanciado nº. 3.090.428/2018, sobre o projeto Diagnóstico com técnicas de planejamento na Associação Agroecológica Écoletivo. **Plataforma Brasil**, projeto CAAE: [03990218.1.0000.5148]. Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2018.

COSTABEBER, J. A.; CAPORAL, F. R. **Possibilidades e alternativas do desenvolvimento rural sustentável**. Palestra proferida no I Congresso Internacional sobre Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural Sustentável, realizado no Auditório do Centro de Ciências Rurais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, em 02 e 03 de dez. de 2003.

DRUCKER, P. F. **Prática da administração de empresas**. São Paulo: Pioneira, 1981. 382p

FEIJÓ, R. L. C. **Economia agrícola e desenvolvimento rural**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

GANDIN, D. **Planejamento como prática educativa**. 19 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LEONELLO, J. C. O associativismo como alternativa de desenvolvimento na dinâmica da economia solidária. **Tese** (Doutorado em Serviço Social). Universidade Estadual Paulista. Franca, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/106128>. Acessado em 12 de junho de 2018.

MARTINS, Sérgio Ricardo Oliveira. Desenvolvimento local: questões conceituais e metodológicas. **Interações**: Campo Grande, v. 3, n. 5, 2002.

MAXIMIANO, A. C. A. **Introdução à administração**. 8. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2011.

PUTNAM, R. D. **Comunidade e democracia**: a experiência da Itália Moderna. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ROMEIRO, A. R. Economia ou economia política da sustentabilidade, in Peter M. **Economia do Meio Ambiente**: Teoria e Prática. Rio de Janeiro: EcoEco & Editora Campus, 1-29, 2003.

SACHS, I. **Ecodesenvolvimento**: crescer sem destruir. São Paulo: Vértice, 1986.

SACHS, I. **Estratégias de transição para o século XXI**. In: BURSZTYN, M. Para Pensar o Desenvolvimento Sustentável. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 29-56.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. 3.ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SCHNEIDER, S. **A pluriatividade na agricultura familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. Companhia das Letras, 2018.

SILVA, A. B. da, et al. Ação Coletiva Para a Transição Agroecológica – Mutirões Como Ferramenta Para a Construção da Agroecologia na Zona Rural de Rio Pomba. **Cadernos de Agroecologia** - Anais do II SNEA, Vol. 12, Nº 1, Jul. 2017.

SILVEIRA, T. F. et al. Compreendendo o associativismo rural no município de Rio Pomba/MG. Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018.

TAMAYO, A.; MENDES, A. M.; PAZ, M. G. T. Inventário de valores organizacionais. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.5, n.2, p.289-315, maio/ago.2000.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VAN BELLEN, H. M. **Indicadores de sustentabilidade**: uma análise comparativa. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

VEIGA, J. E. da. **Cidades imaginárias**: o Brasil é menos urbano do que se imagina. Campinas: Autores Associados, p. 72, 2002.

VEIGA, J. E. O Brasil Rural Precisa de uma Estratégia de Desenvolvimento. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 5, nº 10, jul./dez 2003, p. 312-347.

VEIGA, J. E. da. **Desenvolvimento Sustentável**: o desafio do século XXI. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Garamond. 2008.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

WANDERLEY, M. de N. B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. **Agricultura familiar**: realidades e perspectivas, v. 3, p. 21-55, 1996.

WANDERLEY, M. de N. B. **O mundo rural como um espaço de vida**: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Declaração de Autorização

#### Declaração de Autorização Para Uso de Arquivos, Registros e Similares

Ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFLA

Declaro que o acesso e uso dos arquivos disponíveis no aplicativo Drive denominado “Ecoletivo” onde encontram-se as seguintes pastas, “Administração Ecoletivo; Documentos de Fundação da Associação; Atas da Associação; Projetos; Ofícios”; assim como a inserção posterior dos resultados da pesquisa por parte da pesquisadora em pasta específica denominada “Diagnóstico”; estão autorizados à pesquisadora Renata Werneck Rodrigues, com a finalidade de realização e repasse da pesquisa intitulada "DIAGNÓSTICO COM TÉCNICAS DE PLANEJAMENTO NA ASSOCIAÇÃO AGROECOLÓGICA ÉCOLETIVO EM RIO POMBA, MG".

De acordo e ciente

RIO POMBA, 30 de dezembro de 2018

 080941.996-92  
MÁRCIO SOARES SANTOS / CPF

## APÊNDICE B – Entrevista com a Diretoria

### Roteiro de entrevista com a Diretoria

#### Aspectos históricos e identificação da trajetória de funcionamento da associação

- Quais foram os motivos para a criação da Associação? (motivação)
- Como se deu a criação do Estatuto da Associação?
- Quais foram as dificuldades nos aspectos burocráticos e dificuldades na criação?
- Qual é a razão de ser da Associação (objetivo principal)?
- O que você entende por “movimento agroecológico”?

O que você entende por desenvolvimento local sustentável?

- Na prática, dentre as variáveis para atender objetivos, quais são as mais realizadas atualmente?
- Quais são as instituições com as quais a Associação se relaciona atualmente?
- Existem parcerias? Quais?
- A associação recebeu alguma doação?
- Quais foram as conquistas até o momento?
- Com relação a participação dos associados e reuniões qual é a opinião de vocês?
- O Regimento Interno está pronto ou está sendo trabalhado? Se não, como pretendem trabalhar no Regimento Interno?
- Quais são os projetos em andamento?
- Quais são os principais projetos a serem desenvolvidos?
- Quais foram os projetos efetivados?
- Relativo aos aspectos exógenos (externos) à associação, quais são as ameaças e oportunidades em sua opinião?
- Relativo aos aspectos endógenos (internos) à associação, quais são os problemas e potencialidades em sua opinião?

### APÊNDICE C – Questionário para Associados

#### **Perfil sociodemográfico dos associados e aspectos relacionados a associação;**

1. Idade:
2. Gênero: ( ) Masculino ( ) Feminino ( ) Outro
3. Estado civil: ( ) Solteiro ( ) Casado ( ) União Estável ( ) Divorciado ( ) Viúvo
4. Grau de instrução (escolaridade): ( ) Sem escolaridade ( ) Ensino primário incompleto ( ) Ensino primário completo. ( ) Ensino médio incompleto ( ) Ensino médio completo. ( ) Ensino superior. incompleto ( ) Ensino superior completo.
5. Profissão:
6. Local de Origem:
7. Atual local de residência:
8. Número de filhos:
9. Idade dos filhos:
10. Gênero dos filhos:
11. Estado civil dos filhos:
12. Grau de instrução dos filhos:
13. Local de moradia dos filhos:
14. Qual é a principal fonte de renda da família?
- 15.. Atual local de residência:
16. Você considera que reside no meio rural ? ( ) Sim ( ) Não  
Se sim, responda de 17 a 23, se não vá para a 24:
17. Reside no meio rural há quanto tempo?
18. Pretende continuar no meio rural?
19. A área produtiva, é própria? Sim ( ) Não ( ) Outros ( ) Qual situação: \_\_\_\_\_
20. Qual a área total propriedade:
21. Quais são as atividades produtivas?
22. Como é a organização do trabalho na propriedade (quantos trabalham, familiares na produção ou gestão, se tem funcionários, quais são os trabalhos realizados)
23. Existe planejamento da produção? Se sim como é realizado?
24. O que é associativismo para você?
25. Quais foram os motivos para participar dessa associação
26. Como você avalia a atual situação da associação?
27. Como é o relacionamento entre a Diretoria e os associados?
28. Qual a importância da sua participação na associação?
29. Para você o que é desenvolvimento local sustentável e o que você faz para o desenvolvimento local da sua região?

## APÊNDICE D – Organização em Diagrama

### DIAGNÓSTICO COM TÉCNICAS DE PLANEJAMENTO NA ASSOCIAÇÃO AGROECOLÓGICA ÉCOLETIVO

#### Organização em Diagrama (oportunidades, ameaças, potencialidades e problemas)

Construção coletiva de percepção da realidade, reflexão em torno das oportunidades e ameaças do contexto representando os fatores exógenos e as potencialidades e problemas relacionados aos fatores internos e hierarquização

Relativo aos aspectos exógenos (externos) à associação, quais são os ameaças e oportunidades em sua opinião?

Oportunidades	Ameaças

Relativo aos aspectos endógenos (internos) à associação, quais são os problemas e potencialidades em sua opinião?

Potencialidades	Problemas

### APÊNDICE E – Matriz de Hierarquização

Te convido a fazer escolhas entre pares de problemas colocados em ordem alfabética, identificando o número do problema mais prioritário para a Associação, em cada uma das células que dois problemas se encontram e a partir daí soma-se a quantidade de vezes que cada problema apareceu na interação.

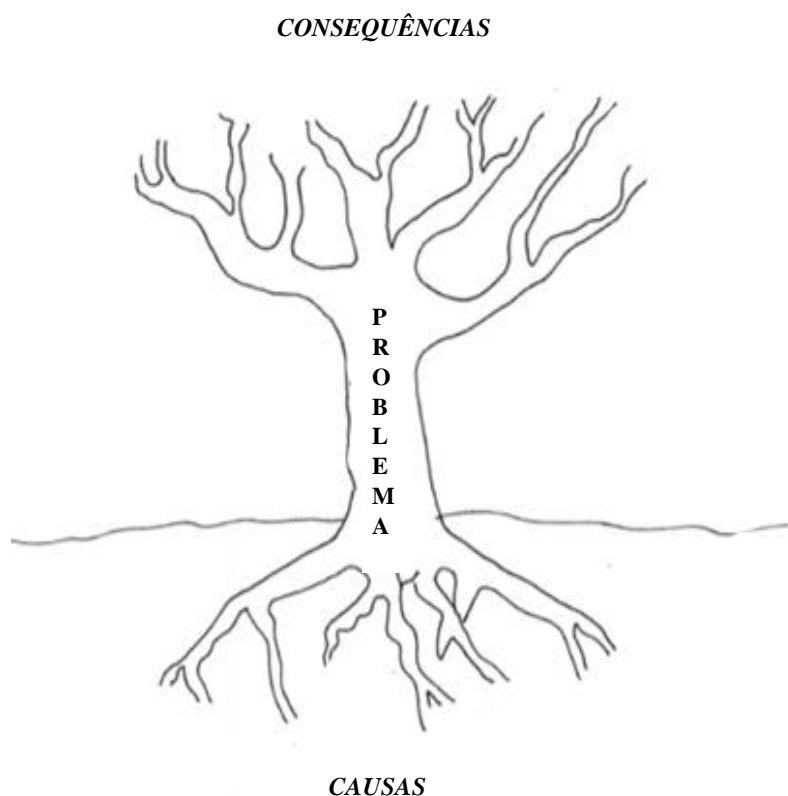
PROBLEMAS	BAIXA PARTICIPAÇÃO 1	DIFICULDADES NA GESTÃO 2	EVASÃO DE ASSOCIADOS 3	FALTA DE UMA SEDE 4	MANUTENÇÃO FINANCEIRA 5
BAIXA PARTICIPAÇÃO 1	–	–	–	–	–
DIFICULDADES NA GESTÃO 2		–	–	–	–
EVASÃO DE ASSOCIADOS 3			–	–	–
FALTA DE UMA SEDE 4				–	–
MANUTENÇÃO FINANCEIRA 5					–

PROBLEMAS	QUANTAS VEZES APARECEU	ORDEM DE PRIORIDADE
1 - BAIXA PARTICIPAÇÃO		
2 – DIFICULDADES NA GESTÃO		
3 – EVASÃO DE ASSOCIADOS		
4 – FALTA DE UMA SEDE		
5 – MANUTENÇÃO FINANCEIRA		

## APÊNDICE F – Árvore de encadeamento lógico

Objetivo: Analisar a relação de causa-efeito de vários aspectos de um problema previamente determinado. Identificar e analisar um problema estabelecendo causas e consequências. O problema se encontra no tronco; as raízes da árvore simbolizam as causas do problema e os galhos representam os efeitos (consequências).

Inicia-se definindo o problema no tronco da árvore, e posteriormente devem ser preenchidos com possíveis causas (raízes) e efeitos (galhos) do problema. Pode ser realizado individualmente uma árvore para cada problema e deve-se estabelecer ordem de prioridade dos problemas identificados. Posteriormente o grupo se reúne em roda de conversa e a cada problema identificado é realizado o ajuste com a opinião de todos. Quando o grupo estiver de acordo com a colocação dos cartões, estes são fixados na árvore. Pode-se colocar os problemas em ordem de prioridade



Fonte: Adaptado de Barton, et al, 1997.

## APÊNDICE G – Associativismo

O que é associativismo para você?	
Associado	Resposta
A1	“É um meio de organizar se em um coletivo de indivíduos, que colaboram com as mesmas intenções para desenvolverem atividade e ações que visam um sistema sustentável e igualitário.”
A2	“Consiste na organização social voltada para potencializar o poder de influência política, de tomada de decisões, de acesso a recursos financeiros, de trabalho coletivo, etc. Compartilhando experiências, infraestrutura, equipamentos, força de trabalho, ou seja, coletivizando os recursos financeiros, humanos, ambientais, intelectuais, materiais.”
A3	“É a mobilização formal de pessoas com algum objetivo comum.”
A4	“O associativismo é uma forma de fortalecimento para pessoas que tenham objetivos comuns.”
A5	“É uma forma de se organizar com pessoas de origens diferentes em torno de um objetivo comum, compartilhando energias, ideias, recursos, ferramentas... É uma forma de agir de uma maneira (um pouco) independente do sistema política e econômico no poder, e de tentar propor uma organização que corresponda aos desejos, capacidades e à evolução dos associados e associadas.”
A6	“Pessoas com objetivo de ajudar outras pessoas.”
A7	“São pessoas com o intuito de ajudar a um projeto ou ideia pra somar em uma comunidade.”
A8	“É a reunião de pessoas que queiram trabalhar cooperativamente em uma associação.”
A9	“A capacidade de caminharmos juntos, agindo localmente, para conseguirmos propor melhorias para nossa região.”
A10	“Ser presente na associação e disposto a ajudar tanto nas ideias quanto nos projetos do coletivo.”
A11	“É um coletivo burocratizado de pessoas que se juntam com um fim em comum, oficializando essa união. Com a obtenção de um CNPJ esse coletivo tem alguns benefícios como poder participar de editais de projetos.”
A12	“Pessoas que se unem por um objetivo em comum.”
A13	“Atuar por um objetivo social através de uma associação.”

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

### APÊNDICE H – Participação na associação

Quais foram seus motivos para participar dessa associação?	
Associado	Resposta
A1	“Necessidade de se unir a outros para com o desenvolvimento local do município”
A2	“Primeiramente ideológicos, através das diversas formas de associativismos podemos nos apoiar umas aos outros e aumentar o alcance das nossas ações, beneficiando um grupo de pessoas ao invés de pensar somente sobre uma ótica individualista”
A3	“A Associação Ecoletivo tem como objetivo fortalecer a produção ecológica com alimentos orgânicos, através de educação e ações conjuntas de consumidores, produtores e profissionais qualificados, fortalecendo técnicas do uso correto do solo, materiais sustentáveis, formação cultural e social, cuidado com a saúde através de tratamento alternativo ao uso de medicamentos alopatas e saneamento básico, minimizando impactos ambientais negativos e ressaltando os positivos”
A4	“Colaborar de alguma forma; compreender os mecanismos de uma associação”
A5	“Fui uma das idealizadoras da associação, no intuito de criar uma entidade que permitisse captar recursos e criar parcerias no campo da agroecologia abrangendo todos os campos que ela inclui (agricultura e sustentabilidade, mas também economia solidária, cultura, igualdade social, racial, de gênero)”
A6	“Estou passando por fase difícil, mas ajudar tem me feito muito bem”
A7	“Apenas ajudar a somar”
A8	“Fortalecer o desenvolvimento de propriedades que trabalham com Agroecologia”
A9	“Conhecendo o trabalho desenvolvido por cada um dos Associados e seus princípios ficou evidente que uma associação com esses atores resultaria em bons frutos”
A10	“Ganhar força nos projetos que acredito serem transformadores para nossa sociedade”
A11	“Envolvimento nas melhorias para a comunidade de Rio Pomba”
A12	“Fortalecer os projetos de Agroecologia, Ecopedagogia, Permacultura e Cultura que sonhamos realizar em Rio Pomba”
A13	“Tenho intenção de viver numa comunidade e produzir meu alimento e estaria amparada por uma associação e colaborando também com outros na mesma situação”

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

### APÊNDICE I – Situação da associação

Como você avalia a atual situação da associação?	
Associado	Resposta
A1	“Mediana devido ser uma associação com pouco tempo de vida e seus integrantes estão se integrando aos poucos, conforme seus tempos”
A2	“Após mais de dois anos do início dos primeiros encontros, para discutir e viabilizar a formação da associação ainda nos encontramos nos estágios iniciais de organização social, começando agora a visualizar a possível concretização das primeiras ações, através da parceria para o uso da escola rural e possibilidade de poder concorrer em editais para acessar recursos”
A3	“Está em formação, com grande possibilidade de êxito”
A4	“Em fase inicial e com perspectivas de melhora”
A5	“Tá no início ainda. Mas acho que tá se construindo. Penso que faltam iniciativas. Mas é normal no início”
A6	“Ajudante pouco participativa”
A7	“Pouco colaborativa por conta da falta de trabalho pra mim”
A8	“Iniciando os trabalhos, mas caminhando bem”
A9	“Acho que ela tem muito potencial, associados dispostos, e uma certa quantia de dinheiro possível de se iniciar projetos, porém, por algum motivo, os projetos se encontram caminhando de forma lenta, não estão parados, mas estão se desenvolvendo com dificuldades”
A10	“Em fase de construção”
A11	“Pouca motivação e participação dos associados, porém atingindo os objetivos”
A12	“Vejo que estamos no começo, nos estruturando ainda, alguns associados saíram, outros não moram em Rio Pomba e a maior parte é estudante que está envolvido em muitos projetos ao mesmo tempo. Isso acaba resultando na baixa participação dos associados o que pode frustrar alguns. Mas acredito que quem está mais envolvido agora sejam os pioneiros que prepararão o terreno que será cultivado mais tarde”
A13	“Está no início ainda e aos poucos irá se desenvolver. Existe ainda uma instabilidade na composição dos participantes, mas acredito que isto, com o tempo irá se fortalecer”

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

## APÊNDICE I – Relacionamento entre Diretoria e associados

Como é o relacionamento entre a Diretoria e os associados?	
Associado	Resposta
A1	“Considero boa mediante a comunicação e o desenvolvimento dos trabalhos”
A2	“Extremamente próximo, diretoria e associados são um só organismo, não existe hierarquia e todos tem poder de voz e influência nas decisões. A capacidade de participação está muito mais ligada a presença física nos espaços de planejamento e execução das ações assim como dedicação as atividades da associação”
A3	“É muito saudável. A diretoria é muito comunicativa e possibilita participação constante dos associados “
A4	“Muito bom, com abertura para opiniões e decisões coletivas em todos os aspectos”
A5	“Acho que tem gente da Diretoria que nem sabe que está nela. É legal (porque a ideia era todo mundo ser da Diretoria) mas ao mesmo tempo é um pouco problemático. Precisamos que cada um se sinta responsável, mas também que cada função seja cumprida por quem a representa, senão todo mundo acaba esperando que os outros façam”
A6	“O relacionamento é tranquilo, nada demais”
A7	“Ótima acredito”
A8	“Posso opinar pouco, mas sempre tive uma boa relação”
A9	“há uma grande amizade entre associados e diretoria”
A10	“Muito bom”
A11	“Amizade. É uma relação horizontal”
A12	“Muito próximo”
A13	“Não existe nenhuma distância. Estamos todos juntos”.

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

### APÊNDICE J – Importância da participação na associação

Qual a importância da sua participação na associação?	
Associado	Resposta
A1	“Como a de todos, é muito importante para que possamos auxiliar uns aos outros precisamos de sermos participativo”
A2	“Sou uma das suplentes do setor financeiro, e estou responsável pelo desenvolvimento da identidade visual e produção das artes gráficas de promoção da associação. Estive um pouco afastada no último ano, por estar sobrecarregada com atribuições pessoais”
A3	“Tenho procurado participar dos eventos que são propostas e venho aplicando alguns conhecimentos na minha pequena propriedade para servir como piloto para a região”
A4	“Todos são importantes, todos podem criar formas de ajudarem a associação em conseguir alcançar seus objetivos”
A5	“...tenho um papel de organização e mediação, porque já participei de duas associações; acho que ajuda muito ter alguém que tenha esse papel”
A6	“Acredito que pra somar nas atividades”
A7	“Com o tempo relatarei melhor”
A8	“Pouca, por motivos pessoais estive distante dos projetos da associação e das reuniões”
A9	“Posso auxiliar na questão agrônômica e como fiz de Rio Pomba minha morada acredito que minha participação será duradora; minha residência é próxima da sede da associação”
A10	“contribuição nas atividades e ideias, principalmente em questões da minha área profissional”
A11	“...embora não exerça muitas funções na prática vejo que só de estar presente nas reuniões já fortalece nessa fase estrutural da associação”
A12	“Muito pouca, tenho participado muito pouco das reuniões e das atividades”
A13	“Estou começando agora e minha participação ainda é pouca mas quero com o tempo ser mais atuante”

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

**APÊNDICE K – Desenvolvimento local sustentável (continua)**

Para você o que é desenvolvimento local sustentável e o que você faz para o desenvolvimento local da sua região?	
Associado	Resposta
A1	“É desenvolver tecnologias e técnicas que priorizem o manejo adequado dos recursos naturais, que faça uma economia circular, que incentive o resgate de conhecimentos tradicionais do qual incentive os cultos coletivos e ambientalmente correto e promova a transição agroecológica”
A2	“Desenvolvimento local sustentável é aquele que proporciona a melhoria das condições ambientais, sociais e econômicas de uma comunidade. Proporcionando a preservação e recuperação do meio ambiente, o fortalecimento das relações sociais de forma inclusiva e democrática, celebrando a diversidade cultural, garantindo geração de trabalho/renda e acesso recursos financeiros para toda a população de forma igualitária. Para o desenvolvimento da minha região eu ainda faço muito pouco, busco estar me capacitando para poder realizar ações mais efetivas no futuro, por enquanto faço diversos trabalhos voluntários (em sua maioria), compartilhando meus conhecimentos e capacidades profissionais, sendo participativa nos processos coletivos, e dando o melhor possível de mim em cada atividade por menor que seja”
A3	“É procurar sempre aprender e praticar no local que estou, todas as formas de reduzir o consumo (energia elétrica, combustível, água, papel), melhorar o relacionamento humano(exemplo no trânsito) apoiar e praticar ações que afetam as condições humanas e que um pouco também o planeta, uso dos meios naturais: solo, plantas e água, sabendo que tudo que faço altera o ambiente. Acredito que faço um pouco de cada, inclusive unindo com outros através de Comitê de Bacias, Comissão de Educação Ambiental e Associativismo”
A4	“O desenvolvimento local sustentável é o desenvolvimento equilibrado, justo, equitativo, uma forma de desenvolvimento que evita desigualdades e agressões ao ambiente”
A5	“É valorizar os potenciais da região, tanto em termos de moradores (produção e os profissionais), quanto de recursos naturais, potencialidades regionais (turismo por exemplo, ou produção leiteira, ou audiovisual no caso do polo audiovisual da zona da mata), com retorno financeiro para a região mesmo e seus moradores”
A6	“Desenvolvimento local e sempre fazer a minha parte e atuar em ideias pra fazer a diferença no meio ambiente e na minha região não há muito o que fazer porque moro num bairro que ainda não vi nada pra somar nele”
A7	“Acredito que cada fazendo sua parte em relação ao lixo já é um começo e na minha região faço tudo o que posso por que muitas coisas não dependem de mim e sim da comunidade toda”

A8	<p>“Desenvolvimento local sustentável é algo que contribua para melhorias na qualidade de vida local, seja de plantas, animais, ou pessoas, levando em consideração diferentes aspectos, como por exemplo, econômico, ambiental, bem-estar, e acesso à saúde. Tenho pouco tempo vivendo em Rio Pomba, estou há 6 anos na universidade com previsão de me formar em 2,5 anos, o que me faz precisar focar um pouco em mim, não me permitindo atuar como gostaria em ações para o desenvolvimento local, porém mesmo assim, utilizo do meu espaço principal de atuação, a Academia, para contribuir localmente. Participo ativamente de dois projetos, um de extensão e um de pesquisa, que contribuem para o desenvolvimento local sustentável. Na extensão, participo da Rede Mãos à Horta, uma rede de prossumidores que vêm há 4 anos aproximando produtores e consumidores, conscientizando os mesmos sobre soberania alimentar, alimentação saudável, agroecologia, etc. Fazemos isso a partir de um espaço físico (uma barraca) semanal na feira municipal de Rio Pomba, que ocorre todos os sábados, e por meio da entrega de Cestas de alimentos, como estratégia de maior segurança de venda para agricultores da região. Na pesquisa em que faço parte, sou responsável por levantar dados dos preços de 14 produtos do setor hortifrutigranjeiro local, a partir de três diferentes vias de escoamento (Feira livre, 3 hortifrutigranjeiros, PNAE - Programa Nacional de Alimentação de Escolas), com o objetivo de apresentar por meio de cartilhas de fácil acesso, qual a via de melhor escoamento da produção para agricultores locais, e questionar ao consumidor, se alimentos de base ecológica e frescos são acessíveis ou não. Além disso, faço parte do NEA- Núcleo de Estudos em Agroecologia, que atua na região da Zona da Mata com oficinas, eventos e palestras realizadas na região da Zona da Mata”</p>
A9	<p>“Para mim desenvolvimento rural sustentável é a produção agrícola agroecológica, a qual geramos renda sem destruir nossos recursos naturais. Tento propor, na prática, tecnologias sociais como sistema agroflorestais e divulgação da permacultural”</p>
A10	<p>“É conscientizar a comunidade para o uso integral e sem excessos de todos os produtos para comércio ou consumo próprio”</p>
A11	<p>“É o manejo ecológico do solo, das águas e das matas. Nos últimos dois anos não tenho feito muito, estou mais envolvida na tarefa de cuidar de um bebê”</p>
A12	<p>“É o desenvolvimento de atividades que estão de acordo com as necessidades de respeito ao ambiente, que tenha um papel social e que seja economicamente viável”.</p>
A13	<p>“Seria valorizarmos os produtores da região onde os produtos teriam um menor custo. Eu procuro comprar os produtos orgânicos da rede e os beneficiados aqui, porém a oferta ainda é deficiente. Divulgar mais”.</p>

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

### APÊNDICE L – Melhorias na Associação

O que você acredita que pode melhorar na Associação?	
Associado	Resposta
A1	“O desempenho das participações dos associados, que se sintam a real necessidade de colaborar com um projeto de cunho coletivo, porém vejo que ainda estamos no início onde a maturidade vem com o tempo”
A2	“Melhor organização interna, mais comprometimento de todos os associados, mais tempo de dedicação para as ações da associação, maior profissionalismo nas atividades desempenhadas, reconhecimento social dos potenciais de mudança, acesso a recursos financeiros”
A3	“Colocar em prática o que está sendo planejado, além do que já vem sendo realizado. Tudo a seu tempo”
A4	“Maior participação nas reuniões, maior participação em editais, fortalecimento dos grupos envolvidos nos projetos, melhor comunicação”
A5	“Fazer projetos”
A6	“Mais participação das partes envolvidos”
A7	“Divulgar mais para ter mais associados”
A8	“O acesso a Editais que financiem projetos concretos de atuação na região”
A9	“Uma maior participação de todos os associados”
A10	“A participação e divisão das tarefas”
A11	“A participação dos membros. Acho que se tivessem reuniões mais espaçadas, a cada 2 meses, já ajudaria, pois vejo que algumas reuniões se tornam repetitivas por não estarmos ainda com nenhum projeto rolando”
A12	“Da minha parte ser mais participativo”
A13	“Divulgar mais para ter mais associados”

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

### APÊNDICE M – Oportunidades citadas no Diagrama pelos associados participantes

AS1	<p>Empoderamento da comunidade.          Conhecimento de tecnologias sustentáveis.          Lazer local.          Crescimento cultural.          União entre os moradores          Melhoria na qualidade ambiental da região.          Cuidados preventivos com a saúde.</p>
AS2	<p>Criar projetos em conjunto, com habilidades e interesses diferentes refletindo as origens variadas dos associados.          Integrar estudantes, agricultores e agricultoras, professores, artistas, profissionais de diversas áreas, em um projeto comum.          Revalorizar a zona rural, as culturas tradicionais, as sabedorias locais.          Trabalhar com mulheres da zona rural e zona urbana, criar um grupo de mulheres.          Trabalhar com crianças da zona rural e urbana. Trazer crianças da cidade na roça.          Levar projetos para as crianças na cidade (tipo fazer horta escolar).          Fazer eventos festivos, comemorativos, projeções, festas, utilizando o espaço da escola.          Organizar diversos tipos de oficinas.          A longo prazo, pensar em reabilitar a escola e fazer uma EFA de ensino fundamental.</p>
AS3	<p>Produtores que querem buscar a transição para a agroecologia, trabalhar junto a eles.          Trabalhar com construção de fossas BET, onde um projeto financie sua aplicação.</p>
AS4	<p>Desenvolvimento de atividades acadêmicas, culturais, socioambientais, econômicas com a comunidade do Bom Jardim e outras.          Trocas de experiências entre agricultores, discentes, docentes, consequentemente integração e harmonização entre sociedade rural e urbana, Instituto e outras entidades como a Prefeitura de Rio Pomba.</p>
AS5	<p>Estar na zona rural, comunidade com história familiar na terra.</p>
AS6	<p>Parceria com Prefeitura e Instituto.          Editais de financiamento e doações.          Trabalho voltado para comunidades locais.</p>
AS7	<p>Comunidade bom jardim.          Integração das partes interessadas.          Fortalecimento dos envolvidos.          Promoção do desenvolvimento local sustentável.          Ampliação das relações sociais com a comunidade.</p>
AS8	<p>Terms um Instituto Federal com um Curso de Agroecologia e outros na área de agrárias          Crescimento da busca da sociedade por alimentos e pensamentos mais saudáveis.          Apoio da prefeitura.          Próximo da UFV/ Grupos da UFV.          Conhecimentos de tecnologias sustentáveis.</p>
AS9	<p>Valorização da comunidade rural.          Maior conhecimento da sociedade em relação à agroecologia.          Abrangência de todas as faixas etárias nos projetos.          Valorização das atividades culturais.          Oportunidade de o aluno em agroecologia atuar em sua área profissional.</p>

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

### APÊNDICE N – Ameaças citadas no Diagrama pelos associados participantes

AS1	<p>Possibilidade de desinteresse da comunidade</p> <p>Atrito entre o sistema tradicional e o proposto.</p> <p>Envolvimento de terceiros, desviando a finalidade da proposta.</p>
AS2	<p>Dependência do poder político municipal para a disponibilização da escola.</p> <p>Dificuldades em captar verbas para realizar os projetos.</p> <p>Possíveis conflitos ligados a ideologias / visões políticas diferentes entre os membros.</p> <p>Críticas possíveis dos moradores da comunidade se não respeitar a cultura local, se não corresponder ao que for esperado, se não buscar conhecer muito bem as demandas.</p> <p>Contexto político muito conservador de forma geral que pode atrapalhar muito, principalmente na busca de recursos financeiros.</p>
AS3	Grandes empresas do agronegócio.
AS4	<p>Falta de apoio de políticos ou com interesses contrários;</p> <p>Desleixo ou descaso com o espaço físico da escola municipal, não garantindo pelo menos segurança, higiene.</p>
AS5	Dependência da prefeitura para liberar o espaço da escola, dependência do comodato, risco de mudar o contrato conforme muda a gestão municipal.
AS6	<p>Falta de credibilidade</p> <p>Crise econômica - corte de verbas</p> <p>Aumento de juros para financiamento</p>
AS7	<p>Comunidade Bom Jardim (os que não entendem associação)</p> <p>Dificuldades com a Prefeitura</p> <p>Falta de interesse da comunidade do Bom Jardim</p>
AS8	<p>Sistema político que está se instalando</p> <p>Falta de interesse da comunidade do entorno pelas questões agroecológicas</p> <p>Produção agropecuária convencional</p>
AS9	<p>Desinteresse da comunidade</p> <p>Contexto político limitado e impositor</p> <p>Falta de apoio das instituições em parceria</p>

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

### APÊNDICE O – Potencialidades citadas no Diagrama pelos associados participantes

AS1	Várias propostas de projetos Demonstração de interesse muito ativo entre os membros. Necessidade eminente de organização para a melhoria de renda da comunidade estimula a participação dos membros da associação.
AS2	Diversidade dos associados e associadas Contexto atual de busca para alternativas de vida, de produção, de valorização do campo. Necessidade dos moradores e moradoras do campo de se sentir valorizados, de ser apoiados, de ter locais de encontros, atividades dedicadas, oportunidades de trocas.
AS3	União e trabalho em equipe
AS4	Trocas de conhecimentos e experiências, união, espaços de lazer, mutirões, trabalhos voluntários, educação ambiental, consultoria agrícola, saneamento ambiental rural, compostagem, reciclagem, entre muitas outras coisas.
AS5	Pessoas jovens com pensamentos alinhados
AS6	Trabalho coletivo parceria entre associados Associados são profissionais de diversas áreas
AS7	Realização de oficinas Associados com diversas atividades Mutirões (ações coletivas)
AS8	Alguns associados já se estabeleceram na cidade e pretendem ficar Temos uma sede na zona rural Vereador e professores do Instituto como associados Temos dinheiro em caixa Muitas propostas interessantes
AS9	Desenvolvimento intelectual e material da associação Disponibilidade de trabalho coletivo Propostas e projetos a serem efetuados Troca de experiências

Fonte: Dados da Pesquisa (2019).

### APÊNDICE P – Problemas citados no Diagrama pelos associados participantes

AS1	Dificuldade de manutenção financeira de membros. Os que ainda são estudantes não têm residência fixa. Falta de iniciativa por parte de todos os envolvidos
AS2	Poucos membros com experiência em associativismo, portanto dificuldades potenciais para administrar a associação. Saída de vários membros, que pode acabar prejudicando muito o funcionamento.
AS3	Falta de uma sede, mas está sendo resolvido
AS4	Possível falta de comprometimento ou outras prioridades a se fazer dos integrantes; Ainda não possui um espaço físico reconhecido; Possível falta de capital para realizar algum projeto ou obter algumas ferramentas necessárias.
AS5	Falhas na comunicação Pouco dinheiro para investimentos
AS6	Associados têm diversas outras atividades (falta de tempo para dedicar à associação) Impermanência dos Associados na cidade (muitos são estudantes) Necessidade de gerar renda
AS7	Falta de uma sede Participação dos associados Evasão dos associados Gestão Recursos financeiros Divergências ideológicas/políticas
AS8	Alguns associados estudantes que podem possivelmente sair da cidade após finalizarem o curso Diferença de horários e prioridades dos associados Muito trabalho e investimento para reestruturar nossa sede
AS9	(Não) participação dos membros Poucos membros associados

Fonte: Dados da Pesquisa (2019).

## ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
LAVRAS



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** DIAGNÓSTICO COM TÉCNICAS DE PLANEJAMENTO NA ASSOCIAÇÃO AGROECOLÓGICA ÉCOLETIVO EM RIO POMBA, MG

**Pesquisador:** RENATA WERNECK RODRIGUES

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 03990218.1.0000.5148

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de Lavras

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.090.428

#### **Apresentação do Projeto:**

Atende às exigências éticas, assim como os elementos constitutivos de um projeto de pesquisa científico.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Apresenta clareza e adequado delineamento.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Atendem às exigências éticas.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Apresenta relevância e coerência científica.

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Atendem às exigências éticas.

#### **Recomendações:**

Não há, apenas uma singela sugestão, um trabalho científico supõe um cronograma de atividades, contudo, não identifiquei no referido projeto.

#### **Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não existem.

**Endereço:** Campus Universitário Cx Postal 3037

**Bairro:** PRP/COEP

**CEP:** 37.200-000

**UF:** MG

**Município:** LAVRAS

**Telefone:** (35)3829-5182

**E-mail:** coep@nintec.ufa.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
LAVRAS



Continuação do Parecer: 3.090.428

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Ao Final do experimento o pesquisador deverá enviar relatório final, indicando ocorrências e efeitos adversos quando houver.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1263329.pdf	04/12/2018 23:37:35		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoRenataWerneckRodrigues.pdf	04/12/2018 23:33:35	RENATA WERNECK RODRIGUES	Aceito
Outros	APENDICEEArvoredeencadeamentologico.pdf	04/12/2018 23:00:34	RENATA WERNECK RODRIGUES	Aceito
Outros	APENDICEDMatrizdeHierarquizacao.pdf	04/12/2018 22:59:58	RENATA WERNECK RODRIGUES	Aceito
Outros	APENDICECDiagramaFOFA.pdf	04/12/2018 22:59:29	RENATA WERNECK RODRIGUES	Aceito
Outros	APENDICEBQuestionarioparaAssociados.pdf	04/12/2018 22:58:55	RENATA WERNECK RODRIGUES	Aceito
Outros	APENDICEAEntrevistacomDiretoria.pdf	04/12/2018 22:48:06	RENATA WERNECK RODRIGUES	Aceito
Outros	4DeclaracaoAutorizacaoRenataWerneckRodrigues.PDF	04/12/2018 19:22:07	RENATA WERNECK RODRIGUES	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRostoRenataWerneckRodrigues.pdf	04/12/2018 13:16:31	RENATA WERNECK RODRIGUES	Aceito
Outros	3Declaracaoassociacao.pdf	03/12/2018 13:11:36	RENATA WERNECK RODRIGUES	Aceito
Outros	2ComentarioseticosRenataWerneckRodrigues.pdf	03/12/2018 11:09:34	RENATA WERNECK RODRIGUES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	1TCLERenataWerneckRodrigues.pdf	03/12/2018 11:09:04	RENATA WERNECK RODRIGUES	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

Endereço: Campus Universitário Cx Postal 3037  
 Bairro: PRP/COEP CEP: 37.200-000  
 UF: MG Município: LAVRAS  
 Telefone: (35)3829-5182 E-mail: coep@nintec.ufa.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
LAVRAS



Continuação do Parecer: 3.090.428

LAVRAS, 18 de Dezembro de 2018

---

Assinado por:  
Giancarla Aparecida Botelho Santos  
(Coordenador(a))

Endereço: Campus Universitário Cx Postal 3037  
Bairro: PRP/COEP CEP: 37.200-000  
UF: MG Município: LAVRAS  
Telefone: (35)3829-5182 E-mail: coep@nintec.ufla.br

## ANEXO B – LEI 23.207 DE 27 DE DEZEMBRO DE 2018



Entenda a norma

LEI 23207, DE 27/12/2018 - TEXTO ORIGINAL

Institui o Polo Agroecológico e de Produção Orgânica na região da Zona da Mata.

### **O GOVERNADOR DO ESTADO DE MINAS GERAIS,**

O Povo do Estado de Minas Gerais, por seus representantes, decretou e eu, em seu nome, promulgo a seguinte lei:

Art. 1º – Fica instituído o Polo Agroecológico e de Produção Orgânica na região da Zona da Mata, com o objetivo de promover e incentivar o desenvolvimento da agroecologia e da produção orgânica na região.

§ 1º – Para os fins desta lei, considera-se Zona da Mata os Territórios de Desenvolvimento Mata e Caparaó, definidos no Anexo III da [Lei nº 21.967, de 12 de janeiro de 2016](#).

§ 2º – As ações governamentais relacionadas ao polo de que trata esta lei serão realizadas no âmbito da Política Estadual de Agroecologia e Produção Orgânica – Peapo –, de que trata a [Lei nº 21.146, de 14 de janeiro de 2014](#).

Art. 2º – As ações governamentais relacionadas ao polo de que trata esta lei observarão os seguintes princípios:

- I – desenvolvimento sustentável;
- II – participação e protagonismo social;
- III – preservação ambiental com inclusão social;
- IV – segurança e soberania alimentar;
- V – diversidade agrícola, biológica, territorial, paisagística e cultural.

Art. 3º – As ações governamentais relacionadas ao polo de que trata esta lei observarão as seguintes diretrizes:

- I – fomento aos sistemas de produção agroecológicos e orgânicos consolidados e em transição agroecológica e orgânica;
- II – valorização da agrobiodiversidade e incentivo à implantação e ao fortalecimento de sistemas de produção diversificados;
- III – estímulo à diversificação da produção agrícola e da paisagem rural;
- IV – promoção da utilização dos recursos naturais com manejo ecologicamente sustentável;
- V – transversalidade, articulação e integração das políticas públicas estaduais relativas à agroecologia e à produção orgânica e entre os entes da federação;
- VI – estímulo ao consumo de alimentos agroecológicos e orgânicos, por meio de promoção e divulgação de locais de abastecimento e por meio de investimentos na produção e no aumento da oferta de produtos;
- VII – consolidação e fortalecimento da participação e do protagonismo social em processos de garantia da qualidade dos produtos agroecológicos e orgânicos, em

metodologias de trabalho relativas ao desenvolvimento rural e ao manejo de agroecossistemas;

VIII – reconhecimento dos sistemas agroecológicos e orgânicos como passíveis de retribuição por serviços ambientais prestados pelos agricultores;

IX – fortalecimento das organizações da sociedade civil, das redes de economia solidária, das cooperativas, das associações e dos empreendimentos econômicos que promoverem, assessorarem e apoiarem a agroecologia e a produção orgânica;

X – apoio às pesquisas científicas, à sistematização de saberes e experiências populares, às metodologias de trabalho e ao desenvolvimento de tecnologias aplicadas aos sistemas agroecológicos e de produção orgânica;

XI – fomento à agroindustrialização, ao turismo rural e ao agroturismo, com vista à geração e à diversificação de renda no meio rural;

XII – apoio à comercialização de produtos agroecológicos e orgânicos e à ampliação do acesso a mercados diversificados, priorizando-se a organização de cadeias curtas, os empreendimentos cooperativos de economia solidária e as feiras de venda direta ao consumidor;

XIII – incentivo à permanência da população no meio rural e à sucessão nas propriedades rurais, por meio de políticas públicas integradas, associando a produção agroecológica e orgânica com a diversidade cultural e com a qualidade de vida no meio rural;

XIV – promoção de condições diferenciadas de acesso às políticas públicas para jovens e mulheres que vivam no meio rural;

XV – fomento à pesquisa e ao desenvolvimento de insumos agroecológicos e orgânicos, da qualidade de produtos agroindustrializados, das tecnologias e das máquinas socialmente apropriadas e consideradas como de baixo impacto ambiental;

XVI – apoio à geração e utilização de energias renováveis que contribuam para a eficiência energética no meio rural e para a minimização de impactos ambientais;

XVII – incentivo à gestão sustentável nas unidades produtivas;

XVIII – reconhecimento da importância dos movimentos de agroecologia, da agricultura familiar e dos povos tradicionais para a agrobiodiversidade e a segurança alimentar.

Art. 4º – As ações relacionadas à implementação do polo de que trata esta lei contarão com a participação de representantes dos agricultores familiares e das entidades públicas e privadas ligadas à produção e à comercialização de produtos agroecológicos e orgânicos.

Art. 5º – Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte, aos 27 de dezembro de 2018; 230º da Inconfidência Mineira e 197º da Independência do Brasil.

FERNANDO DAMATA PIMENTEL